Cinearte

ANNO V — N. 232
BRASIL, RIO DE JANEIRO, 6 DE AGOSTO DE 1930
Preço para todo o Brasil 1$000

RAQUEL TORRES

1930

RIO RITA
UM FILM TODO FALLADO EM HESPANHOL
COM
BEBE DANIELS
JOHN BOLES
Don Alvarado
SEGUNDA-FEIRA
DIA 11
NO
ELDORADO
IRFM
PROGRAMMA MATARAZZO

Instituto Freuder

Recebemos, gentilmente offerecidas pelo Instituto Freuder, de F. Eyer & Cia., amostras dos seus preparados **CESSATYL**, contra qualquer dôr e contra grippe, o qual tem a vantagem de não fazer mal ao estomago nem atacar o coração; **SYNOROL**, excellente pasta dental; **CALCEON**, para a calcificação ossea dos dentes muito recommendado para as creanças no periodo da dentição, e **Digestivo EYER**, especial para o estomago, productos já largamente conhecidos e apreciados em todo o paiz, onde o nome do Dr. Eyer goza do melhor conceito.

É provavel que a Fox faça *The Little Minister*, com Janet Gaynor no principal papel.

Leiam **O Tico-Tico** ás quartas-feiras, a melhor revista exclusivamente para crianças, editada pela S. A. "O Malho".

Convem saber!

Senhora! A Metrolina
Não existia antigamente.
Não se imagina:
Que lacuna premente!
A vossa intima hygiene se fazia
defeituosamente.

Surgiu, porém, a Metrolina, um dia!
Agora, sim!
A vossa intima hygiene já se faz
com um preparado que, para tal fim,
é optimo! Efficaz!

Neil Hamilton, tendo terminado o seu contracto com a Paramount, passou a ser um dos artistas *free lancing* de Hollywood.

✣ ✣ ✣

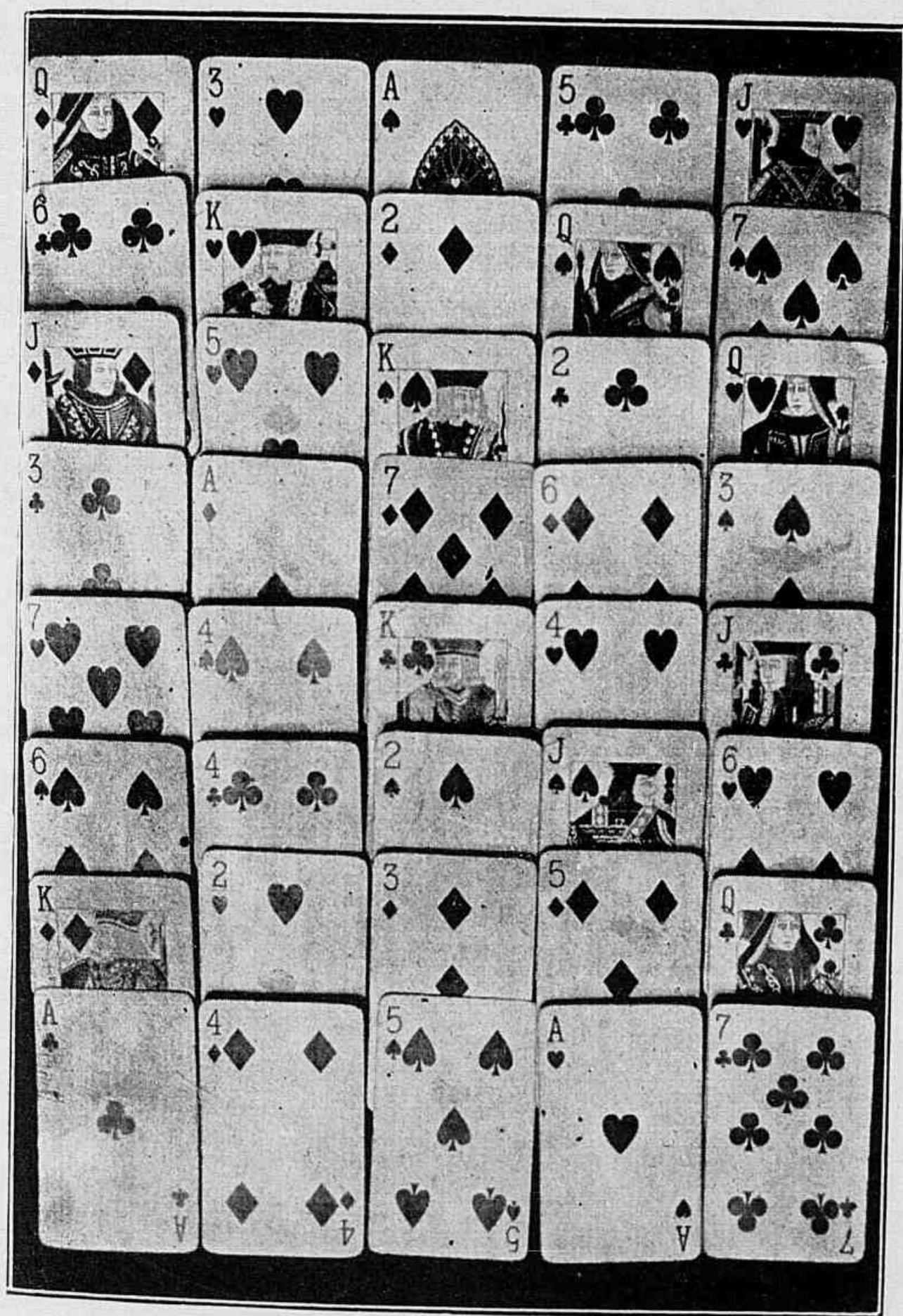
Bessie Love acaba de reformar o seu contracto com a M. G. M.

Sunny será o proximo vehiculo para Marillyn Miller. Será mais um film da First National.

\+ + +

Hobart Henley assignou um contracto de tres annos com a Warner Bros.

A United Artists está estudando a possibilidade de Lillian Gish dirigir diversos films para ella, na Europa, para a sua nova organização européa. A United Artists of Europe. Max Reinhardt será um dos componentes da Companhia, actualmente em formação.

O baralho magico

Para-todos... a revista elegante que todos conhecem está publicando uma original secção na qual, por meio das cartas, os leitores poderão descobrir seu futuro, prevendo o mal e o bem que lhes succederá. Nada custa a consulta e é tão simples fazel-a... Experimente o leitor e verá.

Dia 11 de Agosto no CAPITOLIO
DENNID KING, no papel de François Villon em
"O REI VAGABUNDO"
COM
Jeanette Macdonald e Lillian Roth: — Romance, acção e aventura — Musicas e canções lindissimas — Photographia em côres — Titulos em portuguez.
Paramount Pictures

Cinearte

UM dos muitos requerimentos de informações do deputado Mauricio de Lacerda veio por em fóco de novo a questão da censura theatral e cinematographica.

Quer saber aquelle representante da nação, excessivamente curioso, como foi creada essa censura, em que leis se baseou o governo para multiplicar o numero de censores, por que verba são pagos e que fim têm as sommas pagas por empresarios theatraes e cinematographicos pela censura de peças e films. Esta revista já se tem por varias vezes occupado do assumpto. Em tempos, mesmo, demonstrámos como era inconstitucional a taxa cobrada dos empresarios (5$000 por acto ou rolo de fita) que não fôra votada legalmente e consequentemente a ninguem poderia obrigar.

Dessas taxas viviam os censores outr'ora, era e... a sua exclusiva retribuição; mas por isso que o lucro era proporcional ao numero de films visto e, augmentando estes, tornou-se o cargo ambicionado.

A principio eram dous os censores; foram nomeados outros depois e, com algum geito, obtiveram do Congresso um ordenado fixo que juntaram á taxa, percebida directamente dos empresarios, mediante o simples *visto* autorizando a exhibição.

Houve, cremos, ao tempo em que era chefe de policia o marechal Fontoura, um pandego que "cavou" o logar de censor e, logo que lhe foi distribuido o serviço, dirigiu-se ao escriptorio da empresa (parece que foi a Universal) que lhe tocava e de um jacto, sem ver dos films nem as latas que os acondicionavam, poz o visto no programma do anno inteiro embolsando alguns contos de réis. O escandalo foi de tal vulto que o patusco foi immediatamente demittido. E' isso o que se conta.

O "visto", porém, foi mantido por isso que a Policia não podia ser desmoralizada.

São essas cousas que nos têm levado por mais de uma vez a pugnar pelo estabelecimento da censura como orgão official, não da policia mas da repartição autonoma, subordinada directamente ao gabinete do Ministro da Justiça e Negocios Interiores, e constituida á feição da que existe em paizes que mais a sério do que o nosso levam essas cousas.

Dir-se-á que entre nós a censura tem as suas funcções facilitadas pelo facto de virem para aqui os films produzidos em outros paizes, já censurados lá. Não colhe, essa razão por isso que a censura americana ou allemã, italiana ou franceza se extende apenas ás copias que lá devem ser exhibidos.

Para nós, como para outros paizes, vêm as copias taes como são feitas sem a intervenção de qualquer organização official que lhes apare os excessos.

E, mesmo que isso acontecesse, os criterios variam conforme os costumes e um film que fosse julgado excellente nos Estado Unidos ou na França poderia entre nós merecer a prohibição absoluta.

E' isso, aliás, o que tem levado muita gente a pensar na creação de uma censura internacional, destinada justamente a evitar que certas producções fossem feitas capazes de provocar as susceptibilidades de qualquer nação.

Uma paizagem de New Mexico do film de King Vidor, "Billy the Kid".

Continuamos a manter firmemente a nossa opinião de que é absolutamente necessario reformar a nossa censura, dando-lhe organização compativel com as nossas necessidades e de accordo com a nossa cultura e adeantamento.

E isso é tanto mais importante, quanto vae adquirindo incremento a producção nacional, que poderá exigir censura prévia dos scenarios, evitando prejuizos possiveis quando ella se fizer effectiva só depois de concluida a producção.

Quando destas columnas fizemos as primeiras observações sobre o assumpto, propugnando por essa reforma os mais indignados com isso foram os importadores de film—acreditavam que essa reforma só podesse trazer-lhes novos onus. O tempo se encarregou de mostrar quanta razão tinhamos. Raro é o Estado, do Brasil, em que não exista hoje uma censura local, confiada á policia. A variabilidade de criterio é enorme e cada film paga em vez de uma só vez á censura federal, cinco e dez vezes as censuras estadoaes. E isso só quanto ao augmento de despesas, sem falar nos cortes feitos aqui, ali, e além, que acabam aleijando inteiramente as cópias em exhibição Hoje os que se indignaram com as nossas palavras são os primeiros a reconhecer quanta razão tinhamos.

Por que motivo o Congresso, que até aqui tão pouco tem feito, não se occupa com esse assumpto?..

Cinema

Didi Viana muito concorre para o agrado do film com a sua figurinha interessante e curiosa, preparando-se para apresentar no grande film de que é estrella, "O preço de um prazer". Tamar Moema, Decio Murillo, Augusta Guimarães, Alfredo Rosario, Ivan Vilar, Gina Cavalliere, Maximo Serrano e outros, completam este elenco admiravel sob a direcção de Humberto Mauro que apresenta o melhor trabalho de sua carreira. Apesar de produzido num periodo de organização da "Cinédia", "Labios sem Beijos", é, incontestavelmente, o mais agradavel de todos os nossos films.

Rie Van de Rest, Miss Hollanda que breve estará no Rio para concorrer o titulo de "Miss Universo" no concurso organizado, pela "Noite", tambem se mostra uma grande enthusiasta do Cinema Brasileiro. Vejam de que maneira se expressou sobre o nosso Cinemazinho que já interessa mais do que se julga:

— Que farei, se fôr escolhida "Miss Universo"? Que farei? Ou ficarei no Rio de Janeiro, para tentar o Cinema Brasileiro, que muito promette, ou irei para Hollywood. O meu desejo de *fazer cinema* não admitte hesitação. A' "Miss Universo" serão abertas as portas tão pesadas de Hollywood, e que tantos sonhos têm desfeito...

O Cinema Brasileiro, ha tempos que vem chamando a attenção da imprensa do

Uma scena do film "A's Armas" da Cruzeiro do Sul de S. Paulo.

"Labios sem Beijos", a primeira producção da "Cinédia", como se sabe, está terminada e continua no periodo de corte para preparação da primeira copia. E cada sequencia, tem sido uma surpreza.

Interiores luxuosos, scenas de admiravel comicidade e sentimento, lindos idyllios, effeitos de luz, maravilhosos apanhados de machina, tudo emfim que se requer para um film completo.

Lelita Rosa tem-se revelado a maior figura do Cinema Brasileiro, pela sua personalidade fascinante e desempenho impeccavel. Além disso Lelita se apresenta com muita elegancia, em "toilettes" de bastante gosto. Temos certeza de que todos vão gostar de Lelita Rosa!

Ruy Galvão dirige uma scena de "Meu Primeiro Amor" com Gloria Santos e Ernani Augusto, mas Claudio Navarro é o operador...

Nita Palmer que figura em "No Scenario da Vida" da Liberdade Film.

Paulo Morano se revela tambem o melhor galã da actualidade.

Emilio Dumas e Crizetta Moreno numa scena de "Eufemia".

estrangeiro. Ultimamente, para provar esta asseveração. *La Cinematographie Française* publicou mais uma interessante e detalhada nota sobre o movimento do Cinema Brasileiro em geral. E, na propria Hollywood,

Brasileiro

The Internacional Film Reporter vem dando, ultimamente, noticias circumstanciadas, sobre o Cinema Brasileiro e, tambem, sobre problemas que ao mesmo se referem. E' director do *Internacional*, Desider Pek, que é um dos jarnalistas americanos que mais se interessam pelo movimento estrangeiro de Cinema. Esta é, sem duvida, a prova mais do que concludente de que o nosso Cinema já está interessando mais do que na realidade parece aos que não crêm...

— O —

Agenor de Barros, presidente da Phebo Brasil Film de Cataguazes esteve alguns dias no Rio onde veiu tratar de mais alguns detalhes da distribuição de "Sangue Mineiro" que está sendo feita pelo programma "Urania", e já dar as primeiras providencias para a producção de mais um film.

Agenor de Barros esteve em nossa redacção e tambem no Studio da "Cinédia", onde possivelmente vae ser filmada a proxima producção da Phebo que já nos deu "Na primavera da vida", "Thesouro perdido".

— O —

"Braza Dormida", "Symphonia de Cataguazes" e "Sangue Mineiro".

A proxima producção da Metropole Film de S. Paulo, productora de "Escrava Isaura" será de um romance brasileiro muito conhecido e que em tempos já foi filmado. Mas não é o "Guarany"!

— O —

Humberto Mauro está a procura de varios typos para a "Dansa das Chammas", inclusive o de uma ingenua. Chamamos a attenção de todos os candidatos.

— O —

Breve já veremos em sessão especial, "Meu primeiro Amor", film que Ruy Galvão está dirigindo com Ernani Augusto, Gloria Santos e Claudio Navarro.

Durante a filmagem de "Degráos da Vida".

Cleo de Verberena numa scena do film "O Mysterio do Dominó Preto".

Um pouco de

O melhor caminho para o coração do homem, é pelo estomago.

Dizem...

Bom pensamento, sem duvida. Mas...

Um dos bons, tambem, é uma bôa gargalhada...

Dizem.

São os segredos dos successos de Mary Brian com os rapazes. Não que ella não tenha outros attributos invejaveis, não. Porque é gentilissima. Lindissima. Muito moça. Famosa, como artista. E, ainda, com mais uma duzia e tanto de attractivos para o sexo masculino.

Mas não é tudo.

O anno passado, Mary começou a dar expansão ao seu humorismo. A's vezes, palavra, melhor do que as melhores anecdotas que conheço. E' ella responsavel, agora, pela éra do humorismo. Que se creou dentro do "lot" da Paramount. Diz piadas a todos. Sempre tem uma nova, para contar. Diverte immensamente os seus companheiros e tambem se diverte muito. Jamais é vista em companhia de cavalheiros que não riem... (Aqui entre nós... Infeliz Buster Keaton!...)

Todos querem figurar nos films de Mary Brian. Isto é. Todos que se sentem sufficientemente jovens. Sufficientemente alegres para comportarem as constantes piadas della. Já se chegou, mesmo, a recommendar o "set" de Mary Brian, como cura certa para figados doentes...

Um psychoanalysta, com certeza, classificaria Mary Brian assim.

— Creatura extravagante!

Mas ella é uma creatura feliz. Principalmente porque gasta bem pouco do seu precioso tempo pensando nas amarguras da vida... Mais imagina ella em humorismos. Do que em cousas serias. E, é logico, em Phillips Holmes e Jack Oackie. Encontra ella os melhores companheiros para as suas *bólas*. E, tambem, para as suas batalhas de trocadilhos e piadas.

Por exemplo. Um dia, entrando em seu camarim, Mary encontrou as cadeiras em cima das mezas. As mezas derrubadas. Os retratos virados para baixo. Tudo em desordem absoluta.

Pensou. Horas e horas. Talvez, mesmo, durante os idyllios do seu film em execução...

No dia seguinte, quando calçava suas botinas, Phillips Holmes sentiu que enfiava os pés em duas poças dagua...

Mary trabalha brincando. A brincadeira, na sua vida, é a cousa mais seria que existe... Tudo que não cheire a malandragem. Ella afasta de si, até aborrecida e impertinente, mesmo. Mas gasta, se foi preciso, um bom tempo. Arranjando diabolicos planos para se desforrar de *piadas* que seus companheiros tenham feito com ella...

— Já derrotei todos!

Contou-me ella.

— Agora só falta Phillips Holmes. O mais difficil delles. O de imaginação mais fertil...

Eu já conhecia, de ouvir contar, o divertidissimo espirito de Phillips Holmes. Mas Mary, afinal, é que melhorou este juizo...

— Qualquer cousa que se imagine. Aqui no Studio. Em materia de brincadeira. Ou parte de mim ou de Phil. Mas eu me preoccupo muito mais com elle do que com qualquer outro. Emquanto faziamos *Only the Brave*, com Gary Cooper. Eu levava desvantagem, para Phil, porque usava crinolinas e, assim, nem podia correr e nem podia me movimentar com facilidade. E, emquanto isto se deu. Approveitou-se elle da menor occasião...

— Mas eu imaginei a minha vingança. Uma vingança maravilhosa, creiam! Eu tinha uma scena com Phil. Na qual devia fugir delle. Com impeto. Chorando, convulsivamente. Pedi ao director que não gritasse "corta!", ao fim da scena. Para que Phil nada soubesse disso. Elle concordou commigo. E, mesmo, fez questão de não gritar, só para gosar o espectaculo. E, ahi, quando vi que as "cameras" haviam parado. E que não eram mais precisas as minhas lagrimas e as minhas expressões soffredoras. Ainda com lagrimas escorrendo pelo meu rosto. Eu alcancei Phil e o esbofeteei.

Mary ria-se, a valer, lembrando o facto.

— Elle ficou sem saber o que fazer. Elle nada ousava dizer, nem fazer. Tentou apenas segurar minha mão. Mas eu lhe dei com a outra, novo bofetão. Era uma grande vantagem que eu levava, sem duvida. Porque,

Mary Brian

é logico, elle não podia dar a represalia... Mas eu queria me desforrar de todas as *bólas* que elle me preparára durante as filmagens anteriores... E, chorando copiosamente, eu continuava a lhe arrumar valentes bofetões. Só depois disso é que elle começou a perceber que já tinha terminado a scena. E, assim, sahiu em disparada atraz de mim. Mas não me alcançou. Porque fui salva pela porta de meu camarim que se achava escancarada...

Mary, antigamente, não chorava e nem se emocionava. As suas scenas *choradas*, nos films, eram as suas maiores luctas. Mary achava-se, sempre, em conpanhia de rapazes, seus amigos, que não toleravam, nella, uma só lagrima. Assim, quando se approximava uma

scena sentimental e que requeresse lagrimas. Exigia, della, com certeza, os maiores e mais terriveis esforços para conseguir as lagrimas que tão avaramente o seu sentimento negava.

— Agóra, felizmente, em dois minutos abro uma choradeira tremenda! Mesmo que tenha terminado a melhor das minhas gargalhadas. Choro, em dois minutos. E' só começar a me espetar com o meu alfinete predilecto... Depois, vem o penteador ou a penteadora. Mas, coitados, nos primeiros dias deste meu processo. Já nervosa. Profundamente nervosa, mesmo. Eu os recebia com taponas e encontrões. Lembro-me, ainda, da primeira. Que jurou nunca mais me auxiliar... Agora, ja não ligam mais. Vão me arrumando, emquanto eu vou me emocionando e vou chorando, calmamente. A peor cousa, no emtanto, é quando se encontra alguem com instinctos consoladores. E' logico que ninguem deve consolar uma pessoa que chora. Deixe chorar! Mas, afinal, na vida ha tantos desses cacetes... Eddie Sutherland, caridoso, offereceu-me, certa vez, alguns lenços. Eu os atirei ao chão. E gritei, colerica e nervosa. "Deixe-me em paz!!!"

Eddie Sutherland, dos directores de films, é o mais cruel, no "set". E' de um humorismo causticante. De uma ironia a toda prova. A piada dos lenços era o diabo... Um dia, durante uma filmagem, elle infernisou Mary o dia todo. No fim delle, ella apenas lhe disse.

— Eddie, voce me pagará por isso...

A' tarde, a noiva de Eddie. Hoje sua esposa. Chegou ao "set". Para apreciar a filmagem, que terminava. E, depois, sahir em companhia delle.

Havia uma scena amorosa, com Mary Brian.

Eddie approximou-se della. Explicou-lhe o que tinha a fazer. Ella ensaiou. Tudo errado. Elle tornou a explicar. Ella tornou a errar. Elle se approximou.

— Mary, vamos fazer assim que é muito melhor.

E chegou-se bem proximo á ella, para lhe explicar a scena.

Nem suppunha o que lhe estava preparado.

Segundos depois, acabando de ouvir sua explicação, Mary exclamou, mais amorosa do que nunca.

(Termina no fim do numero).

TAMAR MOEMA A VAMPIRO DE

UMA VAMPIRO SEM BEIJOS! (*Photo Febus*)

— Vampiro?...
— Mas... Tamar?...
— Ella?...
— Tão delicada, meiga, suave?...
— Aquelle altarzinho de pureza para os joelhos vergados da prece dos nossos respeitos?...

Sim. Ella. Rostinho cahido para a esquerda. Olhos de mel, medrosos... Nem um sorriso. Só, pela pureza da testa. Pelo oratorio de lindos cabellos a lhe emoldurarem um rosto de ingenua.

Foi a vampiro de "Labios sem Beijos".

Vampiro?...

Não sei. O proprio Von Stroheim. Quando se esqueceu da vida. Para viver ao lado de Fay Wray. Por acaso não tinha, perto de si, uma ingenua que o prendia mais do que uma vampiro?...

Tamar Moema. A menina que sempre faz a gente escrever um diminutivo carinhoso para ella. Tem, no film, um papel de mulher.

Mulher. Bem fallado. Porque vampiro. E' a ficção do povo. Vampiro. Era aquella figura irreal e impudica. De Theda Bara ou Valeska Suratt. Depois que ellas ficaram. Na curva empoeirada do esquecimento. Continuou o nome que as definia. Injustamente. Porque, em certos films, embora destruindo lares. Estragando felicidades. Dorothy Revier ou Estelle Taylor. Não têm sido vampiras. Têm sido, apenas. Mulheres infelizes. Casquinhas de nozes á tempestade das paixões expostas. E nada mais...

Tamarzinha que a gente já aprendeu a querer bem. Porque é a imagem de um camafeu na moldura da vida. Foi escolhida para ser uma vampiro.

Dará?...

Accreditarão nella, como vampiro?...

Ainda é cedo para dizer.

Ella vae ser a mulher infeliz, do film. A mulher que tambem tem o direito de querer bem. Mas que recebe, afinal, despreso e pouco caso...

A mulher que fica chorando, atraz de uma porta. Depois que elle sáe, para sempre. Para os braços de outra... A mulher que vae ao cabaret. Sorrir. Mostrar alegria. Fingir sensualismo. Ser vitrine de máos instinctos... Para chorar. Depois. Quando perde aquelle que ama. Porque nem o direito de amar já tem... A mulher que se commove, ainda, com a "Traumerei", de Schumann...

Tamarzinha vae ser assim. Vae soffrer, seduzindo. Vae chorar, desmanchando a pintura exaggerada de seu rosto...

Ninguem accredita, não é?...

Mas é. Bem por isso é que affirmavamos que as vampiros não existem. Tamarzinha nunca poderá ser vampiro. Mas ella póde ser mulher... Póde. Isso que lhe aconteceu, no film. **Já tem sido o episodio quasi corriqueiro de mil e muitas e muitas Tamarzinhas deste mundo... Não é preciso ser Evelyn Brent. Nem usar peignoirs de plumas. Para parecer mulher. Basta um olhar. Uma caricia. Um modo differente de se estender num divan. Um angulo novo que estude de pertinho seus olhos de romance, sua alma de peccado...**

Conversamos com ella, durante intervallos de filmagem. Trajava um peignoir differente. Tinha um penteado differente. Calçava chinellinhos doirados. E, no coração, a emoção grande de uma estréa.

Estréa, sim.

Porque sempre a fizeram ingenua. Agora, "vampiro"... Não é estréa?...

Conversamos com ella. Ligeiramente. Emquanto fazia seu "lanche". E approveitando a curta licença que tinhamos do director Humberto Mauro.

Não lhe perguntamos muitas cousas. Apenas as poucas que podem interessar aos seus grandes admiradores.

Antes de aqui jogar suas maneiras de pensar, vae um commentario. Mas, antes de o fazermos. Pedimos que ninguem se aborreça...

Por algum tempo, Tamarzinha vae ficar no theatro. Seguiu, com a companhia de Raul Roulien, para o Norte. Numa excursão. Approveitou a "chance". Para viajar. Esquecer um pouco a tensão de seus nervos. E, tambem, para se mostrar aos seus grandes admiradores do Norte. Lerão, mais abaixo, que ella não foi porque prefira o theatro ao Cinema. E, sim, porque prefere estar activa, sempre, do que em descanço. E, assim, emquanto não chega sua nova occasião de se maquillar e de accompanhar as sequencias de um novo film. Com sua personalidade bonita. Vae representar em palcos do Norte do Brasil. Para ver, de perto, aquillo que sua grande correspondencia já ha muito affirma.

Ouçam-na, agora.

— Não quero deixar o Cinema. Vou fazer esta excursão ao Norte, com Raul Roulien e sua companhia. Porque quero representar. Quero viajar. Quero ganhar, tambem, o carinho dos meus Patricios de lá. Como já tenho daqui. E, francamente, o que mais me animou a isso. Foram as innumeras cartas que tenho recebido de Recife, São Salvador, Belém e de outros logares. Mas prefiro o Cinema. Delle não me afastarei. Emquanto precisarem de mim e emquanto acharem que posso agradar.

— Agora, realizando, afinal, o meu primeiro trabalho para

TAMAR MOEMA E PAULO MORANO NUMA SCENA DE "LABIOS SEM BEIJOS", DA CINÉDIA.

a téla. Porque, nos outros, fui infeliz. Não conseguindo terminar. Sinto-me extremamente contente. E, além disso, estreio justamente no papel que sempre quiz interpretar. Talvez se espantem. Talvez se riam de mim. Mas é exacto. Prefiro papeis de mulher. Quero ser vivaz. Quero ser alegre. Quero soffrer. Viver, finalmente... Porque, assim, estarei "representando". Os papeis de ingenua. Que me deram. E que me dêm. Eu os acceitarei. Mas serei eu mesma. Parada. Sorrisos ligeiros. Passos mal pisados. Uma candura eterna no sorriso. E, assim, mais acanhada ficarei. Menos desembaraço conseguirei. E eu quero ser artista. Por isso mesmo é que prefiro os papeis oppostos ao meu temperamento. Disse isso ao Gonzaga que aliás me descobriu num bonde e me poz no Cinema. Elle me fez varias considerações. Mas depois do meu trabalho. Deu-me toda razão e me offereceu o papel mais cheio de "it" de "O Preço de um Prazer". E se soubessem o quanto me senti satisfeita...

— Sinto-me bem, no Cinema Brasileiro. Melhor do que no theatro. Melhor do que em qualquer logar. Porque é o ambiente que me faz bem. Todos bons amigos. Trabalho agradavel, sem exigir esforço. Collegas bons. E papeis adequados ao que a gente quer.

— A artista de minha admiração é Didi Viana. E o artista, Celso Montenegro.

— Não tenho predilectos norte-americanos. Admiro o Cinema que elles fazem. Mas só me interessa o Cinema Brasileiro. Logo...

Labios sem beijos...

— Se amei?... Permitta-me que sorria... Eu já esperava a pergunta... Não amei, não. Nunca! Jamais senti meu coração preso ao de qualquer homem. A unica affeição de minha vida, tem sido minha Mãe. Eu tinha vontade de amar. Tinha, porque sinto que meu coração necessita o affecto bom de um homem de facto. Mas tenho medo do amor. Porque, ás vezes, elle traz alegrias. Satisfacções. Mas, em outras, tanta tristeza... Não será melhor nunca amar?...

— Nunca fiz, tambem, uma só scena de amor. No emtanto, são as que mais quero fazer... Porque o carinho que eu tenho em mim. E que meu retrahimento natural não permitte expor. E' immenso. Sendo artista e querendo morrer artista. Eu terei occasião de amar, para a téla. E ahi, então, poderei vasar todo meu sentimento no meu trabalho. Jamais tive, sobre os meus, os labios de um galã. Nem, mesmo, os de um villão... Será, tenho certeza, esse o momento mais emocionante de minha vida. Receio até fracassar... O papel que acabo de terminar. E' differente. E' ao meu sabor. Mas não chegou a ter um beijo. Não chegou a ter um carinho. Teve apenas sentimento. Um sentimento pisado e triste. Que eu senti, quando vivi as minhas scenas. Gosto do Cinema. Porque não tira tanto a illusão. Eu, quando estou diante de uma "camera". E que a sinto photographando o papel que estou vivendo. Esqueço-me da vida. Lembro-me, apenas, do meu papel. Vivo-o com todo meu sentimento.

— A flôr que prefiro?... A violeta. Porque é humilde. Pequenina. Vive escondida. E é a mais perfumada de todas...

— Meu divertimento predilecto é o Cinema. O unico, mesmo, que me faz bem.

— Meu passaro predilecto é a graúna. Tem um canto tão bonito...

— Outomno é a estação que prefiro. Porque é triste. Cheia de ventos e tempestades. A's vezes quente. A's vezes fria. Tem um pouco do meu temperamento...

— A melodia que prefiro?... Não se ria. Mas... O que vou fazer?... E' "A Casinha Pequenina", de Braga. Bole tanto commigo. E' tão sentimental, tão bonita.

— Se a canto? Canto, sim. Aliás agora tambem gravei alguns discos, para a Brunswick. Cantar e representar, para os films, são as cousas que mais adoro. Principalmente representar! A musica classica, para mim, não tem grande significação. Não porque não me emocione com um Nocturno de Chopin. Ou com uma Sonata de Beethoven. Mas porque sinto mais a melodia popular. As canções brasileiras, principalmente. Que têm a cadencia caracteristica da nossa gente. A musica-soluço aliada aos versos-coração...

Queria que dissesse, tambem, que vou muito emocionada para esta minha temporada no theatro. Porque, embora confie

(*Termina no fim do numero*)

RUDY — (Jundiahy) — Aliás suas photos aqui estão archivadas. E' logico que na primeira opportunidade será considerado. 1° — Ainda não se sabe. Mas vae ser outro film de assumpto historico e terá Ronaldo Alencar no principal papel. 2° — Então SANGUE MINEIRO ainda não passou ahi? Pois olhe. E' culpa exclusiva do PROGRAMMA URANIA, seu distribuidor, que tem, com isso, prejudicado seriamente este film Brasileiro. 3° — Paramount Famous Lasky Studios, Hollywood, California.

DINO — (S. Paulo) — Temos publicado muitas. Mas, é mais practico correr a collecção de CINEARTE.

LUCY — (Aquidauana) — E' impossivel escrever a carta que pede. Mas mande photographias, em primeiro. Só depois é que se poderá resolver o resto.

LOPES SILVA — (Nova Lima) — Tomamos nota das suas reclamações. Mas o povo dahi é que devia ir contra o Cinema. O *Beijo*, de Greta Garbo, já passou aqui e em S. Paulo em quasi todos os Cinemas. *Cinédia Studio* está prompto, sim.

NAGAOKA — (Rio) — Voce, morando aqui, tem, já 50 % de probabilidades. Envie seu retrato e seu endereço.

EDY OLIVAR — (Rio) — Envie photographia e endereço.

MARGARIDA — (S. Paulo) — *In Old Kentucky, The Love Toy* e *The Midnight Taxi*. Frederic March é americano. Artista de palco que, agora, entrou para o Cinema.

THALMO MELLO — (Ribeirão Preto) — Recebi o seu artigo sobre Valentino. Interessante.

TEDDY ROLAND — (Porto Alegre) — Não ha de que se arrepender. 1° — São reclames que a publicidade ahi está applicando. Não se suicidaram, não. E, alem disso, Billie Dove é da First National e não da M. G. M. 2° — Pode estar certo de que acompanhará aquelle que fez do Ramon. O Marinho tem o tempo muito tomado e não pode incumbir disso, não. 3° — United Artists Studios, 1041 n°. Formosa Avenue, Hollywood, California. 4° — Colleen Moore e Gary Cooper.

JOÃO BAPTISTA DOMINGUES — (S. João da Bocaina) — Gonzaga entregou-me sua carta. Suas photographias foram archivadas. E' esperar opportunidade. Publicar, é impossivel. Sobre a *Metropole*, não é exploração, não. Elles vão fazer mais um film.

HULA — (Rio) — Não acontecerá mais, sabe? Então voce pensa muito em mim? Mas não me vae mostrar a mordidinha de abelha na perna, vae? Aquelle rapaz tão bello, tão forte, tão sympathico, deixou o Cinema. Aqui os endereços. 1° — Metro Goldwyn Mayer Studios, Culver City, California. 2° — 117, Hart Avenue, Acean Park, Santa Monica, California. Não é o *album*, não. E' cousa muito maior... Quem lhe beija as mãos sou eu sabe?

SUZY — (Salvador) — Sempre ás suas ordens, Suzy. 1° — Cleve Moore, irmão de Colleen. 2° — E' sim. Casado com Helene Costello. 3° — E'. 4° — Deixou o Cinema. Até logo, Suzy!

VIVIANA D'ELBA — (Recife) — Mas elle mandará, sim. Fiz a sua reclamação pessoalmente. O endereço é *Cinédia Studio*, rua Abilio, 26, Rio de Janeiro. E voce, Viviana, continue tambem dispondo.

RIO GRANDE — (Rio Grande) — Aos cuidados desta redacção.

MISS TÉRE — (Santos) — Escreva-lhes ao cuidados desta redacção. Mas não precisa mandar sello, não. Chama-se Leila Hyams. Os elencos, todos, são muito grandes e sáem fóra da norma da secção, publical-os. Mas mande os nomes que quer saber que mandaremos as respostas.

Joan Crawford e Robert Montgomery em Our Blushing Brides

ARISKA — (Santos) — Frederic March é genuino americano e nunca trabalhou para a

PERGUNTE-ME OUTRA...

Ufa, não. Doris Kenyon e Evelyn Brent. Elle deixou o Cinema. Ella, *Cinédia Studio*, rua Abilio, 26, Rio de Janeiro.

SYLVIA ARAUJO — (Campina Grande) — Recebida a photo e archivada. Faltou o endereço. Depende, agora, apenas de opportunidade. Agradeço, ainda, suas bôas referencias.

M. LUDOVICO — (Pelotas) — Interessantes os seus commentarios. Sobre o numero atrazado, rogo-lhe dirigir-se á gerencia.

EDSON LIMEIRA ROSAL — (Caruarú) — Sabe que é difficil tirar a copia e teria sido muito mais facil ter mandado uma, em vez do film. Assim é difficil publicar.

ENRI — (Rio Grande) — Grato pelas informações. O film de Myrna, de que fala, ainda não foi aqui exhibido. Voce gostou daquelle artigo? Idolo? Não... Não é, não. E' tio delle. Eu já usei muito esse remedio... E'. Realmente, é mania de *sobrar*, mesmo. Vou averiguar as outras datas que pede e enviarei. E' 27 de Janeiro, sim. O caso do suicidio é uma *bóla* de publicidade, com toda a certeza. Enganou-se, nas suas supposições. Esse assumpto era o de menor cogitação. O mais importante, já está resolvido. E, bem breve já terá a surpresa promettida. Verá! *Janice Maredith* passou aqui. *Tyrano e Martyr*, tambem. Admiro-me do atraso, isso sim.

ANNITA — (Rio) — O rapaz que a procurou não é do CINEARTE, não. Foi Lourival Agra, que vae fazer *Degráos da Vida*. Continue firme e com confiança no seu futuro. Aliás sua photographia está aqui commigo e eu saberei zelar por ella, mostrando-a aos interessados. Faça como a Diana, do *Setimo Céu*. Olhe sempre para cima!

JOSE' FANE — (S. Paulo) — Se eu, aqui nestas pequeninas linhas, fosse lhe explicar como é *que se compõe um drama* para Cinema, precisaria pedir ao Gonzaga que me desse uma edição especial... "Componha" e mande. Depois seguirão os commentarios.

DOROTHY NOVARRO — (Rio) — 1° — Dorothy Mackaill e Jack Mulhall. 2° — *The Man I Love* e *The Dangerous Woman*. 3° — *In Old Kentucky, The Love Toy* e *The Midnight Taxi*.

QUERIDA AMIGA — (Rio) — Use a intimidade que quizer. Escreva sempre. Suas palavras são tão bonitas e tão simples... Só as idade que nos approximam? Sei lá por que é que elles não querem acreditar. Você acredita, não é? O "it", voce tem na simplicidade da sua cartinha... Não me aborreceu, não. Não me vae escrever de novo? Durante a temporada Ingleza, elles deram os libretos á entrada do Cinema. Agora, não têm dado mais. Acceito o seu pseudonymo e fico esperando novas noticias suas...

DAVID ROLLINS — (Maceió) — Já foram dadas as respostas em CINEARTES anteriores. 1° — Bem, obrigado. 2° — Mais ou menos. Agradeço o recorte. 3° — Vae bem, obrigado. 4° — E' Brasileiro, sim. As lembranças para Lelita, só mesmo quando ella voltar de Paris. Pois que escrevam, quando quizer! E eu tambem. L. S. Marinho, aos cuidados desta redacção.

C. B. OTTONI FILHO — (Rio) — Anotei a troca do "y" pelo "i" e fui consultar a Historia do Brasil que me aconselhou para aprender a escrever seu nome... Serão publicados, opportunamente. E' film velho. *Labios sem Beijos* está sendo cortado e copiado. Os seus interiores são aquelles mesmos, sim. Continue animado que ainda terá bôas surpresas.

MISS — (Bahia) — Sempre que queira, é só pedir. E agora elle está muito maior não acha? Didi Viana e Paulo Morano, *Cinédia Studio*, rua Abilio, 26, Rio de Janeiro. Os dois outros, aos cuidados desta redacção.

VAZ & SPINOLA — (Amargosa — Bahia) — As suas cartas foram entregues em mãos. E as photos serão enviadas, opportunamente, para, como desejam, enfeitarem o Album de Cinema Brasileiro que estão organizando para o saguão do vosso Cinema. Excellente idéa, aliás.

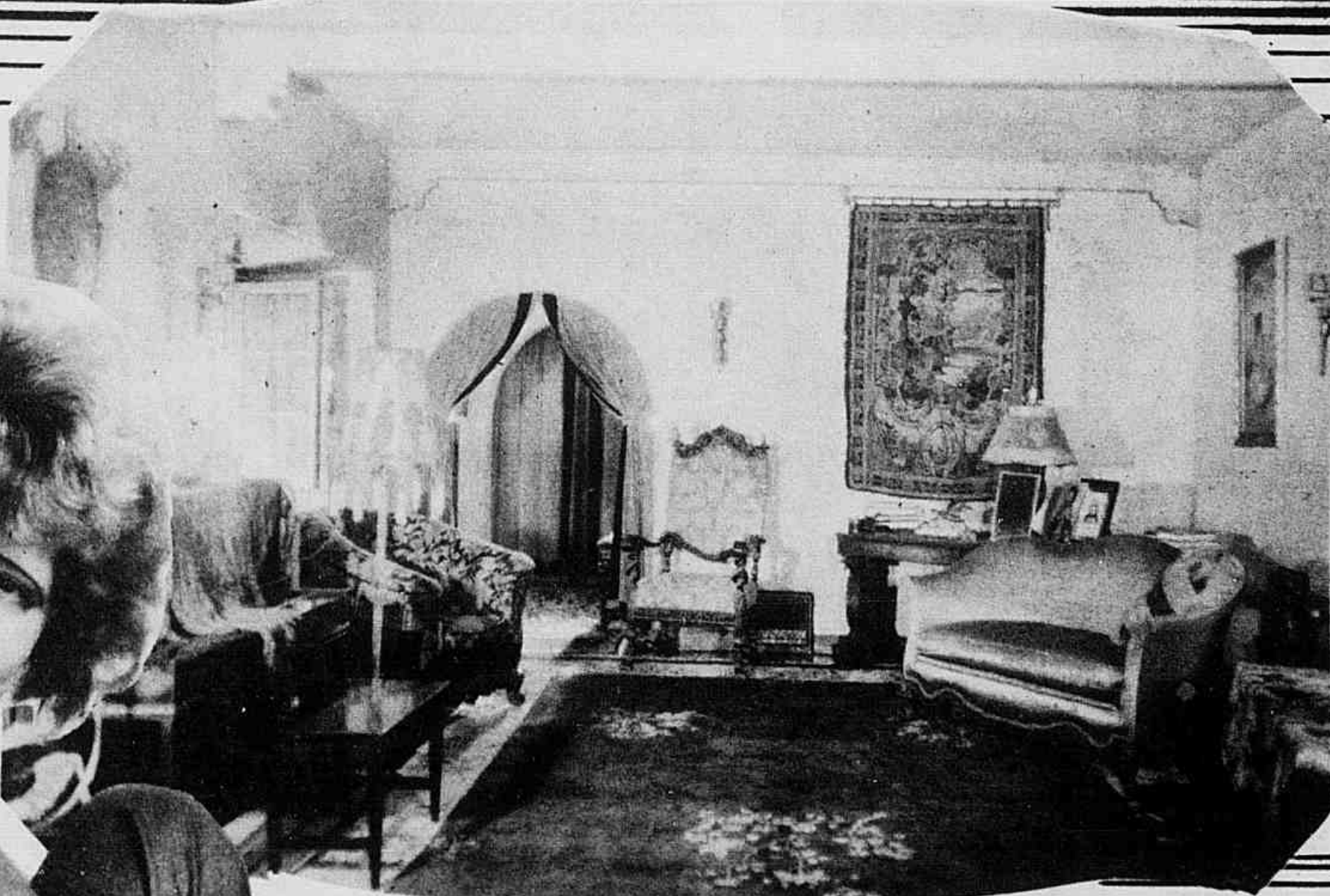
AIMÉ ON — (Ita) — Mas voce usa de certos mysterios... Não tem confiança em mim? Porque não usa de toda a franqueza e fala livremente? Porque é que não pode enviar as photos que lhe pedi? E porque é que não se decide a entrar para o Cinema? Diga-me com toda a sinceridade! A historia que me mandou é muito linda. E' a sua?... Não está piégas, não... Mas não se amargure tanto! Pois escreva quando quizer. Que, creia, suas cartas só me trazem felicidade. Escreva e confie no futuro. Não desanime! Abraço-a, tambem, e fico esperando mais cartas de voce.

VIANY — (Rio) — Gonzaga entregou-me sua carta. Pode arranjar uma photographia della?

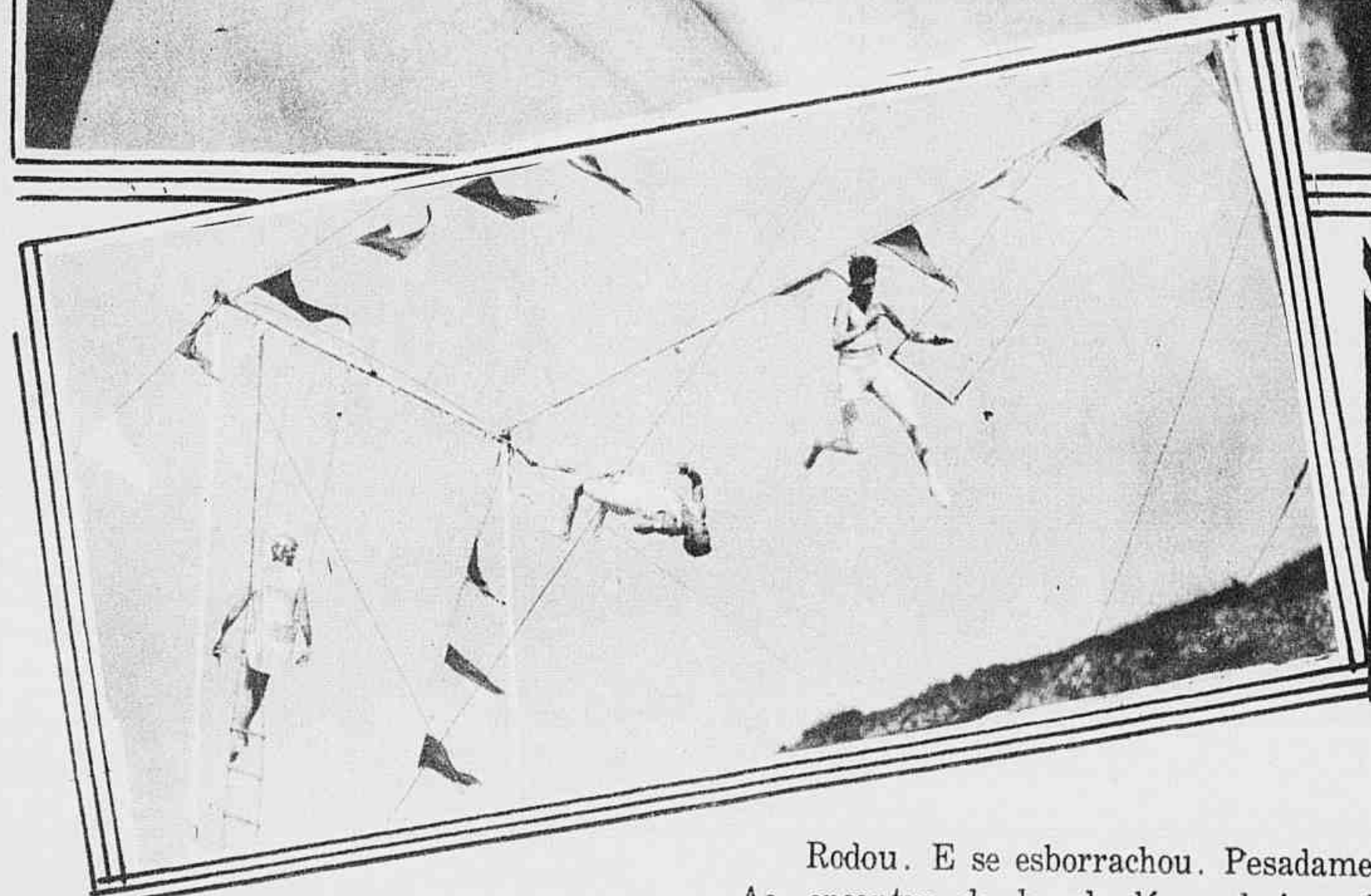
NORMA SHEARER

Cinearte

Jeanette Loff
Cinearte

Clara Bow...

A sala de estar de sua casa e os seus divans...

Gostam do Sapato?

NO CAMINHO

Tony se balançou. Balançou. Balançou. Greta, ao longe, olhava-o. Nick, no trapezio de frente. Esperava-o, mãos abertas. Lá em baixo, a multidão, toda, ansiosa. Em terrivel expectativa. Queria ver o salto mortal. A situação capital de todo o espectaculo.

E Tony mais e mais se balançou. Depois, á um grito, soltou-se no espaço. Veio em reviravoltas até ás mãos de Nick. Ao apanhal-as, faltou-lhe qualquer apoio.

Rodou. E se esborrachou. Pesadamente. Ao encontro do lagedo, lá em baixo. Pois aquella situação dramatica da acrobacia não admittia siquer uma rêde protectora.

Foi um horror.

Mulheres desmaiaram. Crianças, tambem. Houve uma correria dos diabos!

Greta, lá de cima, desceu, vagarosamente. Olhar parado, fixo. A contemplar o pobre Tony. Esmagado. Morto. Terrivelmente dramatico na ultima expressão de pavôr...

No dia seguinte, a "troupe" seguia viagem. Nick, o chefe, já telegraphara a Ned Lee, um celebre acrobata. Offerecendo-lhe chance para se unir ao seu acto. E, iam para a proxima cidade. Todos tristes. Menos o riso cynico de Nick.

Greta não se conformava. Aquillo parecia-lhe terrivel. Lembrava-se do ultimo sorriso de amizade que elle lhe jogára. Antes de se atirar. E, depois, da angustia que seu coração soffreu, quando o viu rolar, rolar, rolar. Até se arrebentar todo ao encontro do chão. Pobre Tony...

— Estás triste?

Era Nick. Ella o olhou. Depois abaixou os olhos sem responder.

— Saudades?...

Ella não respondeu.

— Eu bem sabia que havias de sentir falta delle...

Olharam-se.

— Sentir falta? Pois era um bom amigo, mesmo! Não havia eu de lastimar o seu destino?...

(HALF WAY TO HEAVEN)

FILM PARAMOUNT

Charles Rogers . . . . *Ned Lee*
Jean Arthur . . . . . . *Greta Nelson*
Paul Lukas . . . . *Nick*
Helen Ware . . . . . . *Madame Elsie*
Oscar Apfel . . . . *Manager*
Edna West . . . . *Mrs. Lee*
Irvin Bacon . . . . *Slim*
Al Hill . . . . *Blacki?*
Lucille Williams . . . . *Doris*
Richard K. French . . . . . . *Klein*
Freddy Anderson . . . . *Tony*
Nestor Aber . . . . *Eric.*

Director: — *GEORGE ABBOTT*

— E' porque o amavas!

— E ainda que o amasse! O que tinha isso?...

O olhar de Nick fuzilava.

— Não tinha nada. Mas é que...

— O que...

— E' que foi justamente o teu amor que lhe serviu de tumulo!

— O que?

— Sim!

— Quer dizer que...

— Isso mesmo!

— O que queres? Não vês que te amo?

— Nick, tu o deixaste cahir?

— Deixei! Tambem, que sorte de ingenua que tu és! E' logico! E cahirão, tambem, das minhas mãos. Quantos outros por ti se apaixonem... Meu bem! Não me faças soffrer tanto!...

O horror que se estampou na sua physionomia, não tinha traducção. Seria possivel que aquelle homem. Com um cynismo frio. Deixasse cahir das suas mãos. Um collega. Só por uma simples supposição ciumenta?...

Apossou-se della um profundo terror. Ergueu-se. Afastou-se de Nick, como quem se afasta de uma vibora.

Elle, pobre diabo, não comprehendia nada daquillo. Achava, no seu instincto de féra. Que era a cousa mais natural do mundo. Matar um rival para o afastar do seu caminho...

— E Ned Lee?

Era a sua suposição de agora.

— Como será elle? Bonito? Forte? Alto?

Já temia um novo rival. E aquillo, para elle, era insupportavel.

O trem parou numa estação. Depois, seguiu. Quando Nick procurou

Sua expressão tinha um que de feroz e medonho.

— Eu o odiei desde aquelle dia em que o vi abraçando comtigo.

— Mas já te disse, Nick, que elle me auxiliava a vestir, apenas. — Deixa-te de mentiras! Mas foi elle proprio que assignou sua sentença de morte...

do CÉU

Greta afastara-se e contemplava Nick. Elle, fóra de si, tinha a mão della, nas delle. Beijava-a, soffregamente.

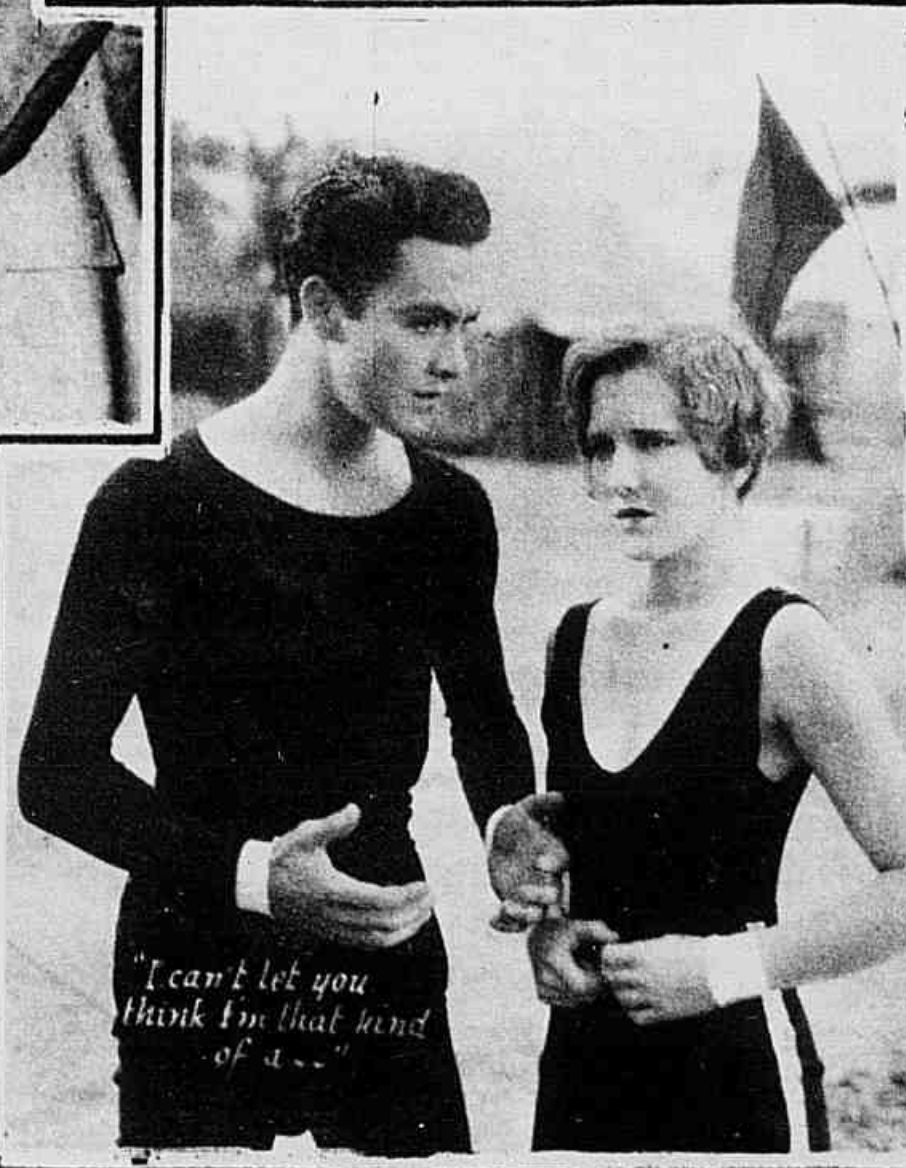
— Nick!

Greta, para lhe dizer alguma cousa referente ao serviço. Não a encontrou. Deu busca ao trem todo. Não podia regressar. Apenas ordenou a Slim e á Madame Elsie que saltassem, na proxima e voltassem para buscal-a, de novo.

Que odio lhe roeu então o coração...

Naquella pequena cidade em que saltára, Greta Nelson logo perguntára por uma pensão. Indicaram-lhe a de Mrs. Lee. E, para lá ella foi. Era a casa da mãe de Ned. Elle, ali, passava sua ultima noite. Ia, na noite seguinte, ao encontro da troupe de acrobatas de Nick. Para a qual fôra contractado. E, assim, fazia companhia a sua mãe. A entrada de Greta, ali, foi, para elle, uma profunda surpresa.

Porque a achou esplendidamente linda. Admiravelmente suave.

Levou-a para o melhor quarto. Esperou que ella descesse para o jantar.

E, aos poucos, em minutos, apanhou. Com o seu ar juvenil. Com seu sorriso franco e delicado. Toda a sympathia da angustiada Greta Nelson.

— Está aborrecida?

Era já um principio de intimidade que entre ambos se desenvolvia.

— Estou. Demais, mesmo...

— Será indiscreção perguntar porque?

— Digo-lhe apenas que sou infeliz. Não basta?

— Minha conversa a aborrece?

— Não, Ned, sua conversa me é gratissima.

Ficaram conversando. Longas longas horas.

—Eu amanhã vou deixar a cidade.

(*Termina no fim do numero*)

A MULHER

Já se leu, muito sobre esta ou aquella estrella. Que quizeram ser differentes.

Betty Compson é... indifferente...

Mas Betty nasceu para ser estrella. Ella, mesma, nunca se importou com isso. Sempre esteve sugeita á vontade de sua mãe. Foi sua mãe que lhe mandou estudar violino. Foi sua mãe que a incitou á carreira que hoje segue. Foi sua mãe que a fez.

Caminhou até ás escolas superiores. Mas, um bello dia, resolveu usar meias de sêda. Annexou-se á uma companhia de "vaudeville". E, rapidamente, deixou Salt Lake. Jamais voltou para lá. Sempre e sempre Betty Compson. Impetuosa e voluvel... Era ardorosa admiradora de Cinema. Desde menina. Earle Williams e James Cruze. Nos seus tempos de "fan". Eram os seus artistas favoritos. Mais tarde, ella figurou no ultimo film que o inditoso Earle fez. E, mais tarde ainda, cascu-se com James Cruze...

Inconscientemente encaminhou-se, de cidade em cidade. Até Hollywood. Era o seu intimo que agia e para lá a impellia. Chegou, mesmo, sem querer, a Hollywood. Era um bom logar, afinal. Foi o destino que a encaminhou para lá.

De olhos azues. Cabellos loiros. Tenue, como um sopro de brisa. Encontrou, em Hollywood, naquelles tempos de Theda Baras, Louise Glaums e Valeska Suratts. Sérios embaraços. Era a época das "pesadas"... Das vampiros *Bus .ng*... Mas, sempre havia uma opportunidade no Cinema. E, assim, ao attingir os 20, já tinha, para si um record de 80 comedias Christie. E, ainda, uma infinidade de pequeninos nadas. Papeis quasi relampagos. Que fizéra em "Terror of the Tange", ao lado de George Larkin e em "The Devil's Trail".

Deste ultimo film. Para "O Homem Miraculoso", que George Loane Tucker fez, para a Paramount, foi um pulo. Já se vão 10 annos que este film foi feito e exhibido. Delle, ao cabo da sua exhibição. Emergiram, para a fama, Thomas Meighan, Lon Chaney e Betty Compson. Fizeram-se astros e estrellas. Depois desse film.

Betty, quando o director Tucker falleceu. Perdeu todo o enthusiasmo para a lucta. Jamais foi outra Rosa, para outro "Homem Miraculoso". Jamais. Ella o amou. Foi, mesmo, para ella, uma eterna desilludida. O seu primeiro amor. Era o seu guia. Aquelle que a enthusiasmava, na vida. Elle morreu. Para ella morreu a chamma de inspiração que sempre a levava a papeis grandes e bem interpretados.

Vieram os bons papeis. E o seu consequente desempenho. Assim, cinco annos, quasi machinalmente, Betty Compson representou para os films. Trabalhou em 30 films. Tinha sufficiente dinheiro para descançar. E, um bello dia. No meio de um contracto. Deixou-o, pagando a multa. E foi descançar. Tendo, mesmo, vontade de não mais continuar representando. Em plena fama. Em pleno successo. Betty Compson deu esse passo...

Jamais se contou a verdadeira historia da sua volta, á téla. E' uma historia rapida. Muito particular. Apenas um caracteristico feminino influiu nesta sua resolução. A vaidade...

E, ainda, outro a auxiliar este.

O desgosto de se ver eternamente casada. Eternamente esposa. Ainda tendo uma grande vontade de voltar. De representar. E tendo que engordar e augmentar de velhice. Ao lado de um um lar e de um esposo.

Aborreceu-se.

Engordando, perdeu, é logico, toda a elasticidade das suas antigas fórmas. O seu amor por James Cruze. Era mais uma grande amizade do que um amor, propriamente.

Assim, aborrecida do lar. Para o qual não foi feita, realmente, resolveu voltar.

Entrou em dieta rigorosa. Massagistas. Regimen e gymnastica.

Aprompou-se.

Fez-se outra...

Logo depois, assim. Com o consentimento de seu marido. Que a conhecia e sabia, perfeitamente. Que ou deixava ou era "deixado". Voltou de novo á téla.

Já tendo tido um grande contracto e esplendidas opportunidades. E muito dinheiro.

E já tendo figurado para as menores fabricas. Em films os mais sem importancia.

Voltou. Póde-se dizer, mesmo, entrou de novo para o Cinema.

Foi um novo principio. Não foi uma continuação.

"Dócas de New York". Dentro do seu novo animo. Foi uma das provas que deu. De sobra. Que a pasmaceira em que ficou. Depois de "O Homem Miraculoso". Originou-se, apenas, na sua grande desillusão amorosa. Pela morte do seu maior amor. E, não, como disseram, fracasso artistico.

Aquella mulher, desse film de Bancroft. Foi a cousa mais formidavel que ella fez em sua vida. Seguindo-se, depois desse papel. Outras muitos que confirmaram, de sobra, a especie de artista que ella é. E a especie de reacção que nella se operou.

Ella continúa, apesar de tudo, sendo a mais independente das artistas da colonia.

Sómente soffreu uma differença.

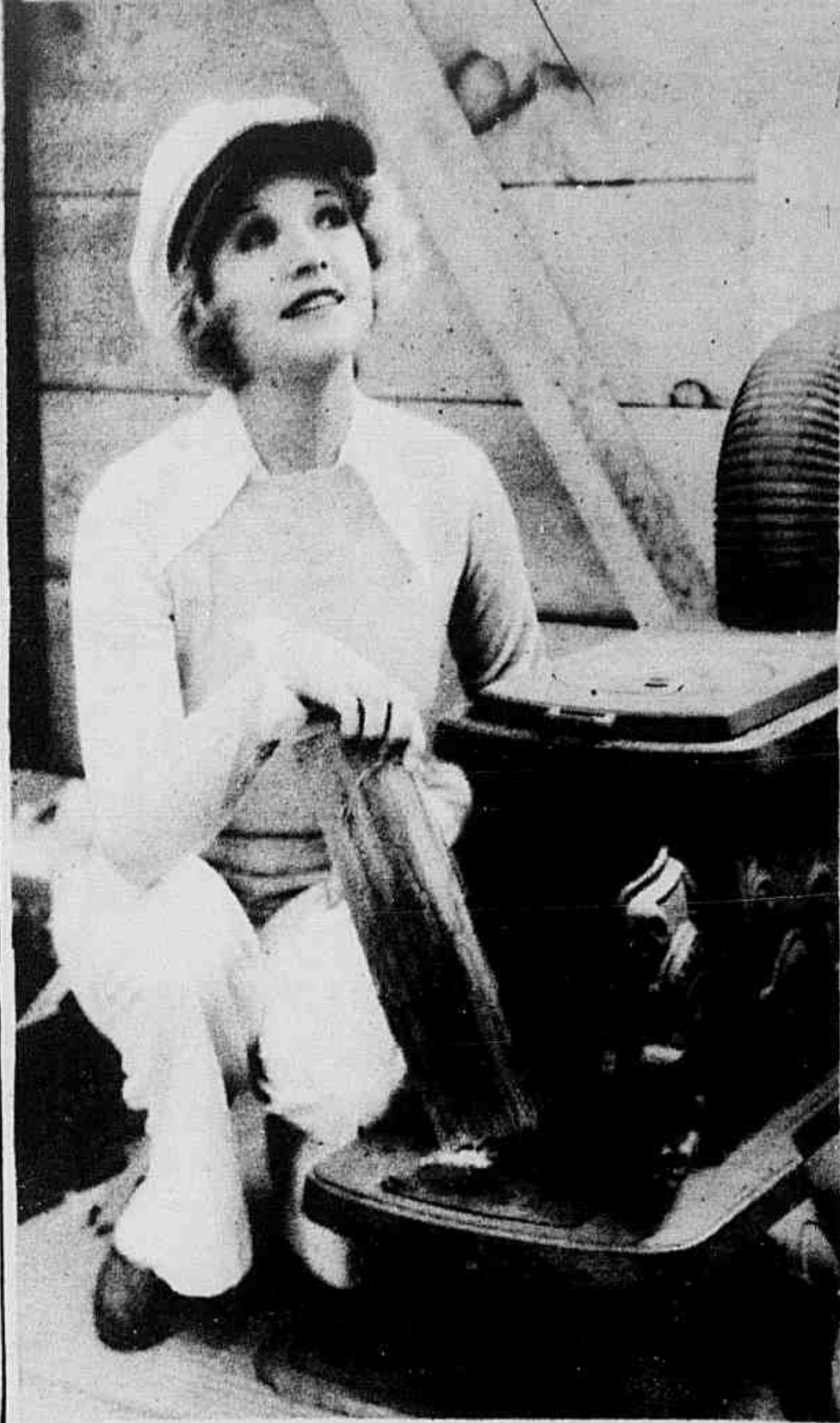
Não é mais desinteressada do seu successo. E nem relaxada para com seu futuro. Reagiu.

Fez-se outra.

Quer, agora, luctar e viver. Quer mostrar, finalmente, que é outra e que póde ainda muito fazer, no Cinema. Ao qual pertenceu, desde menina. Ao qual ainda continuará por muito pertencendo.

Betty, além disso, é dessas que parecem ter tomado o elixir da eterna juventude...

Não é velha. Ainda não tocou a raia perigosa dos 40. Mas, apesar disso. Parece, sempre, uma menina de pouco mais de 18 annos. "The Case of Sergeant Grisha", que Herbert Brenon dirigiu. Mostrou uma formidavel Betty Compson. Mais formidavel. Mais linda e mais artista do que nunca.

"O Grande Gabbo," dirigido pelo seu marido. Mostrou-a como artista de Cinema fallado. Cantando admiravelmente. Artista do Cinema dansado. Num formidavel bailado. E artista do Cinema silencioso. Principalmente. Ao qual sempre pertenceu. Nas suas grande e bôas scenas. Ao lado de Von Stroheim. Que, com seu magnetismo e sua grande arte. Não conseguiu fazer com ella desapparece ao seu lado. No emtanto, ao terminar este film, Betty jurou jamais ser dirigida pelo seu proprio marido...

Por que, hein, Bettyzinha?...

O seu novo credo é trabalhar sem descanço. E' vencer, na vida. Vencer na arte. Dominar o seu antigo apathismo. Ultimamente, tem trabalhado activamente. Valorosamente. Durante um dia, ás vezes, já tem sido transportada rapidamente. Se um Studio para outro. Ou, mesmo, de um "set" para outro. Filmando, ao mesmo tempo, dois trabalhos seus.

Não quer mais descançar.

Agora ama a vida.

Porque a vida, para ella, passou a ser o seu proprio trabalho. O que será o fim? Ninguem sabe. Ella propria, não sabe e nem póde suppor. Alguem a está guiando. Alguem que não existe, para o mundo e que quer, embóra, tel-a sempre vencedora. E, para isso, anima-a e dá-lhe a mais intensa coragem.

(*Termina no fim do numero*)

TURUNAS DA MARINHA

Dansaram juntos.

Bem juntos, mesmo...

Agarravam-se, dansando, como se alguem houvesse gritado "Incendio!"...

E, afinal, antes de sahir de lá para a acompanhar, até á sua casa. Levava, nos seus labios. A saudade doce e ainda quente dos beijos mais gostosos e bons que em vida recebera...

Acabou se convencendo que a amava.

Acabou se convencendo de que a devia tomar por esposa. E, caminhando ao seu lado. Rumo á sua casa. Já formavam planos para viver, para o futuro...

A recepção, em casa de Alice, não foi das melhores... Mrs. Brown, mãe della. Não o quiz receber.

— Vamos, saia!

— Mas Mamãe...

— Não tem disso. Saia, cavalheiro!!!

— Mas Mamãe...

— Para marinheiro, dentro de casa. Basta teu Pae, menina, que já o foi e que muitas dores de cabeça me deu...

E a cousa peorou.

Alice zangou-se.

Kelly, orgulhoso, disse algumas verdades a Mrs. Brown. E, afinal, duas horas depois, Alice estava num pequeno quarto de pensão. E Kelly, a bordo. Pensava no seu casamento. Marcado para o dia seguinte. E, tambem, na expulsão do lar de Alice. E, agora, ella morando por sua conta, naquelle humilde quartinho...

* * * Foi ahi que lhe veio a noticia. O destroyer partia, no dia seguinte, para uma crusada grande. Demoraria muito tempo fóra. E, assim, que se prevenissem os marujos.

A primeira cousa que Kelly fez foi procurar Alice. Chegando ao pequenino quarto da pensão. Apenas encontrou um bilhete.

— Comprehendi, Kelly. Você não quiz mais saber de mim. E, para desculpa aqui me deixou, sózinha... Nunca mais me verás!

Elle nada disse.

Amarrotou o papel nas suas mãos. E, quando os navios sahiram, para a crusada. Elle tambem seguia. Coração cheio de recordações. E uma profunda magoa, na alma...

Mezes depois, regressavam.

E o primeiro cuidado de Kelly, desembarcando, era procurar Alice.

— Mrs. Brown... Alice está?

Olharam-no. Elle a fôra procurar em casa. Não a via.

— Não, homem! Então você a tem em casa e a vem procurar aqui?

— Como?

— Sim! Pois não se casou com ella? Nunca mais ella nos appareceu aqui...

E havia um pinguinho de lagrimas nos olhos de Mrs. Brown... Mas a surpresa era toda de Kelly.

(*Termina no fim do numero*)

(NAVY BLUES) — *FILM DA M G M*

William Haines	*Kelly*
Anita Page	*Alice*
Karl Dane	*Swen Swanson*
J. C. Nugent	*Mr. Brown*
Edythe Chapman	*Mrs. Brown*
Wade Boteler	*Higgins*

Director: — *CLARENCE BROWN*

No destroyer. Kelly era companheiro para tudo. Apesar do seu genio insupportavel. E das suas mil e tantas macaquices...

Mas em terra... Kelly não queria camadagem. Não queria companheirismo...

Queria carinho. Queria amor...

E era bem por isso que elle ali estava. Solemnemente aborrecido. Terrivelmente damnado da vida!

— Bolas!!!

Era mesmo a unica cousa que podia exclamar. Fóra outras tantas phrases. Proprias de anecdotas de papagaios e pouco cortezes aos ouvidos de pequenas romanticas e cheias de illusões...

Ali estavam. Fôra ordem. Deviam ali permanecer. Naquella festa. Que, para Kelly, era a essencia maxima da caceteação...

Foi por isso que seus olhos brincaram, alegremente. E seu cotovello se assentou. Pesadamente. No estomago de Swen Swanson.

Elle vira Alice.

Loirinha e pequena. Mimosa. Toda carinho, no menor tregeito. Toda seducção.

Um colosso, em summa!

E Swen, por isso mesmo, cada vez mais e mais furioso se mostrava. Além da cotovelada, elle, grande forte, para páo de cabelleira?...

Não!

E resolveu ser rival de Kelly...

Ao cabo da noitada. Kelly tinha, em Swen Swanson, um grande amigo. E, em Alice, a pequena dos seus sonhos...

Jeanette Loff é uma pequena a moda antiga...

E' dessas pequenas. Loirinhas e vaporosas. Bonitas e meigas. Que, sem querer lembram annos e annos que se foram. E perucas e galanteios que ficaram, como lendas...

E' uma menina á moda antiga. Parece dessas namoradas de sonho. Figura que não existe e que todos querem encontrar... Seu perfl. Perfeito. Lembra qualquer cousa de um camafeu que uma fada deixou. Na mão do principe. Só para marcar a imagem da princeza adormecida...

Ella quiz ser violinista. Isto, ainda, nos seus tempos de Saskatchewan, sua Cidade natal. Isto, diz ella, porque sabia, perfeitamente, que o violino é o unico instrumento que tem alma... Seu pae não permittiu. Achava que só mesmo as mãos de um homem deviam tocar tão formidavel instrumento. Prohibiu-lhe este prazer. Mais ainda, porque ella só empregava sua mão esquerda, para tocar o arco. E, isto, parecia-lhe um sacrificio...

Ella, depois, pensou no piano. Mas o piano não tinha alma. Depois, o orgão. Que tinha uma alma enorme. Barulhenta. Grande. E, assim, decidiu-se pelo orgão.

E, um bello dia, num Cinema de Portland, Estado do Oregon. Viram lá uma organista loira. Espiritual, quasi. Que, para cada artista da téla. Tinha uma melodia improvisada. De Máry Pickford, uma ballada cheia de romance. A' Clara Bow. Um fox-trot ás vezes "blue"... E, coisa curiosa. Não abandonava o theatro, rapidamente, como fazem todos os outros empregados. Ficava. Para tocar as musicas queridas. Para se esquecer que estava violando um instrumento assim real. Com musicas tão bastardas... E, ahi, executava suas proprias melodias. Ternas e meigas. Tão bonitas e loiras como sua propria alma...

A artista que Jeanette mais admiravel, era Pola Negri. Pela regra. Porque, sabe-se, todas as pessôas amam o extremo opposto a si. Pola e Jeanette, afinal, nada tinham de commum. Mas, apesar disso, ella jamais pensára em fazer parte do Cinema. Achava que Hollywood estava cheia de pequenas bonitas. E não podia calcular, mesmo, o porque de uma opportunidade para si. Foram precisos outros conselhos. Que não os de sua consciencia. Para que ella se resolvesse.

Jeanette, apesar de tudo, é uma pequena á moda antiga. Não importa as circumstancias de sua vida particular. Sabe-se, perfeitamente, que ella foi casada. E não o é mais. Sabe-se, tambem, que é falladissima. Porque é divorciada e é loira... Que vive só, num appartamento. E que não leva Mamãe para o Studio, acompanhando-a...

Dizem, alguns, que ella sacrificou o lar á arte que quiz abraçar. Póde ser que seu marido renunciasse, pela carreira que diante della se divisava. Póde ser, tambem, que fosse elle proprio que aqui a trouxesse. Para tentar. E, depois, exigisse muito para continuar sendo o "empresario"...

Mas o facto é que a temos. Que já a vimos em muitos films. E que a acabamos de ver na sua scena principal, a nupcial, em "Rei do Jazz".

Era possivel que della nem ouvissemos fallar. Sua Mãe é uma desenhista profissional. Sua irmã, é isto ou aquillo. Sua casa, com ella, musicista. Sua Mãe, desenhista. E sua irmã, isto ou aquillo. Poderia ser um departamento artistico. Sem ser Cinematographico. Um marido. Um apartamento. Chás, ás tardes, no melhor hotel. Bridge, tennis, golf. E que mais para satisfazer uma creatura? Faltava-lhe, porém, alimento para suá alma. Alguma cousa que lhe falasse mais ao coração. Alguma cousa que mais lhe enchesse as medidas artisticas.

— Eu não era feliz.

Disse-nos Jeanette.

— Hollywood nada tem a ver com meu divorcio. Aconteceria isso em qualquer parte do mundo. Na China, até.

Sempre á moda antiga, Jeanette pensa em novo casamento. Parece, mesmo, pelas suas conversas. Que não espera outra cousa, na vida. Quer um lar. Gosta de crianças. Ainda crê na virtude das mulheres. E no cavalheirismo dos homens... Haverá creatura mais antiquada?... Ainda não teve aventuras infelizes com os conhecidos "piratas" de Hollywood. Ella não as quer. Acha-as perfeitamente desnecessarias. Ella acha. Como cousa perfeitamente possivel. Uma pequena viver em Hollywood. E continuar sendo uma "excellente" menina... Ella acha que os homens são bons para as pequenas. Com tanto que as pequenas sejam bôas para elles. E, disso, deve ter experiencia. Porque, quando aqui chegou, trazia o maior predicado para seducções em torno de si. Era casada... E ninguem sabia que ella era casada... Agora. Com um esplendido contracto com a Universal. Perfeitamente feliz. Ainda nos dá mais e mais a impressão de ser uma pequena á moda antiga.

Achamos que seria interessante conhecer o gosto pessoal de Jeanette. Qual seu doce favorito. Sua côr favorita. Sua flor. Seu artista. Sua artista e demais e demais indiscreções.

Pelos gostos de uma pessôa pode-se melhor avaliar quem ella é. Já conheceram alguns instantes do seu passado. Juntem ao que se segue. E tirem suas proprias deducções.

— Qual a sua flôr favorita?

— A rosa amarella. Faz-me sonhar...

— Sua côr favorita?

— A de orchidea. E' macia. Triste e bonita... Quando a uso. Sinto-me differente Prefiro-a á qualquer outra.

— Qual seu animal predilecto?

— Os ho... Isto é! Digo... Os cães inglezes. São muito brincalhões e engraçadinhos. E, desculpe-me o engano do principio da phrase...

— Seu livro predilecto?

— "Marco Polo", de Donn Byrne. Amo as aventuras. As viagens pelos sete mares. Os portos desconhecidos, distantes, parecem-me sonhos...

(*Termina no fim do numero*)

BUELOV, um director cinematographico que estava em Nova York procurando assumptos e caras novas...

DIXIE DUGAN, á insistencia dos presentes, fez-se ouvir numa canção, que agradou a Buelow, o qual a convidou logo para ir tentar a sorte em Hollywood.

Surda aos conselhos de JIMMY, ella partiu para a cidade das "estrellas", mesmo ante as ameaças que elle lhe fez de não mais desposal-a...

Paixão de

* * * Em Hollywood, DIXIE DUGAN foi assaltada por uma série de imprevistos que lhe trouxeram desillusões e desenganos sem conta... Começou o seu azar por Buelow ser despedido da Companhia em que era director... Mas em compensação DIXIE DUGAN começou a ver um Studio na sua intimidade, começou a assistir como é que se faz, finalmente, uma pellicula. Aconteceu, entretanto que a peça de JIMMY DOLYE que fracassara na Broadway, estava tentando Sam Otis, o productor da Cia., que tudo fez para montal-a, acabando por attrahir o proprio autor aos seus Studios. JIMMY concordou em que

FILM FIRST NATIONAL PICTURES, COM ALICE WHITE, JACK MULHALL E BLANCH ::: SWEET :::

A peça de JIMMY DOLYE fracassou logo na "première". A ninguem era dado explicar o motivo de fracasso tão ruidoso numa peça em que se reuniam fortes elementos de triumpho. Mas o theatro tem dessas incoherencias. E uma vez fracassada, JIMMY tratou de tiral-a do cartaz, conformado. E nessa mesma noite, com a irrequieta DIXIE DUGAN, a "estrella" da peça fracassada, foi a um cabaret matar tempo...

O Destino, que em todas as narrativas é chamado a intervir sempre, como aliás sempre intervem na vida da gente, encaminhou para o mesmo cabaret o espectaculoso FRANK

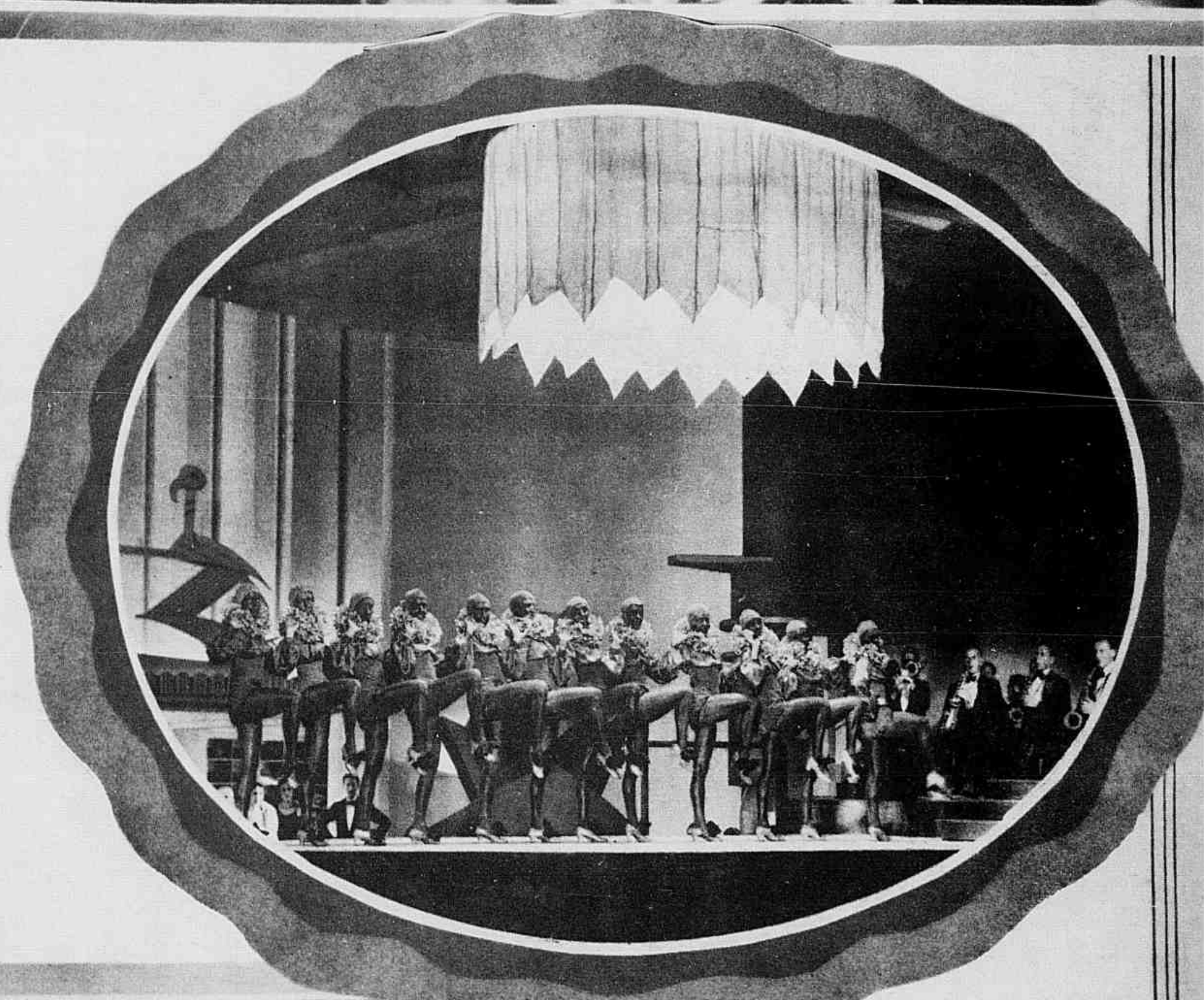
sua peça fosse filmada, sob a condição de DIXIE DUGAN ser a "estrella". Começaram os trabalhos da filmagem e tudo corria bem, quando Buelow appareceu de novo na vida de DIXIE para, de novo, perturbal-a, fazendo-lhe offertas e promessas que elle não podia cumprir.

E foi assim que na filmagem seguinte DIXIE DUGAN fez tantas exigencias, e exigiu tantos absurdos que o productor, sem-cerimoniosamente, lhe mandou um memorandum

todos

dispensando-lhe os serviços. E DIXIE continuaria illudida a respeito de Buelow se DONNY HARRIS, uma "estrella" em decadencia, esposa e victima daquelle, não a avisasse...

✣ ✣ ✣

Suspensa a filmagem da peça de JIMMY, DONNY, que nella intervinha com realce, perdeu a sua ultima opportunidade. E, vencido do maior desgosto, resolveu matar-se, só não conseguindo seu intento graças á intervenção muito opportuna de DIXIE e JIMMY que chegaram a tempo de salval-o. Acordaram então no coração de DIXIE os bons sentimentos que até então estavam adormecidos pelo interesse que a cegava...

E DIXIE procurou o productor SAM OTIS, conseguindo que elle continuasse a fazer o film que, finalmente, ficou prompto, obtendo o mais ruidoso dos triumphos. Triumphos a que ella propria, com JIMMY ao lado, assistiu da "première" do mais famoso dos cinemas de Los Angeles. E logo no dia seguinte a sua primeira preoccupação foi pedir umas férias para gozar a sua lua de mel com JIMMY...

Conhecem Doris Lloyd?

Meus amigos. A historia foi assim. Um chamado telephonico. Um convite. Uma corrida de automovel. Uma velha ao meu lado. Um aperitivo. Um chá. E um adeus...

Com esta porção de "uns". Bem juntinhos. Vocês, leitores amigos, deduzirão, por força, o resultado da historia toda. Basta? Querem, não é?... E, depois, para que economisar?

Vamos adiante.

Conhecem Doris Lloyd? Conhecem, não é? Quero apresental-a mais uma vez. E' uma mulher clara. Ainda que se chame Doris. Cabellos de fogo. Sem ser um typo ardente. Olhos azues. Porte distincto. Maneiras afaveis...

Convidaram-me para o seu *home*. Previ logo o chá que ia beber. Porque Doris é ingleza... E, em casa de inglezes, geralmente são encontradas tres cousas. Chá. Uma cousa parecida, mas que passarinho não bebe... E... Aqui muito baixinho... Bem baixinho... Escondidinho... Para que ninguem escute... Madeira, páo e lenha... abessa!...

Bem. Regressemos algumas linhas acima. E vamos proseguir. Pela estrada que a bebida. A que não se bebe. E a madeira. Nos obstruiram...

Algum tempo apos minha chegada a Hollywood. Ha tres annos passados, mais ou menos. Conhecia-a na Fox. Não sei o que lá fazia. Não me lembro. Mas já naquelle tempo ella não me era uma estranha. Muito menos agora, que a conheço tão bem...

Não é possivel fazer uma historia completa. Perfeita. Quando se vae beber chá em casa de uma artista de Cinema. Não acham?

Ali, passei a ser quasi um estranho. Havia uma respeitavel senhora, além de Doris. E eu, mesmo, sentia-me quasi estranho ali. O que fiz para sahir do meu mutismo, ás vezes, teve como consequencia tudo isto que aqui está.

Conversamos. Isto é. As duas conversaram. Desamarraram as linguas. Soltaram-nas. Deixaram-nas á vontade... E, finalmente, duas horas depois, com mais alguns goles de chá quente, consegui leval-a para diante da minha machina. E, convidando-a para pousar para CINEARTE. Salvei-me...

Doris Lloyd veio a Hollywood, a convite de George K. Arthur, seu cunhado. Veio para fazer um film. Fel-o, para a Universal. E, como sua irmã queria deixar os Estados Unidos. Voltando para a Inglaterra. Nada mais lhe era facil do que, assim, ficar na America.

Isto, em 1924. Afinal, depois de alguma espera. Não conseguiu tomar parte no film para o qual fôra convidada. No emtanto, pouco tempo depois, na peça *The Fog*, no Writes Club, fez sua apresentação ao publico Hollywoodense. Depois, em *Secrets* e *Spring Cleaning*, em Los Angeles. Tornou a affirmar as suas possibilidades artisticas. O seu primeiro importante trabalho no Cinema, foi ao lado de Norma Talmadge, em *A Grande Dama*, dirigido por Frank Borzage. E, em seguida, um film ao lado de Harry Carey e, outro, ao lado de Lon Chaney, que se chamou *O Falcão Negro*.

Depois disso, já firme no Cinema, proseguiu a sua carreira de bons trabalhos.

Emquanto ella falava isto. Eu ia calmamente batendo as chapas.

Ella me disse, depois. Em phrase que até parece de praxe, aqui. Que ainda não fez o film *que sonhára*... E, posto que seus papeis sempre tenham sido dramaticos. Disse-me que sempre deu preferencia ao lado comico da representação. Em *Two Girl Wanted*, teve parte da sua ambição satisfeita. E, ao lado de George Arliss, agora, em *Old English*, tambem terá papel semelhante.

E' uma das artistas favoritas do Writes Club e, assim, já figurou, lá, em cerca de 20 peças. E' logico que ella é artista de palco. Seu repertorio theatral, mesmo, é interminavel. A lista é muitas vezes maior do que as que cos-

tumo mandar, nos *De Hollywood para Você*..., de gente que frequenta cabarets e restaurants...

Disse-me ella que o repertorio era do tempo em que ella fazia parte do *Repertory Players*, de Londres.

Disse que a maior emoção de sua vida, foi quando mereceu, de Kettle Howard, autor da peça *The Smits of Surbiton*, uma pagina especialmente dedicada á si, nas suas memorias theatraes... E que isto merecera. Pelo seu desempenho nesta mesma peça. Na qual começava como rapariga de 19 annos e, ao cahir do panno, para felicidade dos espectadores, com certeza, contava 70... Não era, portanto, nada impossivel, mesmo, que lhe desse o autor da peça um premio em signal de agradecimento...

Doris Lloyd e L. S. Marinho representante de "CINEARTE" em Hollywood.

Nesse momento, para ser delicado, disse-lhe que, naquelle mesmo dia, antes de a procurar, havia ouvido *Piccadily*, em Londres, atravez o alto-fallante do meu *Majestic*. Ella se mostrou muito alegre e me perguntou. — Verdade, Mr. Marinho?...

Garanti-lhe que sim. Ella estranhou, com certeza, porque o seu radio, em horas de trabalho, está sempre calado. Ao passo que o meu, ainda que trabalhe, sempre está funccionando... Agora, por exemplo. Estou acabando de ouvir um formidavel jazz de cabaret de New York, atravez a estação da Warner Bros....

Depois dos retratos. Ficamos pelos jardins. Discutindo floricultura. Sports ao ar livre. Natação. Um outro sport que não consegui decorar... E, depois, guiar automoveis. Que, na opinião de Doris. E' o mais adoravel dos sports...

Depois, rindo, contou-me um accidente que tivéra com o seu carro, na estrada. O qual fôra quasi obrigada a empurrar. Se não fosse a distincção de um rapaz que por ali passava e a quiz generosamente trazer de volta...

Depois, falamos em bebidas. Disse-me ella que é perita em manipulação de *cocktails*. Que sabe mil e uma formulas. E, assim dizendo, ia-me dando diversas. Particularmente o unico que consegui decorar. Um que leva banana amassada. Qual! Só provando, mesmo...

Doris e mamãe Lloyd.

Foi tudo quanto me disse Doris Lloyd. Ao sahir da sua casa. Tinha, para mim, a convicção de que, de facto, fizéra uma visita... ingleza...

Salva-a a sua distincção sem par. E, alem disso, uma grande sympathia.

CINEMA DE AMADORES

(DE SERGIO BARRETTO FILHO)

NOVIDADES DA INDUSTRIA

A Victor Animatograph Company reclama para si a vantagem de possuir o melhor apparelhamento de illuminação á incandescencia, por meio da nova lampada Victor, de seis ampéres e trinta volts, controlados por um rheostato. O novo rheostato está apparelhado com um ventilador electrico, o qual conserva todo o conjuncto sempre frio, mesmo durante varias horas de projecção continua. Ha tambem um medidor que serve para indicar a quantidade da corrente que passa atravez da lampada, permittindo a maior quantidade de illuminação possivel sem sobrecarregar o filamento. O novo rheostato permitte o emprego de correntes alternativas de 105 a 125 volts, e 25 a 60 cyclos. O conhecido projector Victor está sendo construido agora sobre as bases de um novo modelo, o qual recebeu o titulo de 3-C e é identico ao modelo 3, excepto quanto aos braços destinados ás bobinas, porque estas são de 800 pés de capacidade, permittindo portanto meia hora de projecção sem interrupção. O modelo 3-C vem acommodado em mala especial. Esses projectores são fabricados com partes de cobre, chromio e aluminio. Uma terceira novidade da Victor consiste no seu tripé para projectores, o qual póde ser adaptado a qualquer modelo de projector; as pernas do tripé são divididas em duas secções, dois tubos de aço, com pontas de borracha. Diz-se que este tripé é rigido, forte, e absolutamente extranho a quaesquer vibrações.

— O —

A Eastman Kodak Company, de Rochester, Estado de New York, Estados Unidos, annunciou, ha pouco tempo, uma reducção nos preços das suas télas prateadas Kodascope. A reducção é de 20 % sobre os antigos preços; as télas que soffreram as reducções foram os typos O e 1-A, typos rigidos, e o 1 e 2, typos cortina, enrolados no interior de um receptaculo apropriado.

— O —

A Agfa Ausco Corporation, cuja entrada nas fileiras dos productores de camaras de 16 mm., foi tão auspiciosa, annuncia o completo successo da camara Cine-Ausco no mundo dos amadores. No principio, o apparelhamento se achava bastante desconhecido, porque a Agfa desejava attrahir o interesse dos amadores sobre o novo apparelhamento. Os pedidos, cada vez maiores, das camaras Cine-Ausco, resolveram o problema, augmentando ao mesmo tempo a papularidade do nome da Agfa, assim como o seu conceito, tanto na Europa como na America. A Cine-Ausco apresenta grande facilidade no uso e na operação, o corredor do film em linha recta, montagem de lentes que pódem ser substituidas umas pelas outras, effeitos de filmagem retardada, belleza de acabamento, e uma porção de outros pontos que ficam á disposição do amador.

— O —

Em resposta á popularidade cada vez maior, entre os amadores dos filtros usados correctamente, a Companhia Bell & Howell apresentou uma colleção de filtros, desenhados para irem ao encontro de qualquer necessidade que os amadores tenham, de filtros para as suas filmagens. A Bell & Howell fabrica presentemente um novo filtro, ao qual deu o nome de "Orthoplan". Excellentemente graduado, é elle constituido de um vidro plano e incolor, collado a outro vidro côr de ambar, cujo indice, é extremamente baixo. Como é natural, o filtro vem montado em uma aureola adaptavel á objectiva da camara. Além disso, o filtro é fabricado em quatro dimensões, para ser adaptavel aos varios typos de lentes. Continuando na sua propaganda pelos filtros, a Bell & Howell apresenta tambem o filtro "Duplex", especialmente fabricado para as suas camaras "Filmo 70". Este accessorio compõe-se de um annel adaptavel á objectiva, e o qual sustenta filtros de duas differentes densidades, cujos indices são 2x e 4x. Cada um desses filtros póde ser introduzido no annel em um instante, ou póde tambem deixar a objectiva simples, sem accessorios, ficando sómente o annel ou auréola adaptado á objectiva, funccionando como uma especie de resguardo contra o sol. Outro accessorio Bell & Howell que precisa ser anotado aqui é a objectiva "Greatlite" especialmente destinada para os projectores "Filmo", e a qual, segundo se diz, dá um augmento de 25 % na luminosidade da projecção.

Tem sido experimentado com grande successo, pelos amadores californianos, um novo accessorio destinado a manter as camaras invertidas, producto da "De Moulin Corporation", 417 South Hill St., Los Angeles, California. O accessorio é feito completamente de metal, e é rigido e seguro. Destinado para ser usado em conjuncto com o tripé, elle traz uma cavilha de um lado, para ser atarrachada no parafuso do tripé. Do outro lado, vem outro parafuso, o qual é atarrachado na propria camara. Por intermedio de um braço ajustavel, o accessorio póde ser adaptado a qualquer camara, sejam quaes forem as suas dimensões. Os amadores cada vez aprendem mais com os effeitos interessantes que o accessorio De Moulin tornou possivel, pelo simples facto de inverter a camara, voltando-a de cabeça para baixo. Além disso, o accessorio apontado aqui dá a camara assim invertida todas as vantagens de um tripé frme e seguro. Esse accessorio permitte tambem a installação de duas camaras, uma ao lado da outra, uma invertida e outra na sua posição normal. Acompanha o interressante accessorio um pequeno livro de instrucções, o qual ensina um grande numero de meios para a producção de effeitos de reversão.

— O —

A amadora Sura. Marion Norris Gleason, de Rochester, New York, publicou um livro intitulado "Como Escrever os Scenarios" (Scenario Writing) o qual foi editado pela "American Photographic Publishing Company", e lançado no mercado mundial ao preço de 3 dollares. Relativamente, é caro o preço exigido pela obra de Mrs. Gleason, mas em compensação ella apresenta um material substancial sobre tudo quanto se refere ao scenario das producções cinematographicas dos amadores. O texto offerece uma multidão de novas suggestões sobre a filmagem dos amadores, ao lado de outras informações sobre a technica da construcção de um scenario e de uma historia apropriada para a filmagem. O livro foi escripto, tendo em mira a resolução simples e pratica dos problemas do amadorismo.

O corpo do texto é formado de vinte scenarios, preparados como exemplos ou methodos para se fazer a continuidade, e escriptos além dsso para diversos fins e interesses. Por exemplo: ha scenarios para crianças, scenarios para serem filmados em casa, scenarios para os clubs de amadores, e scenarios para os novatos. Esses diversos scenarios servem a um fim duplo; primeiro, afim de serem produzidos pelos amadores, e segundo, como exemplos aos quaes se refere a autora, nos seus pontos de vista.

— O —

O amador Sr. Leonard Westphalen, cujo endereço é 438 Rush St. Chicago, Illinois, Estados Unidos, acaba de publicar um pequeno pamphleto sobre a illuminação dos interiores, especialmente dedicado aos enthusiastas das lampadas electricas para a filmagem de interiores. O Snr. Westphalen é o inventor e constructor da pequena lampada de arco á qual denominou "Little tun". O pamphleto apontado acima denomina-se "A perfeição dos Films Interiores" (Perfect Indoor Movies) e pretende resolver todos os problemas de illuminação no amadorismo, contendo apenas methodos experimentados pelo autor, conforme se diz.

— O —

Só nos Estados Unidos, sem contarmos a grande quantidade de representantes espalhados por este mundo afóra possue a "De Vry Film Corporation" um total de 11 filiaes. A De Vry apresentou uma nova camara photographica, para photos "still", destinada a acompanhar a camara cinematographica "Q. R. S.". Essa camara photographica usa film cinematographico de 35 mm, typo standard, como se sabe, e dá quarenta exposições photographicas cada vez que a camara é carregada. Além disso, possue um supporte em fórma de parafuso, o qual póde ser atarrachado á borda de uma mesa ou cadeira.

— O —

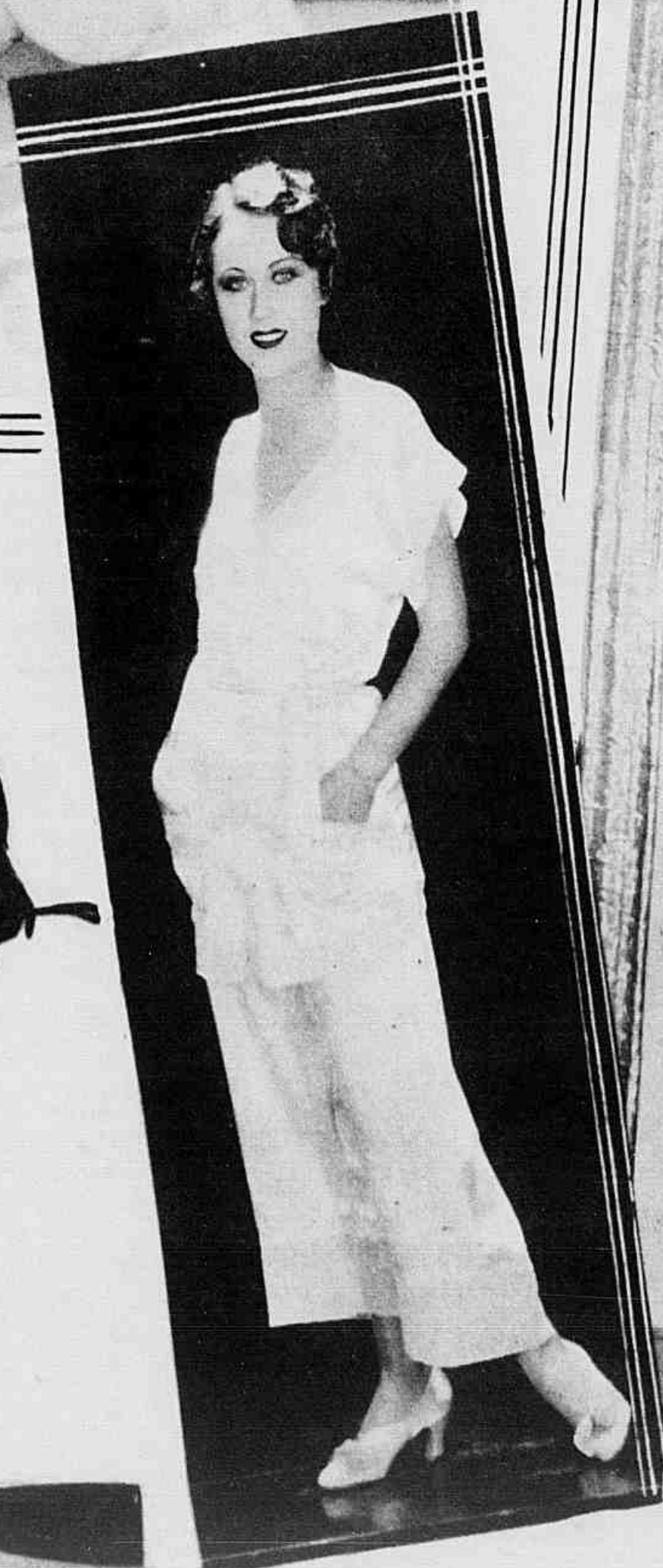
A "O. P. Goerz American Optical Co." possue os seus depositos em "317 East 34th. Street, New York City". A casa Bell & Howell, ha coisa de seis mezes, contractou com a casa Goerz americana a adaptação das lentes Goerz nas camaras Filmo 70-D; aconteceu porém que essas lentes, devido á montagem em que vinham feitas as objectivas das Filmo, não puderam ser adaptadas naquellas camaras, como era do desejo da casa Bell & Howell, a menos que se desenhasse uma montagem inteiramente nova, para as objectivas das Filmo. Agora, porém, esta montagem está sendo fabricada pela casa Bell & Howell, o que permittirá o emprego de toda e quaesquer lentes Goerz com as camaras Filmo 70-D.

— O —

Com o advento do film negativo ou positivo de 16 mm, os laboratorios apenas e unicamente para amadores se multiplicaram por todo o mundo. O Snr. A. J. Harte é um ds directores de laboratorios desse genero. O seu "Expert Film Laboratory" que está installado em 130 W. 46th. Street, New York City, inclue nos seus serviços a viragem, a revelação, a copia, a ampliação, a reducção, etc., de qualquer film de amadores. Vê-se portanto,

(Termina no fim do numero)

FAY WRAY
E' BEM A
HEROINA DE
VON STROHEIM...

Não sabem mais

Charles Farrell e Dorothy Revier... um beijo dos bons tempos...

Mas o que foi que aconteceu ás scenas de amor? Aonde está o beijo final. Grande. Immenso. Assucarado e bom? Aquelle beijo que começou sendo victima dos hysterismos dos censores. E que, por fim acabou sendo medido a relogio... Aquelle mesmo beijo que, sempre, era a inspiração dos editoriaes dos jornaes reformistas. Cheios de conceitos sabios. Nos quaes o Cinema apparecia, sempre, como corruptor da humanidade...

E, agora, porque é que, com a chegada do som e da voz. O Cinema está ficando tão sem ardor e tão sem fogo?

Antigamente, dos films, as scenas de amor. Ou os "clinches", como deselegantemente os chamavam os "technicos". Eram a parte essencial. Os films, mesmo, alguns delles, chegaram a ser forjados para girarem em torno delles... Houve, mesmo, occasiões. Em que a historia pouco ou nada significava. Importantes eram os "close ups" com beijos immensos...

Cogitou-se, mesmo, das maneiras mais certas de se elevarem os mercurios dos thermometros ás alturas maximas. Com o calor irradiante das scenas de amor. E, ás vezes, mesmo, quando em filmagem. Tão tremendas eram as acrobacias amorosas dos artistas. Que, electricistas, directores, scenaristas e demais auxiliares. Acabavam todos se beijando e num tumulto dos diabos. Dansando, uns. Atirando flechas, outros. Atirando petalas de margaridas, ainda outros...

As scenas amorosas, de antigamente, eram rodeadas de musicos. Havia a melodia favorita. Geralmente uma que tocasse os musculos, entorpecendo-os, voluptuosamente. Depois, era o director que se approximava dos artistas. Que os fazia apaixonados, um pelo outro. E que, finalmente, em ensaios consecutivos. Punha-os perfeitamente malucos. E, assim, girava a "camera", apenas com a impressão exacta do que aquella musica e aquellas ordens haviam deixado no artista...

Lembramo-nos, perfeitamente, termos visitado um "set"... Occupado por Mae Murray e Lloyd Hughes. Ella, em poucas vestes. Estava nos braços delle. Numa roupa de marinheiro. Muito apropriada ao film. Mas, ali, perfeitamente anti-poetica e anti-amorosa. O director, Buchowetzki, ordenava, ao mesmo Lloyd. Que se tornasse apaixonado.

— Vamos, mais ternura!

E elle, olhando-se, naquellas vestes. não se sentia disposto...

— Vamos, mais sentimento! Mais concentração á scena!

E, assim, foram se approximando.

— Musica! A mais suave possivel. Aquella!!!

E emquanto a melodia deslisava por uma variação morna da "Carmen". Lloyd tinha que voltar o rosto para Mae. E, suavemente, mostrar-se apaixonado. Elle começou a virar a cabeça. Mas, quando ia ficar suave. Para que escurecesse a sequencia nesse ponto. Apossou-se delle qualquer aperto que a roupa lhe causava. E, o que lhe veio á physionomia foi, apenas, uma expressão comica de mal estar... Houve um berro do director. E a scena precisou ser refeita...

Nem sempre os artistas se compenetram do que estão fazendo. Mormente quando se sentem inexplicavelmente ridiculos. Foi o que aconteceu. Porque, na vez seguinte, o beijo que Lloyd deu em Mae Murray, quasi incendeia as vestes da mesma e quasi inflamma todo o celluloide do film...

Isto, francamente, não me parece bom.

Em *Amor de Zingaro*, por exemplo, Lawrence Tibbett tem dois momentos impagaveis. Um delles, com certeza, é aquelle em que elle chega, sob aquella sacada. E, suavemente, para não despertar ninguem que está dormindo. Canta a *White Dove*, para a sua amada Catherine Dale Owen. E, francamente, o berreiro que elle faz, *murmurando*, daria até para despertar rochedos... Depois, tendo-a nos braços, torna a cantar. E, ahi, então, é para se ter pena da pequena. Coitadinha da Catherine! Recebia, ouvindo a canção, taes *brizas* pelos cabellos e pelo proprio rosto. Que, dizem, nos agudos chegou mesmo a ter os cabellos varridos da testa. E o collar partido, todinho, pelo mais forte dó de peito... Isto, fóra todo o algodão que trazia nos ouvidos. Para proteger os tympanos. E a força que precisava fazer, para não piscar, por causa de alguns *pinguinhos* de saliva que o celebre barytono emittia. Nas suas modulações *gargantaes*... Isto, fóra prisco correm os extras, coitados, que, alguns, em certos "close ups", ao lado do barytono, chegam até a ficar surdos...

Ronald e Vilma no tempo em que havia Romance no Cinema...

Agora, então, com o advento do som. As cantorias são infalliveis. Seja o galã tenor, barytono ou baixo, mesmo. Se ha um idyllio. Ha uma canção. E, inexplicavelmente, a musica. Ou, sejam, os accordes de uma orchestra enorme. Vêm. Esteja o heroe cantando num claustro.

Em *O Bem Amado*, por exemplo, ha uma scena em que a heroina canta. E a orchestra parece estar debaixo de uma cama, na qual ella se acha. Modulando suavemente a suave melodia... Em outra, mais adiante, quando o heroe canta, naquella floresta. A orchestra parece que se acha brincando de esconde — esconde, atraz de alguma arvore...

E' possivel, assim, fazer uma suave scena de amor?...

Betty Compson, que tem uma grande experiencia. Tanto agora, epoca *falada*. Quanto antigamente, epoca silenciosa. Tem, sobre este assumpto, importantes revelações.

— Eu acho que a artista que disser que, nas suas scenas de amor, não se emociona. Ficando presa aos braços de um galã bonito. Mente! Eu, pelo menos, semme emocionei. Fiz, já, muitas e muitas scenas de amor. Já dei immensos innumeros beijos. Já tive labios de dezenas de artistas, collados aos meus. Mas, apesar de tudo, senti, todas as scenas de amor que fiz. Eu as fiz com paixão e, palavra, amei os galãs, todos, naquelles momentos em que os beijava. Mas eu os amava em silencio. Cerrava os olhos e concentrava todos os meus pensamentos no homem que me beijava. e em cujos braços eu estava immersa. Depois, elle tambem nada dizia. Apenas beijava. Era, mesmo, bem por isso, uma perfeita scena de amor. Porque, na vida, quando se ama. Não se falla... Agora, com os *talkies*. As cousas mudaram. Os galãs, para beijar. Ou cantam, antes, uma melodia geralmente cacete. Ou, então, se são galãs de theatro e dramaticos, principalmente. Soltam uma serie de *darlings*,

Beijar..?...

sweeties e honeys que dão uma vontade grande de rir... Eu, francamente, depois dos *talkies* jamais fiz uma scena de amor que prestasse. Porque, com falas, não sei amar. E, assim perco, todo meu interesse e passo a representar machinalmente. Justamente nas scenas que mais ardor e mais arte requerem...

— Agora, (continuou ella) não é assim. Quaes são os galãs que se comparam a Valentino ou a John Gilbert? Este, ainda existe. Mas, agora, está bastante afastado. E, mesmo quando voltar. Ainda precisará falar. Dizer os mesmos *honeys, sweeties e darlings* ás heroinas. E, assim, perderá 80 % do seu attractivo. Mesmo como Wallace Reid, não ha, hoje, um só! Desappareceu o romance. Ronald Colman, que era um dos mais importantes amantes da téla. Passou a apenas juntar o seu rosto ao da amada. E, assim, apenas recitar o seu papel. Esquecendo-se, mesmo, de beijar e amar. Como beijou e amou Vilma Banky, por exemplo, em diversos esplendidos films. Os galãs de hoje. São, infelizmente, sombras muito apagadas dos galãs de hontem... O Cinema perdeu o seu romance. Agora só se tem falas e cantos. Nada mais...

As scenas de amor de John Boles. Lawrence Tibbett. Rudy Vallee. Alexander Gray. J. Harold Murray e outros. Poderão, por exemplo, ter siquer a belleza e a poezia e a seducção e o peccado-artisto. De um só. O menor, mesmo. Dos muitos e infinitos idyllios de *A Carne e o Diabo?*...

Duvidamos...

Winnie Lightners... Bernice Claires... Irene Bordonis, etc. Não podem ser mulheres que façam os John Gilberts, de hoje, pensar em scenas de amor afogueadas e ao sabor do publico que ama o romance e aprecia os assumptos amorosos.

Nunca!

Betty Compson diz que com o Cinema Falado acabaram-se as scenas de amor...

John e Greta Garbo, glorificaram o Amor e o Romance no Cinema, naquelle tempo do Cinema silencioso que falava a nossa alma...

⊞ Bernard Lichtig, que esteve em São Paulo, tratando da collocação de *Sombras de Gloria*, lá, acaba de receber novo film da mesma procedencia. Chama-se elle, *Asi Es La Vida*. E tem o mesmo José Bohr no principal papel, secundado por Delia Magana.

卐

Abriu suas portas, completamente reconstruido, o Cinema Pariziense, com o film *Mademoiselle Fifi*, da First National. O mesmo apparelho acha-se munido dos apparelhos Pacent, importados pelo Programma Matarazzo.

卐

John Barrymore fará *Hamlet*, para a Warner Bros.

卐

O director Luther Reed acha-se de casamento tratado com Jocelyn Lee, conhecida artista.

卐

Renegades, argumento de Jules Furthman, sobre a legião militar franceza, na Africa, será o proximo film de Warner Baxter, para a Fox. O seu director, será Victor Fleming.

卐

⊞ Edmund Lowe, terá como seu proximo vehiculo para a Fox, o film *Men on Call*, com a direcção de J. G. Blystone.

卐

卐 Mary Nolan teve o seu contracto com a Universal, reformado e augmentado. Tanto em tempo, que será de cinco annos, como em dinheiro.

卐

Ao lado de Maurice Chevalier, em *The Little Café*, da Paramount, figurará Clyde Cook. E' provavel que Stuart Erwin tambem faça parte do elenco.

卐

Ao lado de Richard Barthelmess, em *Adios*, que a First National está fazendo, com Frank Lloyd na direcção, figura Marion Nixon.

卐

Betty Compson, afinal, divorciou-se, mesmo, de James Cruze.

⊞ William Melniker, que, ha dias, esteve em Buenos Aires, para aonde fôra ter uma conferencia com Carl Sonin, representante para a America do Sul, da Metro Goldwyn Mayer, já se acha de novo entre nós.

No, No, Nanette

Bernice Claire . . . . *Nanette*
Alexander Gray . . . . *Tom Trainor*
Lucien Littlefield . . . *Jim Smith*
Luiza Fazenda . . . . . *Sue Smith*
Lilyan Tashman . . . . *Lucille Earl*
Bert Roach . . *Advogado Bill Earl*
Mildred Harris . . . . *Betty*
Jocelyn Lee . . . . *Flora*

O Destino, por uma dessas irreverencias que não surprehendem mais, fez de Jim Smith, que enríqueceu editando Biblias, 'um amavel e risonho "coronel"...

Para elle a vida não era propriamente aquillo que o livro sagrado, que elle proprio tanta espalhava pelo mundo, dizia. Era alguma coisa mais deliciosa e menos pura... Por isso, por ver a vida por esse prisma de côres tão risonhas, que recebeu com alegria que nem todas as palavras traduzem, a nova de que uma adoravel pequena, actriz sem nome, mas de belleza, filha de um seu velho amigo, vinha procural-o. E de accordo com as suas velhas theorias Jim Smith não se impressionou por ter, de augmentar para tres o numero das suas protegidas... Era tão bom ter, sempre, risos encantadores e promessas encantadoras em boccas de mulher!... E como já mantinha Betty em Chicago e Flora em Boston, resolveu manter a nova creatura, a linda Nanette, em Nova York!... E para justificar a sua generosidade por Nanette tantos pretextos se lhe offereciam!... Filha de um velho amigo, moça sem amparo perdida no abysmo da vida!... E com esses mos argumentos Jim Smith convenceu a esposa, Sue Smith a acceital-a em casa, no que foi attendido com solicitude.

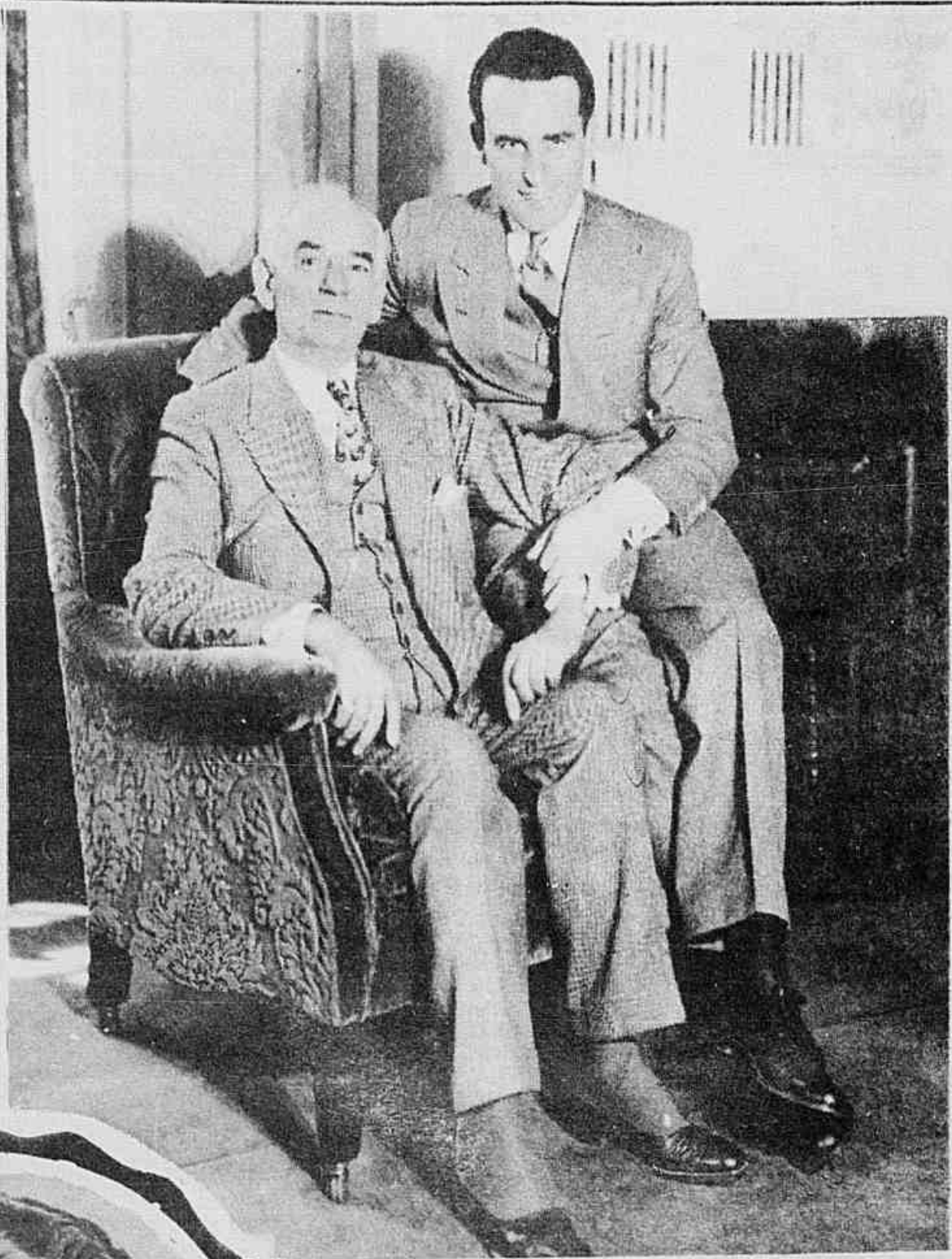
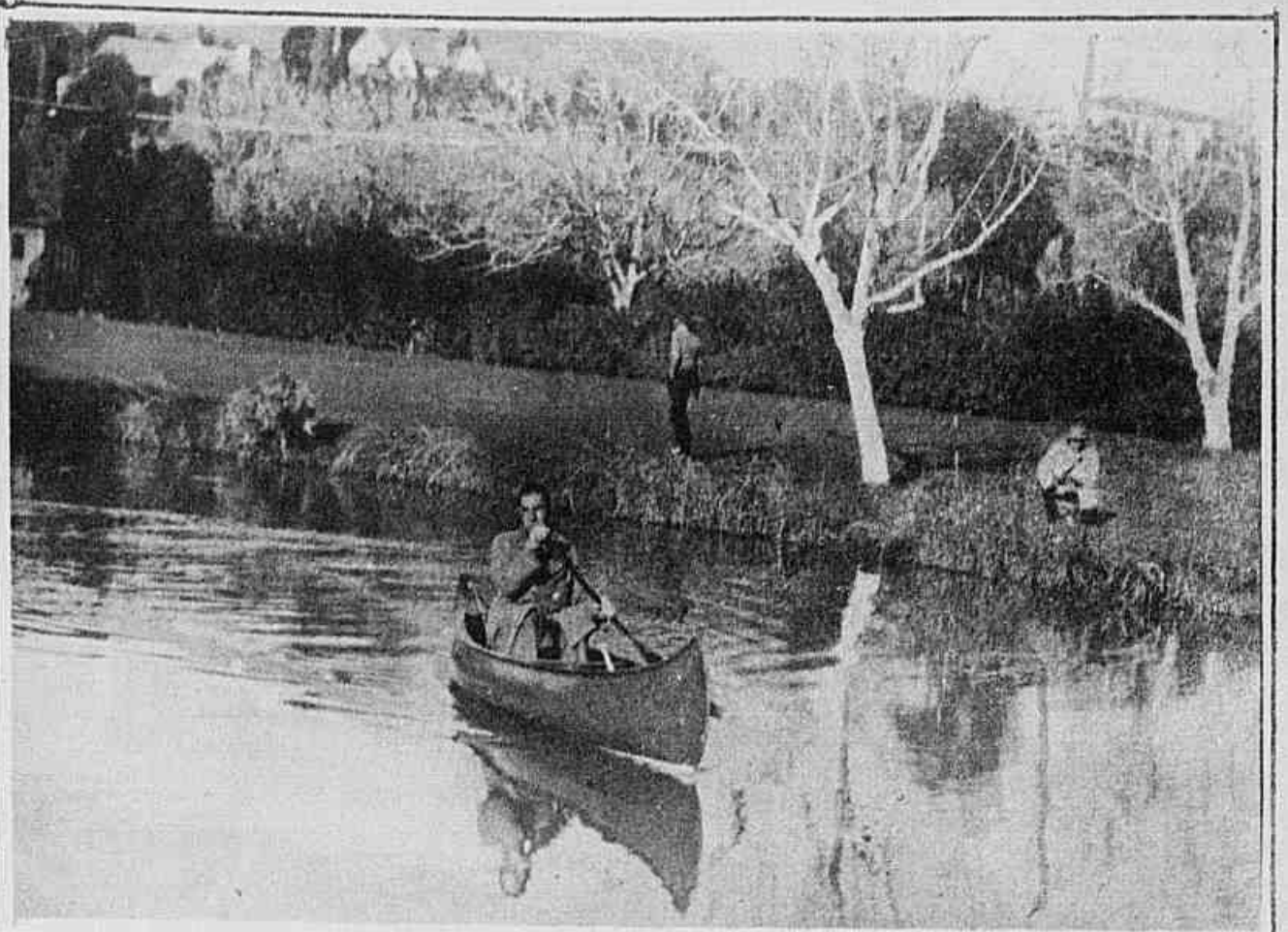
Aliás esses deveres domesticos assentavam, sempre, como uma luva no temperamento de Sue Smith! Em compensação para ella nao havia maior sacrificio do que ter de cumprir os seus deveres sociaes! Ah!... Como lhe custava vestir uma toilette mais cara, calçar um sapato mais elegante!...

Nanette, a adoravel creatura que vivia ansiosa de glorias mas cujo nome não brilhara ainda nas illuminarias da Broadway, não se lembrou de Jim pelos bellos olhos que elle pudesse ter... Lembrou-se do editor de Biblias porque ambicionando os maiores triumphos na sua arte precisava de alguem, com posses, que lhe financiasse a linda opereta escripta especialmente para ella pelo joven Tom Trainor, que a amava perdidamente. E Jim Smith, que gostava de fazer o Bem, em se tratando de um pedido da "Melhor" não vacillou... E arranjou um lindo theatro na "Atlantic City", para lançar a formidavel opereta e a lançaria sem nenhum embaraço se Betty e Flora não lhe fizessem desabar sobre a cabeça uma avalanche de ameaças... Sabendo ou desconfiando de que uma outra creaturinha surgira na vida tão bonançosa de Smith, Betty e Flora sem o menor constrangimento encaminharam as suas reclamações ao generoso protector por intermedio de Bill Earl, o illustre causidico que não só advogava as questões commerciaes de Smith, como as questões amorosas... E o interessante é que essas reclamações chegaram em casa de Smith precisamente quando lá se encontravam as duas esposas, a deste e a do advogado, a imponente Lucilla, uma dessas mulheres que impressionam pela belleza espectaculosa. Um sem numero de situações criticas se desenrolaram de tal maneira compromettedoramente que a Sra. Smith e a Sra. Earl, ficaram desconfiando mesmo de que havia algo de anormal a preoccupar os dois maridos. E essa situação difficil mais complicada se tornou ainda quando Smith communicou á esposa que naquella mesma tarde partia para Atlantic City, afim de fazer uma estação de repouso no seu lindo *bungalow* daquella cidade, partindo com elle tambem numa coincidencia deveras impressionante, Nanette, que, dizia, ia visitar a avó em Newark. A Sra. Smith achou realmente muito exquisita a coincidencia. Mas a Senhora de bôa fé, retirou toda a maldade que no caso a Sra. Earl poz, levando o marido até a porta, entre mil recommendações, pedindo-lhe ainda mil cuidados para a joven Nanette, que elle acompanhava.

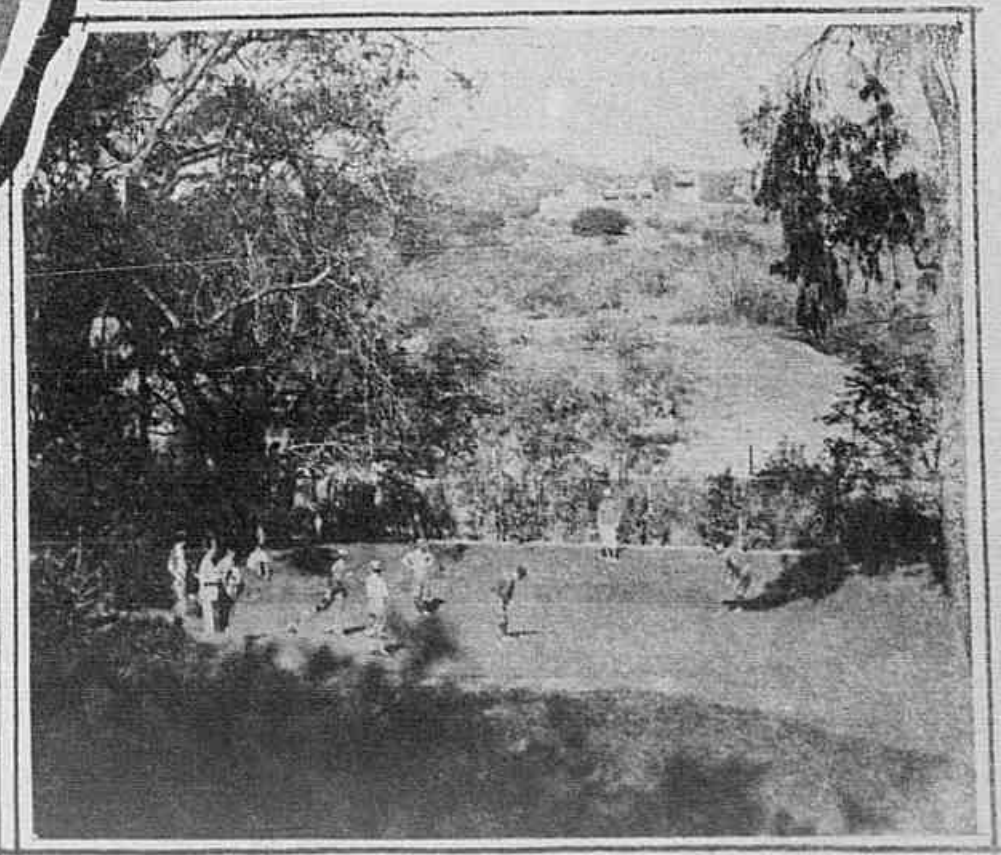
Em Atlantic City a vida durante tres dias correu para Smith e para Nanette como se aquillo fosse um paraizo. Nem a graça deliciosamente envenenada de uma Eva faltou ali, ali que sempre teve a severidade monastica da Sra. Smith, que quasi não tinha noção do riso. Mas ao cabo de 3 dias, Nanette teve que se transferir para um hotel pois Smith esperava a todo momento qalquer coisa de desagradavel, presentimento que se confirmou plenamente com a chegada de Earl que lhe avisou que estava tudo perdido, porque a Sra. Smith que descobrira a existencia das suas duas protegidas em Chicago e Boston, partira para ali, cheia de odios, e disposta a todas as vinganças.

(*Termina no fim do numero*)

JOAN CRAWFORD
Cinearte

LUPE VELEZ
cinearte

HAROLD E O "VELHO".

HAROLD LLOYD e alguns aspectos de sua residencia em dia de torneio de golf.

Carlito defende O Silencio

— RÉO: —
O Cinema Silencioso.
— ACCUSAÇÃO: —
Ninguem mais o quer.
— ADVOGADO DE DEFESA: —
CHARLES CHAPLIN.

Explicação: ha dois annos, tentaram os talkies. E elles foram considerados bons. E, agora, os films silenciosos. Ha annos o orgulho de Hollywood. Acham-se em ultima defesa. Quasi se abysmando na morte completa... Vamos ouvir os argumentos do advogado desta causa que muitos reputam perdida. Charles Chaplin. E' conhecido. Ha muito que todos o applaudem. E' um genio. Merece toda a consideração. A accusação é que ninguem mais os quer. Depende vós. Senhores e senhoras do jury. Publico que lê, em summa, accei-tar ou não as palavras da defesa.

—oOo—

— Senhores e senhoras do jury. Esta corte de julgamento da arte theatral. Já teve, varias vezes, assumptos importantes. Mas, um dos mais, sem duvida, é este. *Talkies* versus Silenciosos. Muitos já gritaram a defesa dos *talkies*. Muitos. Eu... Não. Não é preciso que eu fale para que alguem me comprehenda... Chamo a isto, representar.

— O meu silencio é muito mais eloquente do que minha voz. Prefiro, mesmo, que me não ouçam falar. Assim como considero um bom film silencioso. Do mesmo argumento. Superior, mil vezes, á ambas. Isto é. A' peça falada. No palco. E á peça photographada. No Cinema.

— A logica é quasi infalivel. E' muito mais facil observar um artista. Do que prestar attenção ao que elle diz. Dizem, os que fazem Cinema falado, que o defeito do theatro. Que o Cinema falado corrigiu. E' não se ouvir. De platéa, distinctamente, tudo quanto dizem os artistas. E que o film falado corrige isto. Porque apanha, em planos avançados. Até mesmo o espirro do ultimo extra da peça. No emtanto, esquecem-se os productores das falas e dos sons. Que, não raro, quando se passa, na téla, uma intensa scena amorosa. A voz parece sahir dos pés dos artistas. Ou, então, vinda da esquerda ou da direita. E, nunca, dos labios, mesmo.

— O film falado tem varios defeitos. No emtanto, o maior delles é a imposição que têm os mesmos imposto á industria, ella mesma. A pantomima, que é a base do successo dos films silenciosos. E' uma linguagem universalmente conhecida.

Vêm-nos, as mensagens dos artistas. As suas eloquencias. Da téla. Em fórma de acção e gestos. Cousas tão velhas e conhecidas quanto a propria humanidade. E, depois, quando um sub-titulo se faz necessario. Para explicar determinado motivo. Ou para apresentar determinada situação. Imprime-se o letreiro. Que, logicamente, virá impresso em qualquer lingua.

— Mas confiam os productores dos films falados nestes simples processos? A resposta é um simples Não!

— Mr. Goldwyn, por exemplo, fez um film que se chamou *Bulldog Drummond*. Immediatamente este film pode ser lançado na Inglaterra ou na America. E a Italia? E a França? E o Japão, mesmo?... E, para se ter uma versão em cada lingua que se fala no mundo. E' preciso que se perca 4 ou 5 annos em selecção de elencos e de gente apropriada. Mesmo assim, não se terá, nunca, a certeza de que se fala, mesmo, a exacta lingua do paiz... E', sem duvida, a mesma cousa que falam alguns cavalheiros nos nossos actuaes films. E que, afinal, querem, mesmo, que alguns considerem inglez *aquillo* que falam...

— Os meus proximos films, tenho certeza, serão mais populares, mesmo, do que o foram os que já fiz. Isto, sem duvida, affirmo, pelo numero enorme de cartas que recebo. Affirmando a sympathia que têm pelo film silencioso. E, ainda, pedindo-me, esse numero immenso de "fans" que me escreve. Que continue, sempre, no terreno dos films silenciosos. Tenho, já, cartas de todas as partes do mundo. Uma grande parte dellas, tambem, é do grande numero de surdos, da America do Norte, mesmo, que, coitados, reclamam, com razão, que, agora, já não têm nem mais o direito de assistir um film. *"Que sorte tiveram os films!"* — Disse-me Thomas Edison. *"Eu tanto gostava delles. Agora, não mais os posso assistir. Foram totalmente estragados pelos talkies. Eu sou surdo. E quantos não serão como eu?"*

— Estes infelizes, pelo continuo torcer e mover dos artistas. Não podem acompanhar, sem grande attenção. Os movimentos labiaes dos artistas para comprehender-lhes a linguagem. E, ainda assim, mesmo que o conseguissem. Fixando attenciosamente os labios dos artistas. Não poderiam, é logico, prestar attenção á movimentação dos artistas e á acção dramatica da peça. Nem, tampouco, poderão ouvir os ruidos e os sons que, ás vezes, agora com o *avanço* dos *talkies*, constituem situações *capitaes* de um film... Existem 35 ou 40 milhões de surdos no mundo todo. Deverão elles continuar privados de films? Não serão elles, para os films silenciosos. Ainda que os outros refugem o film silencioso. Um grande publico? Não darão, só elles, lucros phantasticos para que se tenha mais e mais coragem para continuar?

— Já se disse, por mais de uma vez, que não faço *talkies*. Porque não tenho habilidades microphonicas. Isto é uma grande inverdade. Estreiei como Billy, na peça *Sherlock Holmes*, com William Gillette, no Theatro do Duque de York, em Londres, em 17 de Outubro de 1905. Depois disso. E pelos annos que se seguiram. Figurei em diversos fórmas de diversão audivel. E minha primeira apparição neste Paiz. Que, della, resultou o meu ingresso para os films. Foi num *sketch* de *vaudeville* que se chamava *A Night in an English Music-Hall*.

— Devendo-se ainda considerar que minha mãe foi Lily Harley, prima donna de Gilbert e Sullivan e, meu pae, Charles Chaplin. Um dos actores mais conhecidos do continente Europeu e tido como um dos mais perfeitos artistas Proteanos. Assim, já que não fosse pelo treino de palco que tive. Sinão pelo direito de herança, estaria perfeitamente apto a tomar parte em *talkies*. Campo de acção que até agora procurei evitar. Apenas acho que os films silenciosos são os melhores. O que pensariam, meus amigos, de Rembrandt, se se tornasse caricaturista. Apenas porque com isso ganharia mais dinheiro?...

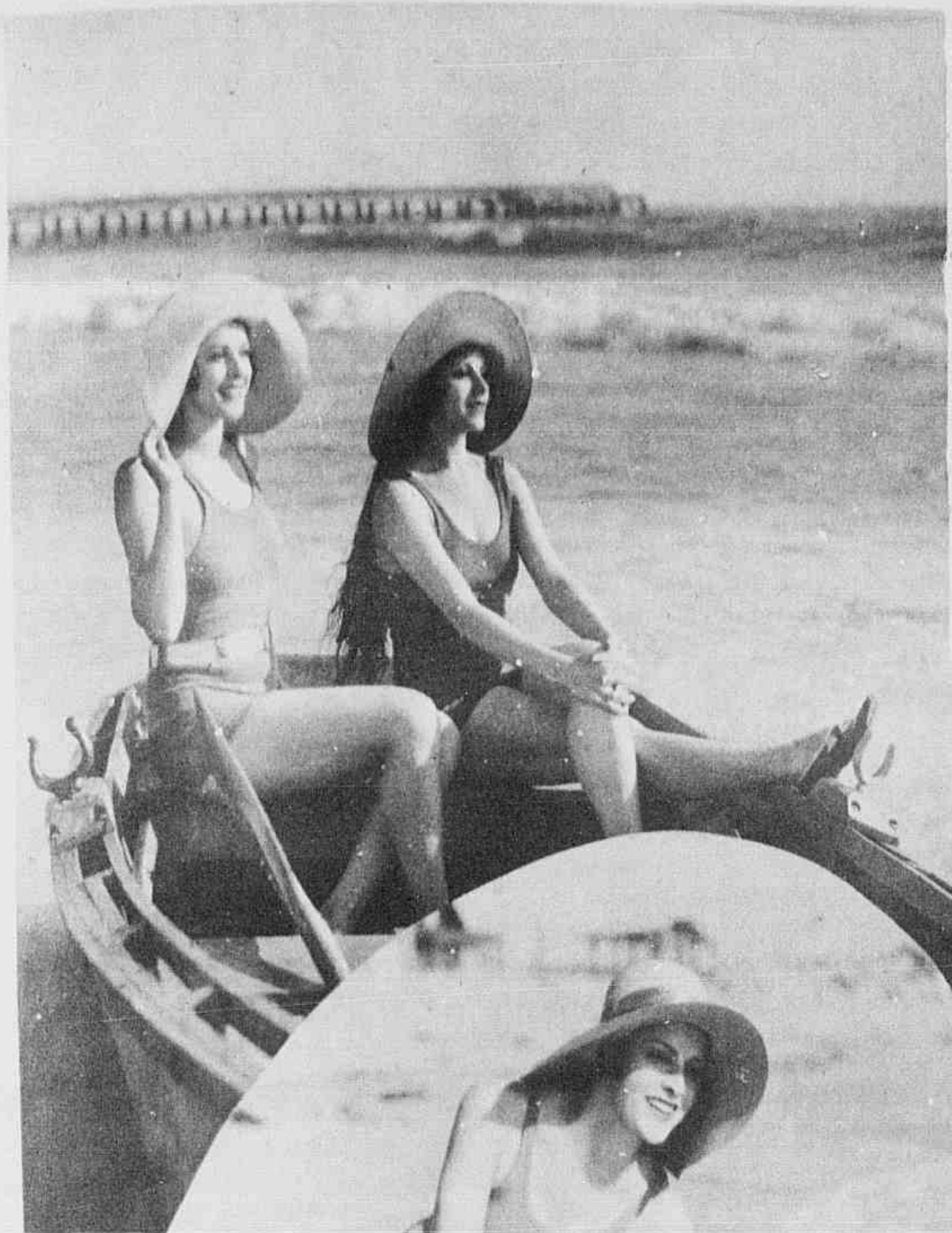
— Gilbert Seldes, um dos maiores criticos de dramas que já existiu. Commentando o synchronismo dos films, disse. *Justamente quando os films mostravam progressos notaveis e avançavam, no terreno da arte. Deram para falar e acabaram falando comsigo proprios.* E' uma dura verdade. Os films falados são mechanicos. Limitados á um campo de acção. E quasi totalmente impossibilitados de se dedicarem á belleza. Os dialogos, nos films, não estão melhor collocados do que estaria uma victrola dentro de um busto de Michelangelo...

— Os meus opponentes, productores de films falados, entraram pelo terreno da publicidade forçada a dentro. De maneira a inculcar o seu producto aos senhores. Mulheres e homens. Pelo poder da propaganda forte. Mas, apesar disso. E da posição que occupam, os mesmos. Apenas ali collocados pelo dinheiro que os *talkies*, como novidade, estão dando. Têm elles lido, com certeza, as criticas de jornaes importantes da Inglaterra e da America. E de todos os outros Paizes. Que me apoiam e me aconselham a continuar no meu *desideratum* de ser, sempre, productor de films silenciosos.

— Dizem elles, ainda, por nada mais terem a dizer. Que sou o unico que realmente posso assumir uma tal attitude. Porque meus films, antes de mais nada. São baseados em pantomimas. E que, por isso, abuso desse direito que é meu. E que, por isso, desprezo a palavra. Disse alguem, camarada demais, que *seria mais facil fazer um arco-iris falar do que um film de Chaplin*. Isto é. Estaria a voz tão adaptada naquelle caso, quanto neste. E é por causa de opiniões taes que eu mais do que nunca quero continuar.

— A pantomima é uma das maiores forças da expressão. E' cruel ver-se como lhe estão dando este sopro mortal e maldoso. Por isso é que juntei todas as minhas forças. Para manter o meu ponto de vista em pé. Creio, mesmo, que não ha somma em dinheiro ou influencia. Ou qualquer cousa semelhante! Que me levasse a fazer um film falado. Sei que, entre os productores, estou sozinho. Mas acho e considero que estou certo. E, assim, continuarei direito e firme no meu caminho.

— Isto, graças á Deus posso fazer. O successo, para mim, sempre foi a parte menor das minhas ambições. Agradeço por isto ao destino. Permittiu-me pensar. Costumei ter medo das idéas. Este temor alia-se á pobreza. E eu conheci a pobreza em todos os seus mais negros aspectos. Mas o dinheiro, depois, trouxe-me grande confiança em mim proprio. E, tambem, deu-me theorias proprias. E é por isso mesmo que aqui me acho defendendo a fórma silenciosa dos films. Não digo que ella seja perfeita. Porque, mesmo, a perfeição é um sonho chimerico. O objecto de uma procura que não terá fim, nunca. Somos limitados nos nossos methodos de contar as cousas no Cinema. Mas isto é um pequenino erro em comparação á difficuldade que a humanidade toda encontra em se entender entre ella propria...

(Termina no fim do numero)

ROSITA MORENO
E FRANCES DEAN

Estas sereias é que as vezes fazem a gente ouvir a sereia da "Viuva Alegre"...

JOE BROWN E' UMA DAS BOAS "BOLAS" DE "SALLY"...

::: A téla em revista :::

ODEON

O PAREO DA HONRA (New Orleans) — Tiffany-Stahl Prod.

O argumento não é forte e o desfecho deixa a desejar. Mas o film tem Alma Bennett e Ricardo Cortez e muitos beijos. E cada beijo! Buster Collier tambem toma parte. No film e nos beijos.

Cotação: 5 pontos.

COLHENDO AMORES (Cameo Kirby) — Fox. — Producção de 1930.

Ha annos, quando o Cinema não fallava. A Fox, mesmo, fez com John Gilbert e Gertrude Olmstead. Este mesmo "Cameo Kirby". Que então se chamou *Sota, Cavallo e Rei...*

Agora, Irving Cummings tomou o megaphone, digo, o microphone. E, para os ouvidos, fez "Colhendo Amores".

O film de John Ford, apesar de annos se terem passado. Ainda continúa melhor do que este. Porque, fatalmente, vendo-se J. Harold Murray, neste papel, lembra-se de Gilbert. E elle, sabe-se, é insubstituivel.

O film não tem aquelle romance da primeira edição. Marion Orth, embora fazendo um scenario razoavel, mudou alguma cousa. Tirou alguns caracteres. Modificou algumas situações. E, para o principio, arranjou um Carnaval muito mal explicado...

A heroina é Norma Terriss. A mesma pequena que já fez a felicidade de J. Harold Murray em "Casados em Hollywood", lembram-se? Mas ella, desta vez, não canta. Apenas ouve. Todas as melodias que Murray lhe apraz cantar... A principal, uma valsa, é apenas soffrivel. Ha uma scena que é realmente bôa. A do duello, entre os carvalhos. Os idyllios, não têm a sinceridade dos idyllios de outros tempos. E, ainda por cima, Harold Murray e Norma Terriss, evidenciando as suas origens theatraes. Affectam os modos e as poses. E transtornam tudo num convencionalismo inacceitavel. O film nos veio em versão "muda". Apenas com os cantos.

Douglas Gilmore é o villão. E, para apresental-o como máo, Marion Orth ainda arranjou o *novo* detalhe delle a ameaçar o escravo negro de chibatadas...

Robert Edeson, Charles Morton, John Hyams, um desses engraçadinhos de palco, Stepin Fetchit e Myrna Loy, completam o elenco.

Film razoavel. Mas um tanto fraco para principal film de um programma. Ficaria melhor como complemento.

Excellente photographia.

Cotação: 5 pontos.

卐 Como complemento, uma velhissima comedia de Gleen Tryon, para a Pathé-Hal Roach, com Oliver Hardy e Martha Sleeper. Velhos motivos comicos. Alguns razoaveis.

IMPERIO

UMA NOITE COM O OUTRO (The Other Tomorrow) — First National. — Producção de 1930.

Um film fraco. Exhibido em versão "muda". Assumpto convencional. Direcção convencional. Elenco convencional. Salva-se apenas Billie Dove. Pela sua belleza, que, embora fria. E' sempre, um deslumbrante attractivo.

Kenneth Thompson é um marido ciumento. E Grant Withers, um amiguinho de infancia. Razão de todos os conflictos.

A melhor scena é a da bofetada, na porta da Igreja. As outras, são mediocres. Ha situações tão arranjadas, tão impossiveis e já conhecidas. Como aquella da baratinha de Billie encalhar justamente defronte á casa de Grant Withers...

Mexericos de aldeia. Nada para rir. Ou, quem sabe seria "bóla" aquelle negocio do velhote cospir no fogão?...

Nenhum romance. Alguns idyllios fracos.

Auxiliado por outro film, póde formar um programma razoavel. Mas assim, como principal film, não conseguirá publico.

Podem ir ver Billie Dove. Mas façam o possivel para não ver Grant Withers... Otto Hoffman faz um mexeriqueiro de aldeia.

O scenarista apanhou os detalhes mais usados e mais gastos do Cinema e os jogou todos neste film...

Cotação: 5 pontos.

PARAIZO PERIGOSO (Dangerous Paradise) — Paramount. — Producção de 1930.

A versão fallada de "Victoria", o film que, ha annos, Jack Holt fez, para a mesma Paramount. Tendo Seena Owen como heroina. E, em principaes papeis, Lon Chaney, Bull Montana e Wallace Beery.

Esta versão, apesar de "all talkie", é bôa. William Wellman soube tirar partido do assumpto. Escolhendo angulos de machina interessantissimos. E movimentando a acção, rapidamente, como se tratasse, mesmo, de um film silencioso. Quando vimos o film, ouviam-se as fallas do principio. E, depois, as que acompanhavam os trechos musicados. Como aquelle das guitarras, ao longe e elles fallando, em primeiro plano. E, tambem, a scena da lucta. E a cantoria de Willie Wong, o chinez, enterrando os cadaveres dos dois bandidos. Nas partes todas falladas, apenas, desligavam aquelle disco dos alto fallantes e tocavam discos com musicas mais ou menos adequadas. E' um bom film. Póde-se assistir e merece, mesmo ser visto. A perseguição de Warner Oland e Clarence Wilson, no principio, á pobre Alma. E, depois, a de Francis Mac Donald. São tintas fortes a enfeitarem o elemento amoroso sustentado por Nancy Carroll e Richard Arlen. E' um film que tem "it". Alguns bons momentos dramaticos. Situações emocionantes. Uma lucta muito bem photographada e muito bem gravada. E, além disso tudo, Cinema. Como, por exemplo, aquelle avanço de machina até á véla, sobre a commoda. E, logo depois, o corpo morto de Giangiacomo, no fim da escada, ali atirado por Schomberg... A entrada de Gustav Von Seyffertitz, Francis Mac Donald e George Ketsonaros, na hospedaria de Warner Oland. E, logo depois, as suas apresentações pelo livro do Hotel. São dois bons momentos de direcção e do scenario de William Slavens Mc Nutt e Grover Jones. Francis Mac Donald é o dono do film. O seu desempenho é magnifico. Cheio de um cynismo sympathico. E mais maldoso e perigoso do que uma vibora. Estupendo! Nancy Carroll, não tem muita opportunidade. Mas vae bem. Richard Arlen, um bom galã. Seyffertitz, bom igualmente.

Bôa direcção de William Wellman. Esplendidas collocações de machina. Soberba photographia. E bom desempenho de todo elenco. Particularmente Francis Mac Donald. Podem assistir sem susto.

Cotação: 7 pontos.

卐 Como complemento, um "short" da Paramount, sobre um concurso de dansas num cabaret de pretos. Engraçadissimo e muito original.

GLORIA

AMOR E BOX (Liebe im Ring) — Terra Film. — (Programma Serrador).

Para approveitar a popularidade de Max Schmelling. A Terra Film quiz apresentar um film com elle, no principal papel. Schmelling, quando fez o film, não era, ainda, campeão. Agora, que o é; mais ainda auxiliará o successo das exhibições deste seu mediocre film.

E' um film todo synchronisado. Em parte fallado. E dirigido por Reihold Schunzel, figura conhecidissima do Cinema allemão. E que, aliás, neste film representa um papel "comico" de "speaker" estreante, de uma estação de radio...

O film é apenas curioso. Porque os que apreciam os sports. Gostam de conhecer mais de perto Max Schmelling. E, num film de longa metragem. Sempre se terá occasião de o apreciar melhor.

Elle é bastante parecido com Jack Dempsey. E, máo artista, como todo jogador de box. Não deixa, comtudo, de ser um soberbo athleta.

Considerando-se este film sob este aspecto. Póde-se perdoar, em parte, a historia cacetissima que tem. E a interpretação mais fraca ainda. Salvando-se apenas Olga Tschekowa. Que, apparecendo pouco, é, comtudo, a figura maior do film. A sua scena de seducção, com Max Schmelling, é esplendida e tem muito sensualismo. Olga é uma das mais interessantes figuras do Cinema allemão. Não merecia figurar num film destes.

Vê-se, claramente, a vontade que tiveram de apresentar um film sportivo. No genero dos que os americanos apresentam, sempre. Mas falharam. Pelos mesmos principios que são o eterno fracasso do Cinema europeu, em geral. Falta de scenario. E typos bem pouco adaptados aos papeis. Aquelle empresario, por exemplo, é o typo menos photogenico que já vi! Depois, mal adaptado. Quem já viu Hayden Steverson, como empresario vae-se rir daquelle cavalheiro obeso... Os treinadores. A heroina, Renate Muller. São todos sem a photogenia e sem os attractivos de mocidade que fazem o successo sempre pujante do Cinema americano. Os films sportivos que os yankees fazem, trazem um cunho saborozissimo de mocidade. Os films sportivos, europeus, dão a impressão justamente avessa...

José Santa, é o rival da lucta mais importante. Arthur Duarte, tambem apparece, como seu treinador. Fallam portuguez, ambos. Mas a gravação é má. Um film curioso, por ser a apresentação de Max Schmelling. Mas, como Cinema, fraco.

Cotação: 5 pontos.

卐 Como complemento, a lucta de Schmelling com Sharkey. Apanhada em flagrantes locaes, pela Columbia. Nos instantes precedentes á lucta e nos finaes.

Com aquellas discussões todas, sobre o golpe prohibido de Sharkey. As scenas da lucta, são silenciosas e, synchronisadas com aquelle malfadado disco de "gritarias"... Apanhados muito nitidos. Tanto que permittem registrar, claramente, o tal golpe de Sharkey. Que, de facto, foi illicito.

E, ainda, um "short" cantado por uma cavalheira hespanhola exaggeradissima. E apresentado por Juan Pullido. Que, apesar de bom barytono. Não canta... A platéa toda divertiu-se mais com este "short" do que se fosse uma comedia...

RIALTO

CADAVER VIVO (Der Lebende Leichman) — Um film do convenio russo-allemão. Fedor Ozep foi o director. W. Pudowkin, conhecido director russo, é a principal figura, coadjuvado por Maria Jacobini e Gustav Dissl. O argumento é admiravel e se prestaria, com o material que possue, para um grande film. Mas, ao lado de scenas de bom Cinema, ha outras indesculpaveis. São boas scenas passadas na igreja, logo no começo. Os typos daquelle rabula e o vendedor de revolvers para suicidio.

Magnificas as imagens nas scenas em que aquella mulher vae ao aposento de Pudowkin e vê aquellas cartas rasgadas. Outros apanhados curiosos é de bom Cinema, mas em compensação, tanta scena redicula, mal feita e de pessimo Cinema. Parece que o film teve dous directores. Aquelles detalhes nas scenas do tribunal, por exemplo, são inopportunas, se bem que o resumo de todas impressões anteriores dos personagens.

Cotação: 6 pontos.

Lotti Loder

ORA

ESTA!

FOI DESCOBERTA NA ALLEMANHA.
E LEVADA PARA HOLLYWOOD.
QUE IDÉA!

O preço de um Capricho

(F I M)

Anne sentiu-se engasgar.

— Não se despede de Dick?

Dick chegava. Atirou-se ao pescoço delle, gritando.

— Tio Roller! Tio Roller!

Abraçaram-se.

— Vamos, Dick, eu me vou! Vem, acompanha-me até á porta!

O pequeno não quiz.

— Não. Peço á voce, tio Roller, não se vá!

Roller despediu-se. Alcançava já a porta. Duas mãos de seda enlaçaram seu pescoço. Labios quentes de paixão ficaram impressos aos seus. E uma phrase, morna e apaixonada, terminou aquillo tudo.

— Roller. Eu tambem não quero que voce se vá...

O Coração de Greta Garbo

(Conclusão do numero passado)

Tempos depois, um dia, reuniram-se, numa saleta de projecção. Um productor. Um director. Um scenarista e uma grande e famosa estrella. Apreciavam, ali, diversos "tests" de rapazes. Procuravam, entre os mesmos, um que conseguisse ser o typo que preferiam. Os galãs em "stock" já haviam sido estudados. Nenhum offerecia possibilidades. Os recem-chegados do palco, tambem. Peor ainda! Estes, de theatro, então, a grande estrella nem queria saber de ver, na téla. As agencias, todos os dias mandavam candidatos e mais candidatos.

Não havia, mesmo, um só que parecesse ser o typo que procuravam. A situação era complicada. Acabaria, mesmo, tomando o papel, um qualquer, ainda que não tivesse tido algum para o papel. E, ali, estavam, finalmente, vendo os ultimos "tests". Já estavam preparados para, mais uma vez, ver perdida uma tarde sem nada feito, quando, na téla, appareceu uma figura moça. Elegante. Sympathica. Forte. Distincta. E, dos alto-falantes uma voz poderosa. Cheia. Plenamente satisfactoria.

Quando terminou o mesmo, o operador falou, lá da cabine.

— Desculpem-me! O ultimo "test", desse moço alto, não era para aqui. Era para Mr. King Vidor.

E já se preparava para sahir. Quando o productor o fez parar.

— Espere ahi. Passe este "test" de novo. Até que o mandemos parar.

Passou-se. Para o pequenino grupo. Passaram 4 vezes o mesmo. Ao cabo delle, o productor voltou-se para o director e para a grande estrella.

— E então?

— Serve!

Disseram a estrella e o director, á um só tempo. E, assim, Billy, the Kid, que King Vidor estava organizando, perdeu um "test". Mas *Romance* ganhou um artista novo e perfeitamente dentro do principal papel masculino.

Ao cabo de alguns minutos. Um telephone soava. Dentro de um simples e pequeno quarto de rapaz solteiro.

— Hello!

— Mr. Gordon?

— Sim, é elle.

— Ah! Aqui é o departamento de publicidade. Nós queriamos, Mr. Gordon, que o senhor se apresentasse para tirar algumas photographias. Porque pretendiamos, já amanhã, mandarmos alguma cousa nova com as que seguem, com a noticia nova.

— Mas que noticia? Que photographias?

— Ora? Pois então não sabe que é o galã de Greta Garbo em *Romance?*...

— O que?

Depois houve um silencio e, do lado de cá, o publicista apenas ouviu uma exclamação.

— Meu Deus!!!

E, realmente, elle queria dizer era isso mesmo...

A vida, ás vezes, reune coisas assim interessantes. Para elle, ser galã de Greta Garbo, ser Tom, o pequeno ministro do romance de Sheldon, era, sem duvida, ser mais do que Presidente da Republica. Ou, mesmo, millionario. Nada elle trocaria pela posição que iria ter nesse paiz.

A primeira vez que a viu. Teve uma offuscação da vista. E, achando-a mais linda do que realmente o Cinema a mostrára. Ficou sem poder falar nada e sem nada poder fazer para a discussão sobre o film de que se tratava.

No dia seguinte, foi chamado ao Studio. Para a sua primeira filmagem. Cheio de uma immensa felicidade, soltou o seu pequeno *roadster* a toda velocidade. E, numa curva infeliz, ao fim de uma avenida, esbarrou com outro carro que vinha em direcção opposta.

Foi atirado, violentamente, ao encontro da calçada e, depois, quando o soccorreram, verificaram, logo, que elle tinha o braço esquerdo partido.

O seu braço, penso para o lado, partido, mostrava-lhe, nas dores cruciantes que lhe fazia, o quanto elle teria que soffrer, ainda. Assim, não mais podendo se conter, elle resolveu se entregar aos cuidados de uma assistencia publica. No emtanto, quando assim pensava, impellido pela dor que sentia, lembrou-se, de repente, que, se faltasse ao seu compromisso e não comparecesse para a sua primeira filmagem, perderia o papel. Não mais figuraria ao lado da sua estrella adorada. Toda razão de sua vida. E, então, o seu sangue de sulino valente. De montanhez que não conhece emoções. Tomou-se de coragem. Saltou, com o braço partido, mesmo, para o seu carro, e, rapidamente, alcançou o Studio.

Tomado de dores intensas, fez a sua maquillagem. Auxiliado, fingindo nada ter, trajou as suas vestes de epoca, que vestia no film. E, contendo-se. Para não chorar de dor, mesmo. Caminhou para o "set". E, durante uma hora toda, trabalhou, ao lado de sua sempre amada e idalatrada artista. Fez scenas fortes. Occupou-se com representação. E não figurou apenas em rapidos detalhes. E, apesar de tudo. Contendo sua dor immensa. Seu braço que já começava a inflammar, medonhamente. E nem, tampouco, com sua dor de cabeça pavorosa. E, mesmo, já a febre que o assaltava. Apenas fez valer a sua vontade de ferro e, em segundos, dominava tudo e terminava o seu primeiro dia de trabalhos ao lado de Greta Garbo.

Quando terminou o trabalho, e, após mais algumas delongas, disseram-lhe que, por aquelle dia, era o sufficiente, elle desmaiou. Mesmo nos braços de Greta Garbo, que proxima a elle se achava.

Quando recobrou os sentidos, achava-se num hospital. Tinha um osso fracturado. A clavicula offendida. E tudo já ligado e tratado. Mas elle ainda assim tentou se erguer. Tentou, mesmo, com tal impeto, que as enfermeiras logo chamaram pelo doutor.

— Mas não quero ficar aqui! Estou bem! Não sinto nada! Estou apenas magoado, ligeiramente! Deixem-me voltar! Quero fazer o meu papel. Que tanta espera e tanto sacrificio me custou.

Mas faltou-lhe força para continuar insistindo. Manteve-se na cama, mesmo.

Quando o deitaram, elle teve novo impeto. Mas, desta vez, ouviu-se uma voz. Era Greta Garbo.

— Mr. Gordon, não faça esforço. Olhe que está muito malucado! Vamos! Não se afobe. Temos tempo. Eu lhe prometto que não continuo o film sem o senhor!

Elle pensou que sonhasse. Mas não sonhava não. Era ella, mesmo. Greta Garbo. Que elle tanto sentira passar annos sem ver, em plena Hollywood. E que, agora, afinal, vinha-o encontrar no Hospital, mesmo. E, sem duvida, naquelle instante Gavin Gordon sentiu que aquelle desastre não passára, mesmo, de uma grande felicidade sua.

No dia seguinte, ella não veio. Mas vieram flores. Lindas rosas rubras. Que traziam, escondidas debaixo dellas, um cartão grande e perfumado. E, nelle, apenas.

— From Greta Garbo.

E, depois, soube, tambem, que, no Studio. Ella, na sua maneira peculiar de rebater as resistencias dos technicos, fazia tudo para cumprir a sua palavra e mantel-o no papel.

Soube, tambem, que ella ouvira todas as palavras que elle disséra. Desmaiado. Delirando. Terrivelmente febril e seriamente doente. Que ella soubera de toda a sua admiração, pelas suas palavras. Que ella soube, pelo que elle disse, de tudo que elle sentira, por ella, durante esses annos todos que os haviam mantido desconhecidos. E, assim, mais e mais admiração nutria pela grande artista suéca.

Na sua maneira peculiar, ella cumpriu sua palavra.

— Gavin Gordon será o meu galã!

Respondeu ella, simplesmente, apenas procurando dizer, numa phrase, toda a gratidão que lhe ia pelo coração a dentro. Pela sinceridade daquella confissão que ella ouvira. Tão inesperadamente. E tão sinceramente.

E, muito embora os productores quizessem proseguir. Tiveram que obedecer o veredictum de Greta Garbo...

Assim, emquanto elle se trátava, ella representava. Nos instantes que não filmava com elle. Com Lewis Stone, o outro homem da historia. Detalhes. E, assim, o film corria. Ligeiramente, apenas faltando, para ser concluido, apanharem-se as scenas com elle.

Depois, quando elle já conseguiu se erguer, fizeram as scenas em que elle tinha que apparecer como velho. Pois, ahi, não se notaria o seu abatimento. E nem, tampouco, o seu andar ainda tropego. Proveniente da fraqueza em que ainda estava.

E, consultado sobre Greta Garbo, elle teve apenas estas palavras.

— Ella é admiravel. Ajudou-me! Fez, por mim, aquillo que nunca pensei que della conseguisse.

Elle tem razão. Não estarão, agora, todos os que amam Greta Garbo, no mundo, dispostos a esperar uma opportunidade igual? Que tomem cuidado os chauffeurs para evitarem os desastres provocados que muitos andarão em breve procurando.

O que eu penso do amor

(Conclusão do numero passado)

— Quero que me conheçam melhor. Fallei do amor. E' permittido falar de mim propria? Para saberem quem sou. E o que penso. E porque penso. E' preciso que desçam, um pouquinho, os degráos da minha existencia. Offereço-lhes, aqui, a escada da minha alma. Querem descer?...

— Sou a mesma que era em criança.

— Muitos são aquelles que dizem ter mudado muito, desde crianças. Eu, com sinceridade, reconheço que muito pouco mudei.

— Eu ainda tenho as mesmas ambições. Eu ainda quero as mesmas cousas, da vida. Eu tenho os mesmos sonhos. Os mesmos amigos. Os mesmos pontos de vista... Sempre sonhei ser uma artista. Sempre quiz, para minha alma, o romance. Sempre, desde menina, fiz por acreditar que o mundo é bom. Agradavel e justiceiro... Nunca me importei com vestidos, dinheiro ou apparencia. Continuo assim, agora.

— Ainda sou idealista. A mesma idealista que fui aos 15 annos. Duras pancadas, da vida, não me mudaram.

— Se eu não acreditasse no mundo, eu não quereria viver. A's vezes que me sinto profundamente desilludida. Mas digo á mim propria que é assim, mesmo. E que, afinal, não devo me desilludir. E, pouco a pouco, afasto, de mim esse sentimento de derrota.

— Continuo, pela vida afóra, sendo a mesma romantica que fui na minha tenra idade. Eu ainda creio em *Principes Encantados*...

— Os mesmos sonhos que tinha na minha infancia. Tenho-os ainda hoje. Ainda gosto de contos de fada...

— Nas minimas cousas vejo que não mudei.

— Não apreciei, nunca, sorvetes, sodas, doces. Continuo não gostando...

— Eu jamais fiz, quando menina, montões de barro, para brincar. E' preciso que eu adapte isto á minha mocidade, hoje?... A limpeza, para mim, sempre foi a maior das obsecações.

— Jamais tive sympathias pelo meu nome. E sempre, mesmo, procurei ser outra pessoa. Quando mudava de collegio, lembro-me, mudava o meu nome. Era, desde pequena, o subconsciente que agia e que me aconselhava a abandonar o verdadeiro eu por uma figura de ficção.

— Amo presentes. Gosto immensamente de os receber. E gosto que venham bem embrulhadinhos. Em papel de sêda. E meticulosamente amarrados com laços de fita prateada...

— Sou cheia de vontades. Exactamente como fui, em criança. E' por isso que quero só para mim o homem que amo.

— Sei que tenho deffeitos. Mas por mais que os queira de mim afastar, não comsigo.

— Mentalmente, sou uma covarde.

— Sei soffrer dores physicas. Padecimentos fortes, mesmo. Mas não comsigo supportar um soffrimento moral. Esses me derrotam, completamente.

— Se me contarem que serei operada, porque preciso, no dia seguinte, conformar-me-hei cabalmente. Mas se souber que é alguem que amo que vae soffrer uma operação. A minha tortura é capaz de dar cabo de mim.

— As vesperas da exhibição de *Rio Rita*, por exemplo. Quando ainda não sabia qual seria o meu successo. Ou se seria, ao contrario, um redondo fracasso. Foram o maior tormento que já soffri, em vida.

— Não gosto muito da franqueza. Particularmente quando ella revela, na presença de estranhos, cousas verdadeiras...

— Não sou extravagante.

— Prefiro a modestia á opulencia.

— A cousa que mais odeio, no mundo, é ser lastimada. Soube, por exemplo, quando deixei a Paramount, que me lastimaram. Aquillo me deixou possessa! Sabia que diziam, de mim, que, com os *talkies* eu havia sido derrotada para sempre. Mas, sem duvida, essa lastima geral é que me serviu de intenso estimulo na minha nova phase de carreira.

— Sou extremista. Isto é, 8 ou 80...

— Por isso mesmo é que nem sempre sou feliz.

— Ultimamente tenho andado nervozissima. Ainda que queira conter meus nervos.

— Quero, na vida, o casamento. Que já consegui. E, ao mesmo tempo, minha carreira. Acho que ambas se casam, perfeitamente. Não seria feliz se me casasse com alguem que estivesse fóra da minha carreira. Quero continuar desenvolvendo minha voz. Até fazel-a perfeita. Assim, um dia, quando terminar minha carreira no Cinema. Ainda serei uma figura considerar, no lyrico. Porque, para ser artistica de theatro-lyrico. E' preciso, antes de tudo, ser gorda. Velha. Feia. Tendo bôa voz. Ainda que seja para papeis de ingenua...

— Amo a vida. E' mesmo, a cousa que mais amo. Confesso que temo a morte. Mas que poderei fazer para a evitar?...

— Agora, casada, amo mais meu marido do que minha mãe. Mas ella, bem o sei, recuperará talvez bem breve esse affecto...

A Mulher Miraculosa

(FIM)

Talvez seja o destino.
Talvez seja uma lembrança fallecida...
Talvez seja um orgulho pisado.
Talvez seja medo de ficar velha, mais cedo...

Mas agora. Livre até de seu ex-marido. James Cruze. Cujo divorcio segue seu curso normal.

Vae lutar.

Mais e mais. Com a maior firmeza. Com o maior enthusiasmo. Pelo unico idolo que agora a empolga. Que a domina. Que a faz esquecida do mundo, pela arte. O publico.

Carlito defende o silencio

(FIM)

— O esforço que fazem, certos scientistas, para se communicarem com Marte. Não é menor do que emprega um cidadão que quer se communicar perfeitamente com outro... Onde as palavras e onde a pantomima que me permittem dizer ao mundo a metade do que sinto?... Vivem os homens entre si proprios, ha annos. E, por acaso, conhecem-se? Considerem a estupidez do ignorante. E a futilidade do intellectual. Esta desarticulação da humanidade não é de se lastimar?

— Estou errado? Ou estou certo?

— Somente o publico poderá julgar. E somente o publico poderá applaudir ou refutar os meus futuros e sempre silenciosos films.

Tamar Moema a vampira de Labios sem Beijos..

(FIM)

nos meus "fans" Nortistas. Tenho receio... Mas a confiança que tenho em Deus e no meu destino. Permittem-me alguma certeza de successo.

—o—

Foi só isso que nos disse Tamar Moema. Voltava para diante da objectiva. Ia terminar o seu papel.

Nunca amou. Nunca beijou. E é a vampiro de *Labios sem Beijos*...

Vida, porque é que voce é tão engraçada?...

Cinema de Amadores

(FIM)

que o Snr. Harte é um conhecedor do "métier". A proposito convem fazer notar aqui o seguinte: quinze annos atraz, o mesmo Snr. Harte ideiou o emprego de films estreitos para os amadores. Embora não tenha sido o primeiro nem o unico a fazer isso, o proprio Snr. Harte cortou em duas metades o film de 35 mm., ainda não perturado, obtendo assim um film de 17,5 mm., o qual elle preparou com um par de perfurações para cada imagem. Depois de construida a camara, o projector e a perfuratriz necessaria, o mesmo Snr. Harte utilisou o film reduzido, possuindo ainda hoje, em sua casa, uma grande quantidade desses films, apanhados quinze annos atraz.

—o—

Conquistando o ultimo dos elementos, o ar, o film de 16 mm., acaba de passar com enorme successo os seus "tests" como auxiliar das grandes companhias de navegação aerea transcontinental, distrahindo os passageiros dos seus aviões e hydro- aviões. Foi com a cooperação da Duograph Inc., da Universal Pictures e de uma companhia de navegação aerea, que as primeiras experiencias nesse sentido se fizeram, durante um vôo desde Port Columbus, no Estado de Ohio, até Los Angeles, na California, e vice-versa. O projector Duograph empregado pesava 6 1/4 libras (2,868 kg.) e estava equipado com lampadas especiaes fabricadas pela General Electric. A Universal Pictures forneceu um programma de assumptos curtos e de jornaes, preparados em pellicula de 16mm. Diz-se que uma grande parte do successo obtido foi devido ao facto do film de 16mm., ser inteiramente incombustivel e eliminar todo o perigo de fogo a bordo. De accordo com as informações fornecidas pela Duograph, fizeram-se tres exhibições por dia, durante o vôo. A primeira a uma attitude de 10.000 pés (3.333 m.) a segunda a 13.000 pés (4.333 m.) e a terceira a 15.000 pés (5.000 m.). O aeroplano voava a uma velocidade 125 milhas horarias, ou sejam, 201 km., 125.

Jeannette

(FIM)

— E que sport prefere?

— Equitação.

— E divertimento?

— Patinação.

— E qual o seu passaro preferido?

— Os passaros azues. São tão gentis. Tão tristes. Que parecem um pouco de almas a voar sempre e sempre, sem descanço e sem paz...

— E que joia prefere?

— Sou dispendiosa, neste particular... Prefiro os brilhantes. E' a unica joia que, para mim, significa alguma cousa. Parecem-me compromissos. Juramentos...

— E que Cidade prefere?

— Berlim. Parece-me que é mais, para mim, do que Paris, Londres ou New York.

— E que estação prefere?

— Ainda sou joven. Ainda cultivo as esperanças como minhas flores favoritas. Direi demais se disser que é a primavera?... Gosto, sempre, dos começos das cousas... Talvez porque sejam um pouco tristes e tragam, sempre, recordações...

— Seu quitute predilecto?

— Caviar em torradas. Sem duvida, ao lado dos brilhantes, uma pessima perspectiva para algum marido que se me esteja destinado...

— Que artista prefere?

— Maurice Chevalier.

— E artista?

— Greta Garbo. Já preferi Pola Negri. Mas, agora, Greta Garbo é o symbolo da seducção feminina...

— E o seu artista caracteristico predilecto?

— Mickey Mouse...

— Sua orchestra favorita?

— A de Paul Whiteman, é logico.

— Sua canção querida?

— "To a Wild Rose", de Mc Dowell.

— Que salada prefere?

— "Avocado".

— Que peixe prefere?

— "Sand-dabs".

— Que côr de meias prefere?

— A de carne.

— Que doce prefere?

— Pirolitos de "pepermint".

—o—

Não lhes disse que Jeanette é uma pequena á moda antiga? Pois não é exacto que só mesmo uma pequena antiquada é que poderia pensar em primavera. Em brilhantes. Em cães inglezes. E em pirolitos de "pepermint"?...

O Preço de um Capricho

(CONTINUAÇÃO DO NUMERO PASSADO)

— Richard?... Não! Para mim vaes passar a ser Dick, apenas...

— E's um bom homem! Eu sempre quiz, mesmo, que alguem me chamasse assim...

— Achas-me bom? mas serei, mesmo? Olha que é a primeira pessôa que me diz isso....

O garoto correu, escadas acima. O creado annunciou-lhe que Madame o esperava.

Não que Anne o quizesse receber. Fôra Willard que aconselhára. Como socio de seu marido, estava tratando dos ultimos toques financeiros que o ligava á familia Tabor, ainda. E achára conveniente que ella ouvisse o causador da ruina de Walter.

— Ainda ha pouco estava com o seu esplendido filhinho ao collo, Mrs. Tabor...

Ella nem sorriu e nem respondeu.

— Poderá me dizer ao que devo a honra da sua visita?...

— Sim, minha senhora, é facil. Sei que me olha como se fosse o peor dos inimigos. Que não me vê com olhos sympathicos. Mas... De nada isso me impressiona! Apenas vim aqui, por causa de seu marido. Matou-se, porque arriscou, em cousa incerta. Aquillo que deveria ter guardado com carinho, para a familia. Sinto-o, devéras. Mas, creia, aqui estou para ver no que poderei servil-a e ao pequeno. Lembre-se, ainda, que ha um dictado que lembra: **Tire, de outro, aquillo que puder. Principalmente se fôr seu inimigo...**

— Suggere, então, que acceite dinheiro seu?

— E por que não? O que tenho, é meu. Feito com meu trabalho. Com meu esforço. De que me adeanta prender, commigo, o que ganhei de seu marido? Quero devolver. E, depois, tambem quero sua amizade. Não tive a menor culpa no que succedeu. Offereço-lhe, desde já, tudo quanto seu marido perdeu para mim.

— E por que tem esse tão grande interesse?

Anne perguntou. Com uma inflexão marcada na voz.

— Porque eu amo ás creaturas sinceras. Acho-a profundamente sincera. Não pense já. Reflicta. Maduramente. Aqui tem os papeis que documentam a compra que fiz desta casa. E' sua, de novo. Acceite-os. O resto, conversará commigo depois.

Sahiu. Sem tempo,, mesmo, para Anne dizer palavra que fosse. Willard soube de tudo, instantes depois.

— E' a sua opportunidade, Anne. Acceite-a. Só mesmo uma mulher será capaz de vencer a arrogancia desse Roller Mc. Cray...

— **Tire, de outro, aquillo que puder. Principalmente se fôr teu inimigo...**

Dizia baixinho Anne...

✣ ✣ ✣

Roller, dahi para deante, passou a ser figura obrigatoria na casa de Anne Tabor. Fez-se o maior amigo de Dick. Poz-se ao seu lado, como figura grande e amiga. Ella, sem o animar. Nos seus arroubos de paixão. Apenas tocava as suas peças predilectas. E, ouvindo-a, elle se deixava enlevar profundamente. Mas, apesar de tudo, aquellas visitas, para Anne, não passavam, mesmo, de profundos martyrios.

Um dia, quando Willard a visitava, ella exclamou, num rompante de colera:

— Jack! Eu já não o supporto mais!

Willard aconselhou-a. Recommendou-lhe mais um pouco de paciencia. Contou-lhe, rapidamente, que, em Wall Street, todos sabiam, perfeitamente, que elle se estava empenhando na acção de bolsa. Mais violenta e mais ousada de quantas já se tinham visto. E que, para poder derrotal-o, bastava apenas saber quaes eram os seus planos... E que ella Anne...

— Mas Jack! Eu o despreso. Despreso a mim, tambem, só pelo facto de o receber em minha casa!

Depois, pensou mais alguns instantes.

— E, você deve saber, a influencia que elle exerce sobre Dick é poderosa. Hoje, por exemplo, levou-o á uma partida de **baseball** sem siquer o meu consentimento...

✣ ✣ ✣

Aquella noite, depois de uma divertida passagem pela casa de Roller, aonde Dick se divertira com a graça do tio Andy. Um velho amigo de Roller. Dick deitou-se, pela mão de Roller. Este, quando desceu, deixou, nas mãos de Anne, uma caixa de velludo.

— O que é?

Perguntou ella, curiosa.

Depois, abriu-a. Eram perolas. As mais finas e as mais formidaveis que ella já vira.

— Para mim?!...

Elle affirmou. Anne pensou. Depois teve um sorriso ligeiramente sardonico.

— Ha tempos, eu teria atirado isto fóra... Mas agora... Não me disse que tomasse, mesmo do meu maior inimigo, tudo quanto fosse possivel?...

Roller olhou-a. Sorriu. Já se preparava para sahir. Anne o cercou.

— Fique mais um pouco. Preciso pedir-lhe um favor.

Roller ficou.

— E' que eu queria empregar meu dinheiro. Não seria, por acaso, capaz de collocar algum delle. Para mim. Na bolsa?... Tem tanta pratica...

Roller pensou.

— Anne, eu tudo farei para lhe ser agradavel. Tratarei, se quizer. De collocar, seguramente, todo seu dinheiro, mesmo. Mas, na bolsa, permitta-me, nada farei. Porque, como sabe, essa é uma lei que a mim mesmo impuz.

— Bem...

Anne demorou na resposta. Quando a deu. Fel-o com pausa e sublinhamento...

— Não direi mais nada. E' que eu... Bem! As suas leis, não tenho forças para as romper...

Estava ella bem perto delle. Suas narinas, dilatadas, sentiam, profundamente, aquelle perfume innebriante que della se exhalava. Um pouco dos misturadores sabios de Paris. Um pouco della mesma. Suave e odoroso perfume de pelle fresca e macia...

Roller não se conteve. Amarrou-a, com seus braços de gigante. Depois, quasi em cima de seus labios, murmurou:

— Anne. E's tão forte quanto eu! Admiro-te! Tudo farei por ti. Porque te quero. Profundamente. Desde a primeira noite que te vi. A noite do nosso primeiro encontro. Não podes negar que correspondes um pouco ao meu affecto...

Num relance, ella se livrou. Depois, voltou-se para elle.

— O que é isso? Vi bem? Ouvi bem? O grande Roller supplicante?...

Elle relutou segundos.

— Sim, Anne. Como queiras! Supplicante, sim!

Ella sorriu. Com ironia mais marcada ainda.

— Mas... Supplicante por uma cousa que nunca lhe poderá pertencer...

— Quero que seja minha esposa, Anne!

— Casar-me comsigo?... Bôa piada!...

Começou a se rir. Sarcastica. Nervosa e ironica.

— Piada?...

Num lance, enfureceu-se. Era o seu instincto primitivo. Beijou-a. Um beijo longo. Immenso. Ao qual ella não podia fugir. Depois, largou-a.

— Ahi tem! Guarde-o! E' o meu signal... Ha de se lembrar de mim, minha senhora...

Sahido do estupor em que ficára. Anne, rapidamente, ainda teve forças para lhe empurrar, na mão, o collar de perolas. Com um nojo que não podia esconder.

Willard, pouco depois, sabedor de tudo. Apenas lamentou que Anne não se houvesse contido. Por algum tempo. Afim de saber, ao menos, o que elle pretendia saber. Porque em Wall Street já se sabia, ligeiramente, que era qualquer cousa que se ligava á United Motors. Mas era preciso, para derrubal-o, uma informação segura.

Anne, no emtanto, continuava firme na sua decisão.

✣ ✣ ✣

Dias depois, Dick, inconsolavel, lamentava profundamente a ausencia de Roller. Anne já convencera o filho a não mais pensar em Roller. Mas o garoto. Sem que ninguem soubesse fazer funccionar o seu tremzinho electrico. Lamentava-se, sempre e sempre.

— Se ao menos já houvesse ganho o novo trem que Andy me prometteu...

— Andy?

Exclamou Willard, que se achava presente e que distrahido, ouvia a conversa do garoto.

— Sim, Andy. O tio Andy! Elle disse que tio Roller ia levantar as acções da United Motors até 600 e, depois, elle me daria um novo trem...

Willard ergueu-se, como se fosse impellido por alguem.

— Richard, tens certeza do que dizes, meu garoto?

— Se tenho? Tenho, sim! E hoje éra o dia que tio Andy me prometera levar ao **pic-nic**. Para brincar e ver os jogos todos.

Poucos minutos depois, Dick tinha a certeza de não mais perder o **pic-nic**. Telephonou elle a Roller, com autorização de sua mãe. E, ante o seu espanto, disse-lhe que Anne iria acompanhando-o...

Minutos depois, quebrando todas as leis do trafego, Roller encostava o carro á porta da residencia de Anne. E guardava, intimamente, a certeza de que éra correspondido, embóra discretamente.

Passou-se o dia. O mais feliz da vida de Roller Mc Cray. Todos os seus amigos de outróra, admirando-o, felicitavam-no e todos já consideravam a **lady** que o acompanhava. Como a sua melhor transacção...

Depois, emquanto se despediam. E o garoto, enthusiasmado, contava á creada o que acontecera, lá. Roller conversava rapidamente com Anne.

— Desculpa aquella gente, Anne. São rudes. Falam com o coração... Não os crimines pelo que disseram de ti. De tua belleza. E de mim e de ti, juntos... E, ainda...

Relutou. Depois, numa sinceridade infantil, terminou:

— E perdoa-me tambem aquelle beijo que te dei...

Anne pensou. Depois, sorriu, malevola e disse, lentamente:

— De nada, Roller. Aliás, o que aconteceu hoje... Paga tudo quanto fizeste...

Elle se animou, ainda mais, incauto.

— Posso vel-a, amanhã?

— Mas tem a certeza, Roller, de que me quererá ver, amanhã?...

— Vamos, Anne. Queria ter a certeza de outras cousas. Como tenho que te quererei ver amanhã.

Quando elle já sahia, ella lhe disse:

— Lembro-te, Roller, de uma phrase tua.

— Qual?

— Aquella de tirar tudo quanto possivel do inimigo...

Roller não comprehendeu bem. Mas, apesar disso, sahiu sorridente e satisfeito...

✣ ✣ ✣

Roller soube de tudo. Savage, seu secretario, tudo lhe contava. Mas elle, sorrindo, perguntou:

— O que me resta?

— Apenas 25 mil dollares!

— Bravos! E' sempre mais do que aquillo com que comecei... Mas não foi um **record** a minha quéda? Alguem já tombou assim depressa?..

— Mas tenho quasi a certeza de que foi alguem que avisou Willard de tudo! Elle começou a agir justamente quando sahiste. Não te conseguimos encontrar em parte alguma. Se tivessemos sabido, haveriamos de nos orientar melhor. Já se diz, por ahi, que foi uma mulher que fez isso. Uma mulher muito esperta. Uma amiga de Willard, talvez...

Tudo passou rapidamente pelo cerebro de Roller. Reconheceu, em segundos, a verdade toda. A victoria que sobre elle ganhára a argucia de uma mulher intelligente. E, só ahi comprehendeu o subentendimento das suas palavras pesadas e medidas...

— Tem graça...

Riu-se.

— Ainda te ris? O que ha de engraçado nisso?

— Tudo! Tudo, meu amigo!

Foi apenas o que lhe respondeu Roller. Depois, accrescentou:

— Deve-se, mesmo, na vida, tirar tudo quanto se puder dos outros. Para, depois, rehaver tudo, de novo...

Quando elle já sahia. E os seus companheiros tambem, chegou o tio Andy. Perguntou-lhe, amuado, se havia havido uma banca rota.

— Qual, Andy! Ganhaste! Afastei-te do perigo e puz-me ao lado da Errie Common. Ganhaste o dobro do que me déste.

— 25 mil dollares?

— Justamente!

E mandou que Savage lhe passasse o derradeiro cheque. Todos se embasbacaram, emquanto elle sahia, ao lado do tio Andy...

✣ ✣ ✣

Na mesma occasião, Willard entregava a Anne, em sua residencia, um cheque de um milhão de dollares. Era a sua quóta, na victoria. Ao recebel-o, Anne disse:

— Agora, Willard, é que sei o quanto custaram a Judas aquellas trinta pratas...

— Mas não quererás dizer que tens esse sentimento em relação a Roller?...

— Temo dizer que tenho...

— Vamos! Afinal...

E Willard chegou-se para perto della e disse, cynicamente:

— Está arrasado e nunca mais te aborrecerá!

✣ ✣ ✣

No dia seguinte, com Anne apenas podendo murmurar um bom dia. Roller achava-se em sua presença.

— Aqui estou Anne, porque vou deixar a cidade. Volto para o interior, de onde vim...

— Mas... Você sabe o que eu lhe fiz?

— Se sei?... Sei, sim e por que não? Por acaso não agiu você, dentro do jogo, com a firmeza com que eu agiria? Aliás você seguiu bem os meus conselhos...

Olhou-a.

Naquelle olhar, ella não surprehendeu, um só instante, algo que fosse sentimento ou magoa. Havia a mesma sinceridade. A mesma muda adoração de outros tempos.

— Apenas queria, Anne...

E tirou do bolso a caixa com perolas.

— Que as acceitasses. Ao menos as usasses uma vez...

Anne ficou completamente derrotada.

— Mas Roller... Usal-as? Eu não as posso usar, não as devo usar!!!...

— Use-as. Uma vez, que seja. Por mim...

Anne olhou-o. Seus olhos já se queriam encher d'agua.

— E' uma creatura realmente differente...

— Dizem...

— Mas como é que se ri assim, depois da derrota? Como é que se conserva assim animado?...

— Deixa-me que te diga, Anne. Elles pensam que eu estou varrido. Mas eu vou lutar. Outra vez. voltarei... Mas, se não voltar. Mesmo. Resta-me ainda um grande, immenso consolo. Sabes qual é?

— Não

— E' ter-te conhecido. Ter-te feito minha bôa amizade...

(Termina no fim do numero)

No, No, Nanette!

(FIM)

SMITH, mais que depressa fez transferir NANETTE para o hotel e quando já se julgava são e salvo do perigo, eis que lhe surgem, terrivelmente furiosas, mas perturbadoramente lindas, Flora e Betty. E mais ainda: o joven TOM TRAINOR, que doido por saber do paradeiro de NANETTE ali fôra parar, revoltado, fazendo mil projectos de vindicta. Mas ainda uma vez a solicitude do advogado afastou o obstaculo que TOM TRAINOR representava. E Smith já estudava um meio de se livrar das duas perigosas amiguinhas, quando appareceu a mulher do advogado que avisou que a Sra. Smith chegaria dahi a momentos. E mais depressa do que se esperava ella chegou.

O que se passou ali no "bungalow" risonha, as scenas que se succederam, as situações que as proprias circumstancias crearam são de tal modo comicas que todas as tintas empallideceriam na tentativa de reproduzir a scena toda. Afinal SMITH conseguiu escapar. Estava certo de que pelo menos tinha a seu favor as sombras daquella noite de tantas claridades para a sua "estrella" que fazia a sua estreia no theatro de Atlantic City.

Começou o espectaculo grandioso na sua imponencia, sumptuario na sua magnificencia e lindo nas suas luminarias, quando SMITH ao penetrar no seu camarote nelle já encontra, tranquillamente sentada, a Sra, Smith e a Sra.Earl, que se aproveitaram dos bilhetes que elle perdera numa daquellas tremendas confusões... De novo se repetem scenas de comicidade formidavel, agora na caixa do theatro, acabando a Sra. Smith e a Sra. Earl por surprehender o velho editor de Biblias, no mais indisfarçavel dos flagrantes, entre as tres preciosas amiguinhas. Tornou Earl, com as suas manhas de advogado habil a favorecer o amigo com a sua intervenção opportuna, dizendo que aquellas duas moças, Betty e Flora nada tinham que ver com SMITH. Tratava-se apenas de um caso puramente commercial. E explicou: vencedoras em concurso de belleza em Boston e Chicago, tinham sido convidadas para entrar na grande Companhia de NANETTE. Ante a explicação, a Sra. Smith pediu mil perdões ás lindas creaturas, penitenciando-se do mau juizo que fizera... e TOM TRAINOR, por sua vez, beijando as mãos do velho SMITH, grato pela grande protecção que elle dispensava á noiva, voltou ao palco com a NANETTE para fazer o ultimo numero da noite e depois partiram para a felicidade que sonhara no melhor dos casamentos...

Cinearte

Propriedade da Sociedade Anonyma "O Malho"

DIRECTORES
Mario Behring e Adhemar Gonzaga.

DIRECTOR-GERENTE
Antonio A. de Souza e Silva

ASSIGNATURAS

Brasil: 1 anno, 48$; 6 mezes, 25$;— Estrangeiro: 1 anno, 78; 6 mezes 40$.
As assignaturas começam sempre no dia 1 do mez em que forem acceitas annual o semestralmente.
Toda a correspondencia, como toda a remessa de dinheiro (que póde ser feita em vale postal ou carta registrada, com valor declarado), deve ser dirigida á Sociedade Anonyma O MALHO—Travessa do Ouvidor, 21. Endereço Telegraphico: O MALHO — Rio. Telephones: Gerencia: 2-0518. Escriptorio: 2-1.037. Officinas: 8-6247

EM S. PAULO:

Succursal dirigida pelo Dr. Plinio Cavalcanti — Rua Senador Feijó n. 27 — 8º andar — Salas 86 e 87 — São Paulo.

Representante em Hollywood:
L. S. MARINHO

Um pouco de Mary Brian...

(FIM)

— Meu Eddie! Meu bem! Desculpe-me! Eu não havia comprehendido, sabe?...

E enlaçou-o, chegando bem para perto delle a sua bocca vermelha e apetitosa...

Eddie empallideceu. A noiva, esverdeceu. E Mary disse, pelo canto da bocca, ao ouvido de Eddie.

— Não pagou?...

Ella trabalha tão continuamente que, afinal, faz do Studio o seu proprio lar. E' lá que se alimenta. Ás vezes lá que dorme, e quasi sempre lá que se diverte á vontade...

Charles Rogers, Phillips Holmes e Jack Oackie, são meus companheirões, Ás vezes, nos films, têm, elles, momentos romanticos. Com ella. Mas, na maioria delles, são momentos... barulhentos!!!...

— Francamente, ha tempos que me não divirto com collegiaes! Continuou ella.

— Uma estação pessima, esta... Trabalho até noites e noites. Quanto mais dias e dias... E se você soubesse como é divertido a gente se divertir com collegiaes... São tantos os que ficam apaixonados. E, consequentemente, engraçados... E, é logico, você sabe que aquillo que eu mais adoro é uma bôa gargalhada...

* * *

Mary, apesar disso tudo, vive com sua Mãezinha. E com seu irmão, tambem. Num dos appartamentos menos pretenciosos de Hollywood. Ainda que seja esplendido o seu salario e maiores, ainda, as suas esperanças e possibilidades. Pelo enorme successo dos seus films e da sua personalidade. Não tem limousine. Nem criadagem. Nem piscinas particulares.

Mary é simples. Moderna. Divertida. Agradavel. E, apesar de tudo isso, uma esplendida amiguinha e uma soberba artista.

No caminho do céu

(FIM)

— Porque?

— Vou juntar á um grupo de acrobatas, longe daqui e fazer uma temporada.

Greta suspeitou. Mas nem quiz suspeitar. Mudou logo de conversa.

Quando ella se preparou para deitar. E ia se despedir de Ned. Deu, no ultimo aperto de mão. Toda sympathia que ja sentia por elle. Elle se abaixou. Entre timido e receioso. E beijou-lhe a mão. Ella não a tirou das delle. Ahi ficaram, interdictos. Alguns segundos. Depois tornaram a se dizer bôa noite.

— Você é a menina mais suave e linda que já vi!

Fechou-se a porta. Aquella ultima phrase ficou brincando dentro dos seus ouvidos. A amisade de seus collegas. Os sorrisos do pobre Tony. O ciume feroz de Nick. Eram uma serie de cousas que a faziam desilludida do mundo. Mas a amisade de Ned. O seu sorriso. A sua prosa. E aquella sua phrase. Tão opportuna. Tão delicada e bôazinha... Deixaram-na quasi certa de que elle era mais do que um simples conhecimento, na sua vida...

* * *

No dia seguinte, Slim e Madame Elsie chegaram.

— Mas Greta, o que é isso?...

Explicaram-se. Ella nada contou sobre o crime do Nick. Mas disse que não voltava, porque aborrecia-se.

— Mas agora que vae começar o novo numero!

Nada ella acceitou.

A mãe de Ned, que ouvia a conversa, quando ouviu o nome da troupe. O nome de Nick. Approximou-se.

— Pertenceu á troupe acrobatica de um tal Nick?

— Sim!

— Pois foi para ella que meu filho hoje se dirigiu!

Greta afastou-se. Fôra uma bordoada que cahira pesadamente sobre a sua nuca.

— Ned?

— Sim, Ned.

Resolveu-se ella immediatamente a ir. Despediu-se da velinha. Disse-lhe que se ia encontrar com Ned. E, já presupondo uma serie de cousas más. Voltou para a companhia de Nick e de seus acrobatas...

* * *

— Greta!

— Ned!

— Você aqui?

— Pois sou eu, Ned, a companheira de você e Nick no acto! Approximava-se Nick. Nem perguntou á ella porque é que se afastára. Apenas lhe disse que se preparasse para os ensaios. E chegou-se a Ned.

— Menino... Você já conhecia Greta Nelson?

— Já. Ella se hospedou, ante-hontem, na pensão de minha mãe.

—Ahn!...

— E por que?

— Porque... Mas... Gosta della?

— Acho-a simplesmente esplendida! Se soubesse o quanto me alegrei quando a vi aqui, agora...

Nick teve um olhar sinistro. Greta, já prompta, chegava. Ouviu a ultima phrase. Percebeu o olhar de Nick. Apercebeu-se do ensaio que se approximava.

— Mas, menino, diga-me! Quem é que lhe deu a confiança de se referir assim á minha pessoa? Sabe, por acaso, se lhe ligo attenção?...

Atirou esta brutissima phrase á surpresa de Ned.

— Mas...

Não diga mais nada! Você aqui é empregado e não romantico sonhador! Vamos!

Nick alegrou-se. Seu semblante se illuminou. Fez uma caricia ao rosto de Greta, que lhe sorriu. E os tres subiram para o exercicio.

* * *

Horas depois, quando o silencio por ali reinava, Greta, sorrateira, entrava para o camarin de Ned. Não percebia, seguindo-a, o vulto sinistro de Nick.

—Ned!

— O que ha?

— Preciso explicar-me. Aquillo fiz, Ned, porque o amo!

Ned se ergueu. Não precisou de mais explicação. Sorriu e approximou-a de si.

— Mas o que ha, Greta!

— E' Nick. Elle já matou Tony. Por um ciume tolo e sem razão. Durante o acto, quando Tony cahia para suas mãos. Elle as amoleceu e deixou que elle despencasse pesadamente ao sólo. Meu Ned... Eu quero um destino melhor para você! Depois, não sei bem porque. Talvez pelo carinho que sempre me falhou, na vida, eu o amo mais do que nunca! Ned...

Abraçaram-se.

— Nada temas, eu me saberei defender. Amas-me?

— Demais, meu Ned!

Beijaram-se. Longamente. Com toda ternura dos seus corações moços e ternos.

Depois, ella se despediu.

Sahiu.

Quando sahia, Ned ouviu-a gritar.

Correu. Ao lado de fóra, sentado na balaustrada que ali havia. Nick apenas sorria, enigmatico. E apavorava Greta, com aquelle sorriso... Ned quiz falar. Mas ella fugiu. Nick apenas o olhou e tambem se retirou, pelo lado opposto...

(Continúa no proximo numero)

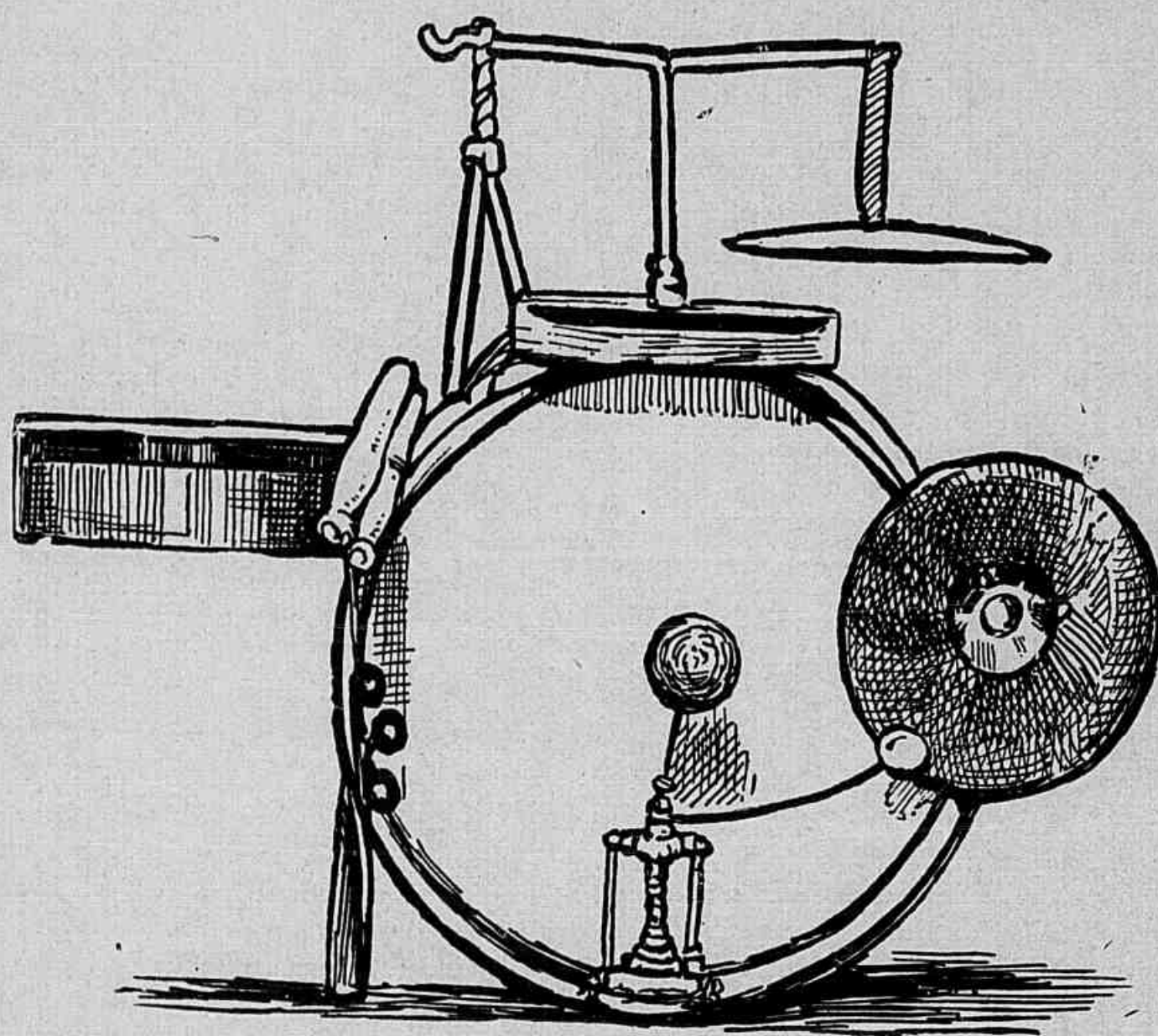
O FUTURO ATRAVÉS DAS CARTAS

Sempre foi a preoccupação maxima da humanidade conhecer o porvir. As chiromantes lêem nas linhas das mãos a *buenadicha* e as cartomantes procuram no mysterio das cartas saber o que nos reserva o destino.

Para todos..., a elegante revista que todos conhecem e apreciam iniciou uma interessante secção de cartomancia inteiramente gratuita para os seus leitores que "deitarão as cartas" por suas proprias mãos remettendo o resultado obtido para a redacção em um pequeno mappa que a revista publica e recebendo em seguida a resposta á sua consulta com o seu futuro desvendado.

Vejam o *Para todos...* e experimentem a sorte

GRANDE CONCURSO DA INDEPENDENCIA

SERÃO DISTRIBUIDOS NESSE PROXIMO CERTAMEN DA REVISTA "O TICO-TICO" 20 CUSTOSOS E ORIGINAES BRINQUEDOS

Um dos bellos premios do Grande Concurso da Independencia

LEIAM "O TICO-TICO"

Turuna da marinha

(FIM)

Não podia desilludir os paes della. Julgavam-na casada com elle. Nunca mais ali havia apparecido... Deixára-lhe aquelle bilhete... Aonde estaria?

E uma grande duvida. Uma intensa angustia. Apossaram-se delle todo.

— Alice...

Concordou com os paes della. Antes que lhe perguntassem mais alguma cousa e elle se trahisse. Sahiu.

Pelas ruas, á esmo. Sem destino. Começou a vagar.

Tudo lhe parecia vago. Apenas, engasgada na garganta. Trazia uma grande vontade de possuir Alice. Ali ao seu lado. Para a amar mais do que nunca. E para lhe dizer o quanto a queria bem...

Acabou, mesmo, entrando naquelle cabaret de peor especie. Marinheiros em quantidade. Fuzileiros. Toda uma onda de fumo e alcool. Que embriagavam e provocavam mal estar.

Entre as pequenas que serviam áquelles brutos todos. Estava Alice.

Elle, mal a fixou. Sentiu-se gelar. Do principio ao fim. Ella se achava em companhia de innumeros fuzileiros. Que não lhe permittiram delle se avizinhar para lhe falar. A idea de Kelly foi rapida. Ergueu-se Em dois saltos ganhava a rua. E minutos depois rapido, trazia em sua companhia Swen Swanson.

Entraram, por ali abaixo, como tufões. A murros. Levando, tambem, pancadas inuumeras. Varreram parte daquella multidão. E, por fim, Kelly conseguiu arrebatar a sua Alice do meio daquelles homens. Machucados. Feridos. Mas sorridentes e felizes seguiram para casa de Alice.

Lá, emquanto Swen contava ao Mr. Brow, as proesas da pancadaria. F. Kelly, á Mrs. Brown, já conformada e já satisfeita com as diabruras do genro. O quanto amava sua filha Alice.

Esta fugia para um lugarzinho quieto e pacifico. Ao lado do jardim.

E, lá, numa devoção espiritual. Recebia, loucamente amorosa. Os beijos mais apaixonados do seu querido Kelly.

Concurso de contos do PARA TODOS...

O maior e o mais importante certamen organisado na America do Sul — O conto brasileiro jámais teve maior incentivo no paiz.

A literatura brasileira já não é mais uma "pagina em branco", na phrase de um irreverente autor francez de ha um trintennio.

Uma legião immensa de escriptores novos vive, embora ignorada, em todos os recantos do paiz. Se quizessemos, por curiosidade, reunir num só volume todos os escriptos que jazem sob a poeira das gavetas, todos os trabalhos que a modestia ou a impossibilidade dos seus autores occultam no ineditismo, ergueriamos uma verdadeira torre de Babel de boa literatura.

A literatura nacional existe. Vive e palpita onde ha um coração humano servido por uma penna agil. E o publico a quer. Deseja. Pede.

Necessario é, portanto, arrancal-a, desencafual-a dos escaninhos da penumbra e trazel-a para os olhos desse publico. Elle já se cansou de rir em francez e soffrer em hespanhol...

Vamos ver "o que é nosso!" Temos legitimos valores que escrevem perfeitamente quer sobre os costumes do Nordeste e do Brasil Central, quer sobre a vida dos pampas ou das praias, dos centros turbilhonantes do Rio e de São Paulo.

As revistas da Sociedade Anonyma "O Malho", publicações nacionaes de maior tiragem e diffusão no territorio brasileiro, jámais têm deixado de amparar os passos da juventude literaria, animando-a para o futuro, recompensando-a.

Fazemos como Mahomet. Ella não tem coragem de vir até nós. Nós vamos ao encontro della.

GENEROS LITERARIOS

Afim de não confundir tres generos de literatura completamente diversos, resolveu "PARA TODOS..." distinguir os "contos sentimentaes ou amorosos" dos "tragicos ou policiaes" e "humoristicos", offerecendo aos vencedores de um genero os mesmos premios conferidos aos outros.

CONDIÇÕES

O presente concurso reger-se-á nas seguintes condições:

1ª — Poderão concorrer ao "CONCURSO DE CONTOS DO "PARA TODOS..." quaesquer trabalhos literarios, ineditos e originaes do autor que os assigna.

2ª — Esses trabalhos poderão ser de qualquer estylo ou qualquer escola, como ainda, escriptos em qualquer orthographia usada no paiz.

3ª — Serão julgados unicamente os trabalhos escriptos num só lado do papel e em letra legivel ou á machina.

4ª — O "conto" não deve ser confundido com "novella". Assim, os trabalhos para este concurso não devem ultrapassar a 15 tiras, ou meias folhas de papel almaço, mais ou menos.

5ª — Exclusivamente escriptores brasileiros pódem concorrer ao "CONCURSO DE CONTOS DO "PARA TODOS..." e os enredos de preferencia terem scenarios nacionaes.

6ª — Serão excluidos e inutilizados todos e quaesquer trabalhos: a) que contenham em seu texto offensa á moral; b) citem nominalmente qualquer pessoa do nosso meio politico e social; c) sejam calcados em qualquer obra anterior ou já tenham sido publicados.

7ª — Todos os originaes deverão vir assignados com pseudonymos, acompanhados de outro enveloppe fechado contendo a identidade e o autographo do autor, tendo este segundo escripto por fóra o titulo do trabalho e o pseudonymo.

8ª — Os concorrentes para este concurso poderão enviar quantos trabalhos desejem, e de qualquer dos generos estipulados, sendo condição essencial de que os originaes venham em enveloppes separados com pseudonymos differentes.

9ª — Todos os originaes literarios concorrentes a este concurso, premiados ou não, serão de exclusiva propriedade da S. A. "O Malho", durante o prazo de dois annos, para a publicação em primeira mão em qualquer de suas revistas: "PARA TODOS...", "O MALHO", "CINEARTE", "O TICO-TICO", "LEITURA PARA TODOS", "ILLUSTRAÇÃO BRASILEIRA" ou outra qualquer publicação que apparecer sob sua responsabilidade.

20ª — Todo trabalho concorrente deverá vir com a indicação do genero do conto a que concorre.

PREMIOS

CONTOS SENTIMENTAES		CONTOS TRAGICOS OU POLICIAES		CONTOS HUMORISTICOS	
comprehendendo todo o assumpto amoroso, romantico, lyrico, religioso.		comprehendendo todo o enredo de acção, mysterio, tragedia e sensação.		comprehendendo todo o assumpto de genero comico e de bom humor.	
1º collocado	500$000	1º collocado	500$000	1º collocado	500$000
2º "	300$000	2º "	300$000	2º "	300$000
3º "	250$000	3º "	250$000	3º "	250$000
4º "	150$000	4º "	150$000	4º "	150$000
5º "	100$000	5º "	100$000	5º "	100$000
6º "	50$000	6º "	50$000	6º "	50$000
7º "	50$000	7º "	50$000	7º "	50$000
8º "	50$000	8º "	50$000	8º "	50$000
9º "	50$000	9º "	50$000	9º "	50$000
10º "	50$000	10º "	50$000	10º "	50$000
11º ao 15º collocado—1 assignatura annual de "ILLUSTRAÇÃO BRASILEIRA", no valor de 60$.		11º ao 15º collocado—1 assignatura annual de "ILLUSTRAÇÃO BRASILEIRA", no valor de 60$.		11º ao 15º collocado—1 assignatura annual de "ILLUSTRAÇÃO BRASILEIRA", no valor de 60$.	
16º ao 30º collocado—1 assignatura de qualquer das publicações da S. A. "O Malho" — "PARA TODOS...", "O MALHO", "CINEARTE", "O TICO-TICO" ou "LEITURA PARA TODOS", no valor de 40$000 cada uma.		16º ao 30º collocado—1 assignatura de qualquer das publicações da S. A. "O Malho" — "PARA TODOS...", "O MALHO", "CINEARTE", "O TICO-TICO" ou "LEITURA PARA TODOS", no valor de 40$000 cada uma.		16º ao 30º collocado—1 assignatura de qualquer das publicações da S. A. "O Malho" — "PARA TODOS...", "O MALHO", "CINEARTE", "O TICO-TICO" ou "LEITURA PARA TODOS", no valor de 40$000 cada uma.	

ENCERRAMENTO

O "CONCURSO DE CONTOS DO "PARA TODOS..." iniciado no dia 21 de Junho de 1930, terá mais ou menos a duração de 5 mezes, afim de permittir que escriptores de todo o paiz, desde o mais recondito logarejo, possam a elle concorrer. Assim, o presente concurso será encerrado no dia 22 de Novembro proximo, para todo o Brasil.

JULGAMENTO

Após o encerramento deste certamen, será nomeada uma imparcial commissão de intellectuaes, criticos, poetas e escriptores para o julgamento dos trabalhos recebidos, commissão essa que annunciaremos antecipadamente.

IMPORTANTE

Toda correspondencia e originaes referentes a este concurso deverão vir com o seguinte endereço:

Concurso de contos do "Para-todos..."

TRAVESSA DO OUVIDOR, 21 — RIO DE JANEIRO

Entre todas as publicações
Cinematographicas
prefiro e preferirei o
"Cinearte-Album"
que está preparando,
para 1931,
uma edição luxuosissima
com bellos Retratos Coloridos
dos maiores Artistas de
Todo o Mundo

Offs. Gphs. d'O MALHO